

1º CADERNO

ASPECTOS DA TERRA DO DIVI-

NO ESPÍRITO SANTO -

UBIRAJARA ROCHA

U B I R A J A R A R O C H A

ASPECTOS DA TERRA DO DIVINO ESPIRITO

SANTO DO PINHAL

(Elogio de minha cidade natal)

1 9 7 8

A VICENTE MIGUEL, o amigo de hoje e
de sempre, bom companheiro de correrias espi-
rituais, dedico este livro.

U. R.

S.Paulo, fevereiro-março de 1978.

"São necessárias sentinelas nas muralhas, e contudo debalde montaria guarda se Deus não protege a cidade." O guarda da cidade é Deus, o Divino Espírito Santo. De nada valem os melhores esforços da policia, "se Deus não guarda a cidade."

PINHAL é uma comunidade florescente, em estado de ~~estagnação~~ contínuo crescimento. Disse o velho Darwin: "As comunidades que compreendem o maior número de membros, unidos por grandes vínculos de simpatia, são as mais florescentes."

Pinhalenses ilustres, alguns glorificados em bustos e estátuas e herma e placas nas ruas, praças e logradouros públicos da cidade. Tais marcas ou sinais viverão sempre --- "vivem ainda, após a cidade." Dizia Gauthier: "le bust survit à la cité."

Bastante difícil é o ofício de ser homem. Disse John Stuart Mill: "Entre as obras do homem que a vida humana se dedica a aperfeiçoar e embelezar, a mais importante é com certeza o próprio homem..."

I

PINHAL, minha linda cidade natal, depois de mim haverá de habitá-la meu mais íntimo e lírico pensamento. Cidade que amo e que sempre amei com um amor simples e verdadeiro.

Belo sorriso da terra de Piratininga, cidade brilhante e que precisa de um Ésquilo para perenizá-la em versos imortais. Doce é a alegria de revê-la, de a ela retornar... Suave é caminhar novamente por suas ruas ensolaradas, por suas manhãs de sol... Desde os primeiros passos pisamos recordações, doces lembranças e reminiscências de amor vêm ao nosso encontro. De novo vemo-nos caminhando ao encontro do amor e do desejo...

Ali há sol, há aromas bons, muitas carícias, e beijos nos cantos, sob as árvores, nos bancos dos jardins... Ali é doce passear com pessoas queridas, pessoas perfumadas e femininas em cujas feições há sempre o sorriso que embeleza a face do amor.

Ali há recantos aprazíveis, locais encantadores, cantos obscuros e ribas afortunadas que recordam abraços ardentes, cenas de amor, juras de amor eterno, suspiros, sussurros de lábios nos lábios...

^{Teseus}
Ali Abelardos e Teses perguntam:

"---Meu amor, quem é o guarda do seu jardim?"

E as Terezas e Ariádnas respondem:

"---O guarda do meu jardim é você!..."

Duas sensibilidades virgens, jovens nervos ardendo e oferecendo ao encontro do amor e do desejo. Dois corpos e duas almas apalpando com mão trêmula a felicidade...

---A felicidade é amar, é ter o sol, os beijos, as flores, os perfumes do ar...

Oh! como é bom ser feliz sob o alegre sol matinal de PINHAL!...

"Aos mistérios de Eleusis bastava contemplá-los" --- diz Camus, em Noces, seu livro belíssimo, perturbador. Para ser feliz nada mais é preciso que contemplar esta doce terra do Divino Espírito Santo.

Como é feliz o coração que ama uma cidade tão linda! Todos os que ritmicamente desmaiam a seus pés, diante de seus harmoniosos encantos, encontram a fugitiva silfide da felicidade, o elfo travesso da ventura...

PINHAL. Cidade pequena mas adorável. Ditosa é a fadiga, delicioso é o cansaço dos seus mantes, sempre com o coração a transbordar de amor...

Nas manhãs de PINHAL, em seu cenário inesquecível, minha ternura e minha saudade se misturam nas algazarras de cores e luzes, em orgias de amarelo, azul e verde...

Sol invencível de PINHAL --- sol de beleza, de ternura. Felicidade solar, na doce manhã...

Depois vem o vasto silêncio do meio-dia.

Sabe o PINHAL que é bela e que, como é natural, tem o orgulho da sua beleza. (Aqui o orgulho não é o famoso pecado de Satanás).

Ali se respira felicidade por todos os lados. Não há nenhuma vergonha em sentir esta felicidade solar. Digo que ali tive tempo para burilar com emoção, amorosamente, a face do ~~1994~~

destino (e, também, de golpear, furiosamente, o outro lado do rosto do destino). A paisagem pinhalense não me traz nenhuma recordação penosa; não sinto remorso nem vergonha nem humilhação por ter vivido ali...

Aprovo de coração esse belo e nobre orgulho de PINHAL. Aprovo os seus prazeres simples, a sua modesta alegria de viver.

Oh! As filhas de PINHAL.... Suas filhas são belas, e não são belas apenas uma estação --- são moças que pertencem a uma floração risonha que dura muitos, muitos anos, sempre com a mesma beleza no corpo e na alma.

Como é bom amar a afrodisiaca beleza dos belos corpos!

Moças tão belas, como esquecê-las? Elas ostentam seu prazer um tanto animal, sua vida algo pagã, sua sensualidade não muito cálida com uns toques de inocência. De licenciada inocência, devo declarar.

As lindas moças de PINHAL... Lá vão elas caminhando com elegância, andando com calma, com a graça sensual da linha ondulante...

Boas, agradáveis revelações, que não trazem nenhum remorso ou arrependimento. Como disse o acima citado Camus, naquele mesmo e formoso livro seu: "Após tantos anos essas recordações ainda persistem, em algum cantinho deste coração de fidelidades todavia tão difíceis."

Recantos encantadores, como dissemos, ruas poéticas do torrão onde nasci --- sei que, "se eu lá voltar, o mesmo céu dobra ainda a sua carga de ventos e de estrelas." Tal é o que diz o nosso Camus, só que em outro livro seu, o Minotaure.

PINHAL --- terra do sol, de beleza, de pureza... Moças e rapazes lá queimam avidamente as suas vidas, bem perto ou no centro mesmo da felicidade.

PINHAL, "cidade aberta" --- cidade que "abre-se no céu como uma boca". De longe podemos sentir o frêmito de suas asas. Em PINHAL, pelo menos o homem é pleno, é integral. Ali não se verifica o "secreto encolhimento das cidades em si mesmas". Com efeito, a maioria das cidades se fecham, são "fechadas"...

Já o dissemos: a felicidade pinhalense é solar, aberta, ostentada ao sol.

PINHAL é "cidade do sol", cidade estendida com sensualidade sonhadora no sopé do morro, reclinada e sonhando com voluptuosidade ao pé da serra...

Os jovens de PINHAL não têm o estoicismo trágico dos heróis de Malraux; eles amam o prazer sensível, apreciam a felicidade dos sentidos, não são sutis, não "curtem" inquietações secretas; contudo, damo-nos pressa em declarar que não são "imorais", nem "amorais" --- eles têm um contáto direto com o real sensível; só isso.

O sol, o vento leve, o azul quase áspero do céu, as doiradas moças, a doçura dos crepúsculos... As moças em flor... Estas moças vivem uma vida à altura da sua beleza. Quando chegará para elas o declínio, o esquecimento? (Não pensemos nisto; pensemos em outra coisa).

As nossas moças, se apostaram na beleza do corpo, decerto de antemão sabiam que iriam perder.

Moças belas, ardentes, vivas --- moças de formosos corpos. Gozam alegrias sãs; sorriem, riem de puro deleite de viver. Gente moça a viver uma vida ideal. Gente moça com atitudes de atletas de Delos... e que se sente bem ao sol.

Misturados, vivem moças e rapazes, alegremente, espontaneamente, sem represar os desejos para os tornar mais agudos. (como pedia o cerebral Gide, o complicado Gide, o cinico partidário de Corydon). Os jovens multiplicam os desejos à força de saciá-los.

Moças finas de PINHAL, moças que amam as sensações finas, os prazeres delicados: eu as saúdo, com devoção pagã.

Romantismo da felicidade, fascinação perante o sensível (o fascínio é feito de atração e terror). Gostar do prazer rápido --- um belo baile ---, e depois o esquecimento. "Partir para outra." Tal é a politica de muitas moças...

PINHAL --- cidade à qual tenho que voltar sempre. Cidade que não posso esquecer...

PINHAL --- terra de Camilo Lellis, o Sócrates de minha juventude. De Domingos Ramaciptti, o Tales ou o Pitágoras de meu tempo de estudante.

Terra --- por que não dizê-lo? --- de minha felicidade sensual. Terra onde conheci a moça que quase me matou de felicidade. A moça "que me deixou morto de tanto prazer".

A alegria de viver é maior sob o "olho ardente do sol" (Shakespeare), sob os esplendor solar.

Os jovens de PINHAL conhecem essa assim chamada felicidade terrestre. São moças e rapazes sem urgência, com o desdém voluptuoso dos jovens da Renascença italiana (mais precisamente, florentina).

São terrenalmente felizes os jovens sob o céu ^{discreto} ~~inquieto~~ e luminoso de PINHAL. As deusas e ninfas da cidade têm o sorriso alegre que constitui o seu principal encanto. Essas moças, muitas delas, vivem sem impetos para uma sensualidade doentia; chegam até a ser sérias, ponderadas, molestas...

---Quanto a mim, sempre apreciei ~~uma~~ ^a bela alegria dessa aristocrática gente do sol, que é a brava gente pinhalense. Digo com toda a franqueza: eu fui feliz em PINHAL. (Como aliás tantos outros antes e depois de mim).

Como é bom viver longe do cru, do repugnante materialismo das grandes cidades!

Em minha linda cidade natal gozei belas felicidades na curva dos dias --- dos dias lançados nas ^{praças} ~~praças~~ do tempo.

Quem vive em PINHAL vive a felicidade terrestre, vive venturas "ideais". Foi Camus quem disse: "não tenho alma bastante para as compreender" --- para compreender essas ~~venturas~~ ^{de} ideais --- e assim se justifica: "Não que tenhamos ~~que~~ ^{de} comportar-nos como animais, mas não encontro sentido na felicidade dos anjos." (Noces).

A felicidade do anjo é mitica, é um mito. Desconhece as "pulsações violentas do sol das duas horas."

Podemos pressupor, sem o dizer, que o ardor de viver está na juventude. Infelizmente, a gente jovem, real e bela, está "prometida à morte num mundo de morte".

"São necessárias sentinelas nas muralhas, e contudo de balde montaria guarda se Deus não protege a cidade." O guarda

da cidade é Deus, o Divino Espirito Santo. De nada valem os melhores esforços da policia, "se Deus não guarda a cidade".

---Sempre digo aos meus amigos: Visitem o PINHAL, visitem a minha terra. Vocês não se arrependerão...

Em PINHAL podem encontrar-se moças e rapazes semelhantes aos da Grécia antiga; ali passeiam pelas ruas, despreocupadamente, Antigonas (aquele doce moça que só sabia amar), Hipólitos, Ifigêneas, Alcestes, Teseus... Almas sem rugas, sem dureza.

Vibram na arena da vida, no ringue dos professores, não sobrecarregados de culpas e remorsos. Dito de outro modo: vivem com a audácia e a simplicidade de uma moça de short e de "frente única".

São risonhas moças e bronzeados rapazes brincando sob o esplendor solar da cidade. Moças, ou melhor, ninfas e ninfetas dominadas por cândida sensualidade, fremindo sob o apetite egoísta da felicidade.

Rejeição raivosa, sentem algumas, pela abstrata felicidade do anjo. Todas aspiram --- quase todas --- aspiram às alegrias sensíveis.

Existem em PINHAL --- sempre existiu --- uma "safra de jovens prometidos à morte". ^{Pululam} ~~Pululam~~ ali, o lirismo jovem, o romantismo dos atos, as vidas que se desejam cantar. Há, também, em muitos, a "meiga indiferença do mundo", como diz Camus, em L'Étranger.

O que mais se cultiva em PINHAL é o amor. O amor profundo, doce, apaixonado, efêmero e eterno, fugitivo e maravilhoso. Disse Camus, em A Peste: "O homem é uma idéia, e uma idéia bem pobre a partir do momento em que se desvia do amor."

Em PINHAL as vidas são iluminadas por afeições --- simples e complexas. Ali todos amam: as jovens deusas de shorts e os jovens deuses ^{de calção e} ~~que preferem~~ a "religião da felicidade". São "doentes da beleza", consomem a vida em beleza, em amor, em desejo doce --- em sol.

Ao se olhar para a juventude pinhalense lembramo-nos, irresistivelmente, de Camus e suas páginas esplêndidas, em suas

páginas inesquecíveis de seu livro poderoso cujo titulo é Noces. O grande escritor descreve, neste livro, os automóveis carregados de deuses e ninfas, onibus levando alegres, ruidosos carregamentos de jovens deuses e deusas. Deus --- diz o escritor --- Deus tarda a passar por essas vidas. É muito cedo ainda, Deus espera, pacientemente...

II

PINHAL. Não me esquece o PINHAL, com seu progresso, com sua grandeza material, sua riqueza humana, suas belezas, seus amores --- seu sol. Imagem tão doce da minha terra natal. PINHAL --- cidade-alma, quase adormecida no seu brilhante encanto moderno.

O apêlo da cidade natal, em mim, se faz imperioso; creio ser esse um sentimento que ocorre com todos. É, pelo menos, o que ouço dizer. Quando dela me afastam as contingências da vida, quanto mais dela me separam as duras necessidades, mais o amor ao lindo rincão de nascimento se purifica, e aumenta.

Tive que sair de PINHAL e iniciar um interminável "exôdo" pelas cidades do interior de São Paulo. Exigências de minha espinhosa profissão de policial, de homem da lei. Mas em toda a parte, por todos os lugares aonde ia, levava na mente e na memória a doce imagem do torrão natal. Carregava comigo o retrato da harmoniosa, cativante, encantadora gentry pinhalense.

^{Creio}
~~Ninguém~~ que ninguém, ninguém poderá viver sem se ^{lem-}~~lembrar~~

brar, continuamente, da santa terra onde nasceu. Todos nós (acredito eu) estamos nupcialmente ligados à gleba onde nasceu. Este

é um amor orgânico, carnal ao solo natal.

Regressar à cidade natal, é como regressar à casa paterna. Diz a terra ao filho que vem de longe, ao filho que a visita:

"---Oh! filho, fica conosco. Fica. Ficaaaa!... "

Diante disto, o filho nunca mais vai embora... Como se fosse a própria voz de Deus a dizer com bondade ao viajor, como se Deus estendesse as mãos ao peregrino do mundo, nesta frase:

"---Vem a mim, pequena alma humana! Vem, pobre servo cansado!..."

Para ilustrar, plasticamente, este escrito, tomei emprestado esta frase de Ladislau Reymont, em Os camponeses, livro lido no mundo inteiro.

PINHAL, a pequena porém brilhante cidade onde eu nasci, fica estendida em doces morros e suaves colinas, está dominada pela azulina Mantiqueira, serra de longos e possantes ombros róxos. Homens calmos, mulheres doces, lindas e alegres crianças --- vibrantes e incertas como abelhas --- povoam esse pequeno mas formoso trecho do Estado bandeirante.

PINHAL --- microcosmo da beleza, do sonho, do amor e da esperança humana.

Todos os ^{anos} ~~anos~~ deixo tudo de lado e ponho-me a caminho --- parto em busca da minha terra natal, vou ao encontro da minha cidade natal, como o herói antigo em busca do "Tosão de Ouro". Como um aventureiro espanhol no rumo do Eldorado, de Cólquida, das auríferas terras de Golconda. Vou como um hebreu do Velho Testamento, recém-saído das terras do velho Egito, tristes terras de servidão, ou de horrível cativo como o da Babilônia, à cata de Canaã, da Terra da Promissão, onde correm rios de leite, ~~xxxxx~~ arroios de mel...

Ao torrão de nascimento anualmente retorno, muito pressuroso e saudoso --- morto de saudade ---, sobretudo porque ali sonhei, ali amei certa mulher que não pôde ser minha mulher...

Naquela serra boscosa inundada de poesia, batida de sol, foi que encontrei aquela que viria a amar mais do que a mim próprio.

Mas falemos dos pinhalenses. Os pinhalenses amáveis são

maiores do que a sua terra mas estão fortemente --- melhor diria se dissesse que estão carnalmente --- ligados a ela. É o que digo eu, que os conheço bem, e posso falar assim porque também sou de lá, sou conterrâneo daquela boa gente.

Todos os bons pinhalenses geralmente voltam para morrer entre seus parentes e amigos, na terra onde nasceram. "Liquidam" os negócios, encerram suas atividades lá fora e retornam, como na parábola do filho pródigo, à casa paterna, onde é recebido de braços abertos por todos. Retornam para o amor e para a morte. Benvindos são...

Há, de fato, como tenho dito, uma ligação orgânica, carnal eterna entre os pinhalenses e sua cidade de nascimento. Eles nunca a esquecem, trazem-se na sempre na memória, no pensamento e no coração; e, sempre que podem, estando fora, vêm visitá-la e, por fim, vão habitá-la para o resto de seus dias.

Dali não saem mais, ali permanecem até tornar-se simples farrapos de vida, meros fios de vida oscilando, trêmulos, como o último lampejo da chama azulada que se extingue.

Vacilam, melancolicamente, como num mortiço raio de luz que vai extinguir-se nas trevas, mas ainda teimando em idealizar, em sonhar com os trabalhos e os dias de uma vida nova.

Ah! os velhos e fortes pinhalenses... Vi-os muitas vezes, a sorrir melancólicos, com as almas carregadas de saudade, carregando o esquife duma pesada tristeza, os olhos nublados de lágrimas, com uma compassiva piedade a curvá-los para o chão... Vi lágrimas rolares por faces e rostos que em breve ~~iriam~~^{iriam} desaparecer deste mundo --- rosto de gente que ia deixar esta terra dos pinheirais, terra de sol, de beleza, de desejos, de amores doces, de tantos abraços e beijos...

PINHAL --- terra de vidas doces, de gente rica; terra de gente pobre com vidas ásperas e espinhosas; terra de gente que se consome em prazeres enervantes, que se curva num trabalho esfalfante. Gente a esgotar-se no prazer, no tédio e no trabalho.

PINHAL --- terra de moças lindas --- de moças lindas de mais --- tão lindas que todos as desejam em segredo. São por todos desejadas em segredo, em misterioso amor, e por isso são ~~amadas~~

acusadas como autoras de escondidos e deliciosos pecados. Pecados perdoáveis, na verdade, porque pecados de amor...

Todos secretamente querem ~~ir~~ dormir com elas, intimamente vão para a cama com elas, amando-as e beijando-as loucamente... Em PINHAL, todos se amam, ou em realidade ou em sonhos... É triste porém quando alguns despeitados, não podendo concretizar seus sonhos de posse carnal, não hesitam um só instante em denunciar as lindas e pobres moças, acusando-as como cães raivosos, a est açalhar-lhes a reputação...

Mas --- com a permissão do leitor --- não falemos mais nisso, desviemos o olhar dessas misérias de lugar pequeno...

A gente de PINHAL não é um tanto vaga, irreal, "abstrata" como aquela gente descrita por André Malraux, em seu notável Les noyers de l'Altenburg: o povo pinhalense é um povo que vive, um povo "real", que respira com as plantas e as flores, com o tempo que muda e entretanto não muda, com os dias e as noites que são diferentes e no entanto permanecem sempre os mesmos, tudo a se repetir com mortal monotonia, sem sair do seu ramerrão normal devastador. Monotonia das paisagens e das estações ~~xx~~ rivaliza com a monotonia dos hábitos da cidade.

Em PINHAL, a monotonia das paisagens e das estações rivaliza com a monotonia dos hábitos da cidade. Mas isto não importa; o que queremos é sentir novamente o gosto, o sabor, o perfume daquelas paragens benditas, rever os amigos, fitar de novo as mulheres e as crianças, entressonhar com as plantas, as serras, as águas, as árvores, os caminhos... É agradável percorrer o circuito da vida, circuito monótono e que ali escorre com a lentura de um óleo denso, que ali se arrasta penosamente como feridos num campo de batalha, caminhando com vagares de mulher grávida, andando lentamente, gravemente, como o diplomata a caminho da conferência...

O pinhalense silencioso e obscuro não costuma fingir-se de herói, como Teseu, herói da antiga Grécia, vitorioso príncipe de Atenas, jovem e feliz. A mulher de PINHAL, abnegada e ~~anh~~ silenciosa como a Graziela de Lamartine, não quer passar por metamorfozes singulares, históricas, como as de Maria Antonieta, ~~da~~

querendo passar por camponesa, no Trianon. A maioria das mulheres de PINHAL aspiram a ser novas Antigonas, pois Antígona era "a mulher que só sabia amar", exatamente o oposto de Lady Macbeth, "a mulher que só sabia odiar".

A grande maioria dos homens e mulheres de PINHAL é constituída de pessoas simples, mesmo singelas. Pessoas anti-destino, anti-climax, anti-heroísmo.

III

Em 1964, comovidamente, escrevi uma modesta narrativa histórica a respeito da terra onde nasci, dando-lhe o título de Pequena História da Civilização Pinhalense. Achei que era impossível para mim passar um traço de pena, riscar todo um brilhante passado como é, realmente, o passado histórico de PINHAL.

Somente um ser cruelmente privado de alma poderá esquecer a terra onde nasceu. Todos os seres normais sentem fervoroso amor pela sua cidade de nascença; é com aquele "ar" que nossa alma respira e nutre-se; fora, nos longes da distância, todos vivem na constante recordação do solo natal. Fora ou longe deste solo, todos como que se sentem isolados do mundo, ficam "no ar"...

A cidade natal, por humilde ou insignificante que seja, jamais se apaga, jamais se submerge na deslembração. Com seu esquecimento não é possível viver bem. Esquecer a terra, pode-se nunca.

O mau cidadão, o "mau caráter" que, porventura, intentar esquecer o torrão natal é um desastrado; faz, desastradamente um jogo duplo, oscila entre ambiguidades; "apanhado entre dois

fogos", por isso "dança ora num pé ou noutro." É criatura que não merece fé, não é digno de confiança.

PINHAL --- minha terra amorosa e confiante. Não a troco nem por todo o ouro do Peru, nem por todo o ouro do mundo. Amo-a agora mais do que nunca, mesmo sendo um velho de rosto enrugado, murcho --- mesmo estando afundado na velhice desiludida, amarga, sofredora...

Eu amo PINHAL e sua história --- sua ^{leal e} ~~brava~~ brava gente, seus costumes, suas tradições. Adoro suas lindas filhas --- moças com as quais sonha a cidade inteira --- moças que, vez por outra, cheia de fel, a nauseabunda "respeitabilidade" burguesa intenta "expulsar" do paraíso...

Sim! a maledicência não perdoa e existe em toda a parte. Assim, dizem as más línguas que houve na cidade um "padre novo", um sacerdote jovem que amou inocentemente, ingenuamente uma moça fina, de sociedade... Quando foi isso? Já me esqueci...

Os jovens efêbos de PINHAL, e suas ninfas e ninfetas tão deliciosas e boas de a gente querer, amam os ardores do sol. Cultivam as paixões terrenas, paixões ^{quentes,} ~~quentes,~~ ensolaradas. Ali, a chama do amor arde sem cessar, queima sem parar. Ali, o coração é uma pira ardente, uma ardente capela de amor...

Faz bem ao coração amar as moças lindas, as doces e longas e enxutas belezas. Temos o dever de sofrer por sua beleza --- devemos cair em uma espécie de devoção pagã diante de sua carne ^{bela} ~~linda~~ e viva. As moças bonitas merecem essa adoração, esse culto idólatra.

Já o dissemos, mas nada custa repeti-lo: os pinhalenses são maiores que sua terra. "O laço que os prende ao solo natal é coisa muito diferente de uma sujeição." O pinhalense ama sua terra com um amor livre, aberto, espontâneo, franco. sem imposições.

Através da memória procuro reviver coisas e fatos agradáveis acontecidos comigo em PINHAL. Estes se representam diante de mim, não "trazendo-me uma poeirenta imagem ante a cortina do consciente", mas, na realidade, reconstruindo-me vivências e configurações antigas, formas já vividas. Minhas "recordações" não

são pálidas imagens, pistas ou vestígios dos fatos, cenas ou episódios que vivi, "mas, sim, fatos novos, cenas novas, episódios novos, elaborados ativamente por mim com singular esforço evocativo. --- Minhas lembranças "nunca são idênticas ao conjunto de impressões que agora representam." "Cada reminiscência ou recordação é apenas um fato psíquico semelhante, que aceitamos como representante de um original, mas que nunca podemos considerar igual a ele. E isso pela simples razão de que, no ato de evocar uma recordação, não se verifica um retôrno do passado, e, sim, uma retropulsão do presente até ele. As circunstâncias pessoais (disposição ou estado de ânimo, necessidades dominantes, etc.) podem ter mais importância na imagem obtida, que as características primitivas da experiência, do fato ou da forma representada". (Emilio Mira Y López).

"Não há nem pode haver recordações inteiramente fiéis; mais fácil seria haver cópias iguais a um original, e todos os críticos de Arte sabem que não as há." (idem).

Muitos "saudosistas" perguntam: Mudou o panorama, mudou o cenário, ou mudei eu?

"A memória sempre se modifica, de acordo com as situações ambientais e pessoais em que se exerce a sua atividade." (idem).

Recordar --- dar o "salto para trás" --- jamais será encontrar a mesma configuração ou fisionomia dos lugares conhecidos no passado. Tudo muda e é diferente, no pleorama mnemônico...

Mas --- chega de psicologia; já nos embrenhamos que faremos na ciência da alma...

Retomemos o fio de nossa dissertação.

Falemos novamente de nossa abençoada terra natal, terra protegida pelo Divino Espírito Santo, terra guardada por Deus.

PINHAL, aprazivem recanto, "que os homens souberam tornar tão agradável para os ociosos deste universo apinhado". Lugar agradável de se viver, escolhido mesmo pelos pobres, não demasiados, desses sem casa para a noite, sem morada para o dia.

PINHAL é a cidade onde o amor pode encontrar um refúgio

cúmplice, um esconderijo seguro para expandir-se à vontade; existe sempre, ali, um desvão de escada, um vão de porta onde um homem e uma mulher apaixonados esquecem o drama cruel da existência, os os "seres gozam na ternura a impressão de que a eternidade está presente num momento."

Em PINHAL sempre soa aquela hora do relógio que Mallarmé deu o nome de "hora sublime", a hora do amor.

PINHAL, cidade lirica e sensual --- uma vez que se acêite a qualificação de "afrodisiaca", dada por Bergson à nossa sociedade e ao nosso século.

E nem é tudo. O menino das ruas, em PINHAL, por vezes vê exposto nas paredes e nos muros o grito do sexo --- o grito agônico, selvagem, despudorado da carne escrava e semilouca. Em nossa cidade --- estarei errado? --- há indulgência, tolerância, benevolência para as coisas da vida sexual. Há mesmo? Pode ser que não. O que sei, com certeza, é que há paciência benévola com as coisas do coração. Ali, quando um homem e uma mulher tentam amar-se ou ^{se} entregar um ao outro com delírio, passa pelo ar um instante de paz.

A doce e linda menina deseja e quer amar com paixão. Ignora-se a resposta da mamãe, mas é certo que a menina consegue sempre obter arrebatadores momentos de amor, devastadores minutos de amor total. Em realidade, quem é que pode com elas?...

"Um minuto de paz, é agradável de ter" ---dizia Heitor em La guerre de Troie n'aura pas lieu: Declaração "importante" que a pequena Polixena "esticava" para ^a tornar mais perfeita: "A gente sente-se bem melhor, não é verdade mamãe?"

Todos se sentem bem, depois do amor ---depois dos momentos de prazer.

As meninas "amorosas" --- "animaizinhos cruéis" --- confundem o amor com beijos e palavras meigas esquecidas no dia seguinte. Seu amor dura um dia, uma hora --- dura um beijo...

O amor é sentimento cujo tédio e cuja suavidade atormentam as almas nervosas. O amor entra pelas fendas e pelos vãos de nossa vida. Viver amorosamente é viver contente. "Viver, no fundo, é arranjar as coisas de modo a estar o mais contente possi-

possível. E isso não é fácil." (Françoise Sagan, Un certain sourire, Paris, 1956).

Meninas "amorosas", ninfetas sensuais, vão para a morte só falando de coisas provisórias. Cabecinhas cheias de "pequenos pensamentos glaciais e escorregadios como peixes". Para elas o amor não passa de "brincadeira um tanto perigosa, mas excitante." "Eu não faço nada, rio-me" --- declara uma das deliciosas heroínas de Françoise Sagan.

Para a deliciosa ninfeta, a adorável garota, o amor é "camaradagem cruel, destinada a cloroformizar o tédio de viver." A pequena "sonâmbula da vida verdadeira" alimenta um forte desejo: "deseja ser protegida". É "uma pequena vida que tem medo da vida".

Quer proteção, a mocinha de corpo lindo, a mocinha para quem o amor é doença que começa a "passar" desde o momento em que nasce.

A pequena por vezes cai em "fossa". Mas tem sempre por perto um infalível remédio para curar a "fossa": "garrafa na geladeira e dois copos."

Em PINHAL moças e rapazes não se enfastiam, não vivem à beira do tédio, não sofrem nenhuma ameaça da vida "superficial". Creio que não há, ali, --- com traços muitos vivos, firmes, nítidos --- a espiral infernal do vício, admiravelmente descrita por Proust. Viciados pode haver, mas o verdadeiro, o autêntico viciado...

Não vi em PINHAL jovens cinicos e ressentidos. Seria PINHAL uma cidade inocente? Inocente, com escassos vícios, com quase nenhum vício perverso.

Pode ser que PINHAL desfrute do privilégio de ser um terraço calmo, generoso, sem nenhuma sombra das cidades malditas do Gêneses, ou seja, Sodoma e Gomorra...

O tempo passa, os dias rolam, e moças e rapazes continuam a amar sob as meigas estrelas. ~~xxxxx~~ Há, em PINHAL, muitas moças merecedoras de amor --- moças serenas, calmas, repousantes, sedativas...

Vêem-se, também, em nossa terra, moças e rapazes de

"infantilismo prolongado", bem como elementos dessa "raça pobre e ressequida dos gozadores". Vez por outra surge nas ruas o "Don Juan que começa a criar barriga"... Livremo-nos, porém, de sentirmos por ele compaixão ofensiva...

Há por ali jovens de alegria cinica, ao lado de autênticos seres vivos. Há rapazes sérios, sem fantasias, ao lado dos que se aborrecem moderadamente.

Há uma coisa digna de ~~uma coisa digna de~~ atenção e que deve ser dita: em PINHAL há homens e mulheres que sucumbem à tentação à qual só Jesus Cristo resistiu: a tentação da carne. ^{tal} A tentação --- que só Jesus está isento --- "homens e mulheres sucumbem nove vezes em dez."

A adoração pelos belos corpos é legitima. Somos, todos, poderosamente atraídos pela formosura dos corpos, enchemo-nos de ternura pelas belas formas, pelas doces aparências, pelos rostos harmoniosos. Quem é que não experimenta em si uma fome de amor sensível?

IV

Trago sempre nos olhos a imagem da minha doce terra natal. Não me esquece a terra onde nasci, a formosa terra das elegantes araucárias ou dos longos pinheiros. A "Rainha das Serras", como a tem cognominado os corações líricos e ternos, como a chamam aqueles cujos lábios são ninhos de amor.

PINHAL bem podia ser uma cidade de veraneio, uma cidade de bem-estar e de prazer. Não seria então roída pelo tédio, pelo enfado, por um fastio ad nauseam, que geralmente despertam as pequenas cidades do interior. Em suma: não seria tediosa como uma cidade sueca...

Dizia Saint-Just: "a felicidade é uma idéia nova na Europa." Em PINHAL, digo eu, a felicidade é uma idéia bem velha, a felicidade ali já chegou há longo tempo. De há muito que as moças de PINHAL dão a felicidade --- essas moças misteriosas que têm "veneno no doce da boca"...

A felicidade pode ser conquistada e mora em PINHAL, no regaço daquelas maravilhosas moças. Convençam-se disto as mentes

exaustas e perplexas.

"Vivemos permanentemente iludidos e equivocados... e por isso há tempos o Poeta, ao perguntar-se que é a Vida, respondeu: uma ilusão..." (Mira Y López).

Ilusão ou não, a felicidade é a beleza e a beleza é a mulher. A mulher que reside nas ribas afortunadas de PINHAL.

PINHAL é uma cidade bem diferente das cidades turbulentas. Quem mora nessa deliciosa cidade sente-se sutilmente "outro". Experimenta uma sensação de que foi talhado em madeira diferente da dos outros seres.

Pequena urbs, com suas belas ruas, sua igreja matriz, calma e serena --- magestoso templo no centro da praça principal ---, igreja da qual disse o Presidente Washington Luis: "Parece uma catedral!..."

PINHAL --- polis civilizada e moderna --- também promove concursos ou enquetes para escolher os seus DEZ MAIS e as suas DEZ MAIS. Vale dizer, também seleciona, quidadosamente, "a dezena de bípedes que mais dinheiro gasta em vestir, beber, divertir-se, noctivagar-se, etc." Destacam-se, dessa forma, tais homens e tais mulheres, do "enorme anonimato da massa", tornando-se, como dizem os saxões, somebody.

Os "ares" pinhalenses são bons para dissipar o taedium vitae --- aquele tédio de Horácio e de Byron. A atmosfera de PINHAL é tão sanativa como os cantos voluptuosos de Ovídio, de Petrônio... Bem que os pinhalenses podiam fazer como os patricios romanos: "os patricios romanos se transportavam para as casas de campo onde as Corinas e as Cintias os ajudavam a passar agradáveis sextas."

Classificam-se os amáveis e risonhos pinhalenses em "heliófilos" e "noctâmbulos" --- em "diurnos" e "noturnos". São dois tipos humanos vivendo em dois polos opostos: os "amantes do Sol" e os "boêmios da Noite". Os primeiros, os ensolarados, "seguem em seu ritmo diurno o próprio ciclo solar: despertam com a aurora, encontram-se nas melhores condições de produtividade ao meio-dia, declinam com a tarde e vão dormir inexoravelmente onde quer que se encontrem, ao chegar a noite." Já os segundos, os

adoradores da Noite, que também poderiam ser chamados de "lunares" ou "nictamerais", apresentam as seguintes singularidades: "é no momento de acenderem-se as luzes que começam a sentir-se animados e dispostos a tudo, menos a dormir. É durante a ausência do Sol, que os noctâmbulos vivem; e é quando o diurno se levanta, que os noturnos se deitam; se são obrigados a estar de pé antes do entardecer, apresentam o triste aspecto de um sonâmbulo e, como eles mesmos declaram, "não servem para nada." (E. Mira Y López).

"Em suma: os heliófilos obedecem ao mesmo ciclo de atividade que as galinhas, e os noctâmbulos --- o nosso saudoso Prof. Lellis chamava-os, também, de "noitibós", aves noturnas do Nordeste brasileiro --- seguem os hábitos dos morcegos, sem que esta comparação implique em qualquer outra semelhança entre uns e outros." (idem).

Davo confessar que durante anos a fio fui em PINHAL um noctâmbulo extremo --- um exagerado nefelibata. Costumava manter-me acordado e afastado da luz natural do astro-rei; preferia sempre a luz artificial ou a iluminação elétrica.

Acerca dos nefelibatas é preciso dizer isto:

"As pessoas ingênuas não deixaram de notar que é de noite que sucedem coisas "estranhas" (ou pelo menos que parecem sê-lo), e por isso aqueles que preferem viver sob sua sombra ou sob a pálida luz da lua foram tomados também como estranhos

(alienus, em latim) e lunáticos. E mesmo agora, quando alguém passa a aumentar a categoria dos noctâmbulos, os que o odeiam não podem deixar de pensar que ele esteja, de algum modo, perdendo a cabeça." (Mira Y López).

Em realidade, eu fui um convicto "noitibó", exatamente como o foi o inesquecível Prof. Lellis. Lembro-me muito bem de outros homens da noite pinhalense, homens que não dormiam de noite. Entre elas, coloco: Breno Guimarães, Dr. Dória, Durval Teixeira, Zé Pantera (José Menezes), Isolino Cunha Mota, Juquinha Lomonaco, Dionísio Silva, Lázinho Martinelli (este bom cantor de valsas e tangos, sobretudo "Tarde Gris", "Devolva-me" e "Minha Última Inspiração"), Hélio Leite, Dr. Benedito Araújo, o ~~Ju~~

Artur Nai, o Junqueira (futebolista do "Radium" e depois da "Associação"), Mauro Borges, José Vergueiro, Alberto Bartolomei (Bartô), Cél. Batista Novais (este um dos maiores boêmios do Pinhal, em todos os tempos), o Braga (aquele impagável boêmio que sempre dizia: "Da meia-noite pro dia o chapéu do Braga vira bacia"); os três fundadores do "Radium F. C., a saber: Zizo Ser-tório, Valentim Belli e Domingos Vicente; Dito Vergueiro e tantos outros.

Os "noturnos" sabem, ou deviam saber, que a Noite é feita principalmente para o repouso, a anabolia e recuperação de energias. "É na obscuridade que se alteram os ritmos cerebrais, aparecendo a denominada "ondulação alfa" nos registros electro-encefalográficos e cessando tão logo incida a luz sobre a retina." Mas o amor à Noite não leva nada disto em consideração e é um amor que nasce sobretudo de ser ela extremamente apropriada para as melhores diversões, para o funcionamento de cinemas e buates, clubes de danças e casas de prazer de todo o gênero.

(Permita-se-nos não falarmos aqui das horas da noite, especiais para a prática de crimes; falemás, tão-somente, das horas misteriosas da noite, excelentes para o amor, para as aventuras sensuais, para ceias e patuscadas inesquecíveis).

Os "heliófilos" sustentam que "a luz solar exerce uma influência vivificante e estimulante em todo ser humano, de sorte que, quem dela se priva, voluntariamente reduz suas possibilidades de vida e de criação." (Mira Y López).

Mas, disto tudo, desta racional pregação, ri o boêmio inveterado.

Em favor dos "noctâmbulos" há que assinalar: "as tarefas que exigem fantasia transbordante, como as que demandam grande concentração mental, realizam-se melhor na solidão, silêncio e penumbra noturnos que na ruidosa agitação diurna." A Noite é a hora propicia, favorável dos "intelectuais e artistas insones, que somente produzem quando a imensa maioria de seus semelhantes se encontra nos braços de Morfeu." (Mira Y López).

Pergunta-se: existe a possibilidade de heliófilos e noctâmbulos se compreenderem, virem a darem-se bem, conviverem sem

problemas, amarem-se?

Responde-nos o saudoso e esclarecido Prof. Emílio Mira Y López, in extenso e com grande brilho e originalidade, assim:

"Que acontece quando se unem para conviver sob um mesmo teto um heliófilo e um noctâmbulo? Tal ocorre com frequência, sobretudo com pessoas de sexo oposto. Estas sentem-se reciprocamente atraídas, porque cada uma vê na outra seu "complemento", ou seja, aquilo que lhe falta e que deseja. Assim por exemplo, se a mulher for heliófila, admirará seu futuro marido, porque este se encontra sempre alegre, bem disposto e lhe resulta "simpático". Por sua vez, ^{se o} ~~o~~ homem é vagotônico, inibido e metódico, encantar-se-á com uma namorada alegre e noctâmbula. Mas... quando se passa da imaginação à realidade, acontece que o complemento se converte em tormento, pois sempre ultrapassa a dose prevista, e surge então em cada um dos membros do par matrimonial a idéia de que o outro deve ser um pouco menos aquilo que é, para não anular totalmente a própria personalidade que inicialmente cativou. Então o heliófilo recrimina o noctâmbulo, porque não vai logo para a cama, e o noctâmbulo recrimina o heliófilo porque este se levanta demasiadamente cedo; os programas de vida divergem de tal mod, que não tardará em produzir-se uma oposição, em vez da sonhada fusão. A não ser que cada qual se resigne a viver bem suas doze horas e conhecer o que ocorre nas outras doze, através da informação dada pelo cônjuge."

Os conselhos e advertências feitos e dados pelo ilustre escritor e neuropsiquiatra falecido no Rio em fevereiro de 1964, são os que se seguem:

"Cuidado, pois, jovens enamorados; antes de formalizarem seu compromisso, convém que estudem cuidadosamente seus ritmos diurnos e nictameral. Se os dois são do mesmo tipo, ou se, sendo de tipos diferentes, seus ritmos não divergem excessivamente, poderão lançar-se à grande

aventura, mas se são um o oposto do outro por completo, nesse aspecto, o prudente é que continuem namorando-se mas não pensem em querer conviver como marido e mulher."

Nada mais resta a dizer. The rest is silence.

V

SATISFAÇÃO agora a velha vontade que sempre tive de escrever longa e livremente acerca de minha terra natal. PINHAL --- terra dos meus sonhos, meus amores, minhas saudades. Doce terra que vive, que sempre viverá em minha lembrança; nunca a esqueci, em meio às duras alegrias de minha profissão.

Creio que nenhum ser de sentimento normal logrará esquecer a fisionomia, o encanto, a "atmosfera" de sua cidade natal. É bom amar o lugar onde se nasceu... Eu nasci em PINHAL aos oito de abril de 1916, em uma simples e modesta casa da rua Direita. Dia abençoado entre os dias!

Nascido em abril. Sou portanto do signo de Aries, o ~~signo~~ "signo da solidão".

Nasci para realizar as coisas que precisamente realizei. Nasci para sofrer os sofrimentos que exatamente estou sofrendo. Em realidade, somos impelidos por ventos desconhecidos. Dou graças a Deus por ser assim como sou e por ter a vida que tenho. Seja tudo ad maiorem gloriam Dei --- para a maior glória de Deus.

Amar a cidade natal --- servidão querida, doce escravidão!...

PINHAL, "respirando lentamente, noite e dia, entre tantas realidades pacíficas, só obedece às leis da ordem e do trabalho." Ali vivi horas que valeram a pena --- horas ditosas, grandemente felizes, que "nenhuma fortuna do mundo ter-me-ia presenteado".

Ditosos os que têm em PINHAL suas paisagens familiares, suas casas amigas, suas ternuras. Quem não se lembra da casa onde viveu com sua família, com seus pais, irmãos, filhos?... A casa paterna... Escreveu Saint-Exupéry, o "príncipe do deserto": "Oh, o que há de maravilhoso numa casa não é que ela nos abrigue e nos conforte, nem que tenha paredes. É que deponha em nós, lentamente, tantas provisões de doçura. Que forme, no fundo de nosso coração, essa nascente obscura de onde correm, como água da fonte, os sonhos..."

Recordo, vivamente, os dias que passei em PINHAL. "Abandonome, de olhos fechados, aos encantamentos da memória."

PINHAL e sua gente não saem de minha memória. É sua gente que nos permite descobrir a verdadeira fisionomia da cidade. Percorrendo-lhe as ruas e praças, os seus aprazíveis recantos e jardins, vamos de um encanto a outro encanto. "Unem este bairro a este outro bairro porque de um para outro as pessoas se casam."

O casario regular enfeita as colinas nas quais a cidade se estende, se reclina. PINHAL é cidade que o clima favorece. Ali, lentamente, as mulheres se fazem belas, para deslumbrar os forasteiros. É doce vê-las passeiar nos sítios encantados da cidade. Basta uma mulher para encher de encantamento uma cidade, uma casa...

Em PINHAL há jardins e moças... Jardins e moças --- ~~duas coisas que~~ ~~se combinam~~ combinam perfeitamente bem, que se harmonizam admiravelmente bem. Em PINHAL ~~há~~ muitas, muitas moças nos esperam. Mil moças nos esperam... Moças sempre "a crescer em beleza", "a compor com perfeita paciência suas almas saborosas". Moças, adoráveis moças, que são apenas doçura. Moças lindas, que fazem bater os corações... Elas dão-nos um prazer que, uma vez provado, nunca mais é esquecido.

É fácil e bom amar as moças do meu PINHAL. São moças

preciosas e doces, moças belíssimas e que são veneno, que são "morfina enchendo o corpo de beatitude". Elas com facilidade nos levam para um mundo cheio de ternura, para um universo de delícias.

Moças esplêndidas, maravilhosamente inúteis, adoravelmente supérfluas, que nos perturbam a razão, que nos fazem ~~xxxxxx~~ sonhar, delirar... Que atraem, encantam, enfeitiçam, arrastam --- e matam... Ou enlouquecem de prazer...

Moças que sabem rir docemente, tão contentes da vida... "As belas moças deixam belas imagens em minha lembrança. E é só. Porque sou um estranho. Nada sei. Não conheço os seus segredos. Não penetro em seus Reinos."

Não há preço que pague estas moças de "sorrisos docemente coloridos pela vida". A moça pinhalense: "Parece que a perfeição é atingida ~~xxxxxxxxxxxx~~ ^{não no instante} em que não há mais nada a ^{acrescen-} ~~xxxxxxxxxxxx~~ tar à moça e sim quando não há mais nada a suprimir."

Moças suavíssimas que nos seduzem, nos cativam, nos prendem; não cessamos de admirar, nelas, a beleza, os pormenores físicos de seu encanto, "a pureza elementar da curva de um seio ou de um ombro". A esbeltez do talhe, a elegância no pisar e no andar, a flexuosidade da cintura --- enfim um conjunto tão belo e da mesma qualidade de um poema.

Escreveu o mesmo Saint-Exupéry, acima citado, "o senhor das areias": "Olho as moças. Assim, tão perto da beleza dessas moças, sinto ainda melhor o mistério humano. Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam as flores, ^{no} ~~leito dos ventos,~~ ^{cisnes conhecem} ~~xxxxxxxxxxxx~~ em que os ~~cisnes~~ ^{cisnes} conhecem todos os cisnes, só os homens constróem a sua solidão."

Diz, ainda, o "poeta do céu", em Terra dos Homens:

"Que posso saber dessa moça que volta para casa a passos lentos, os olhos baixos, sorrindo para si mesma, cheia de descobertas e mentiras adoráveis! Com os pensamentos, a voz e os silêncios de seu amado ela construiu um Reino --- e desde então, para ela, fora desse Reino todos são bárbaros. Mais do que se estivesse em outro planeta, ela está isolada de mim em seu segredo, em seus costumes, nos murmúrios encantados de sua memória. Essa

moça já é meio divina."

Mas um dia chega em que a moça não mais pode resistir, e se casa... A chama do amor arde dentro dela: cativa-a um imbecil qualquer. O imbecil é rei --- "um imbecil pintado em cires lindas." A moça, fascinada, "dá-lhe o coração que é um jardim selvagem", um jardim fechado. E o imbecil leva a princesa como sua escrava." (Saint-Exupéry).

Minhas saudades do PINHAL são muitas, muitas... "Às vezes, no silêncio da noite, todas as saudades de PINHAL me vêm, com a plenitude de uma cantiga da infância." A um fato como este, comenta Saint-Exupéry: "Ninguém escapa, na solidão, a esses regressos." O solitário então recorda vivamente o passado, o passado cheio de "velhas ternuras misteriosamente ressuscitadas".

Vem-me então à lembrança o fato de que ali em PINHAL gozei momentos de paz, sonhei nos braços da bem-amada, dormi o sono feliz... Sonhei com o andar da mulher querida, beijando-a na mente todo incendiado de desejo...

Lembro-me dos jardins com seus bancos de madeira, bancos nos quais pares de amorosos ou casaisinhos iam se sentar, para trocar juras de amor, confidências e, lá uma vez ou outra, beijarem-se com volúpia e doçura... O jardineiro? bem, este quase nunca estava por perto, ou, talvez, não enxergasse bem, não fosse bom da vista...

PINHAL antigo... Todos demos ali, em nossa mocidade, os passos indispensáveis para a felicidade --- os passos do amor... "Cada passo faz bater o coração, como um passo para o amor." (Saint-Exupéry).

Ali vivemos muitas aventuras, ali achamos o essencial, as únicas riquezas verdadeiras: a liberdade, o direito de se fazer amar, de caminhar em qualquer direção, de ir e vir livremente, de "ganhar o pão pelo trabalho".

Mas o tempo passa, e tudo vai devorando ao seu redor. Onde estão, agora, aquelas moças e rapazes, que, nos jardins mal iluminados, trocavam confidências em voz baixa?

O tempo não pára de passar, e nós vamos perdendo os

nossos amigos, os nossos parentes e companheiros. Inexoravelmente. Impiedosamente. A morte chega, sorrateiramente, "e não ouviremos nunca mais o riso claro daquele companheiro." O desaparecimento do nosso amigo é "como um jardim que se fecha para sempre". ---

"Nada, jamais, substituirá o companheiro perdido. Ninguém pode criar velhos companheiros."

É o que, formosamente, escreveu Saint-Exupéry, que ainda observa:

"Assim vai a vida. A principio, enriquecemos; plantamos durante anos, mas os anos chegam em que o tempo destrói esse trabalho, arranca essas árvores. Um a um, os companheiros nos ~~retiram~~ retiram sua sombra. E às nossas lutas mistura-se então a mágoa ~~da~~ secreta de ~~envelhecer~~ envelhecer."

Envelhecer... "Quando a gente envelhece começa a meditar." (Saint-Exupéry). Eu, como envelheci rapidamente, comprou-me em enfeixar neste livro as minhas pobres meditações. São, na verdade, humildes meditações de cronista envelhecido.

VI

PINHAL é uma coletividade humana que não cessa de progredir. É como uma árvore que progride sempre. "Uma árvore que não mais progride é madeira seca." Figueira estéril, que deve ser cortada e lançada ao fogo.

O progresso de PINHAL não é somente devido àquilo que Saint-Just chamava "a força das coisas", mas ao esforço humano, paciente e perseverante. "A cultura uma vez adquirida é dinâmica." É natural a necessidade de incessante progresso e desenvolvimento das coisas.

Uma coletividade humana não nasce cultivada; sua evolução própria é feita lentamente, processa-se ao longo dos anos. Assimila, nesse lento processo evolutivo, energias de luz, de calor, de força, de alimento espiritual, bem como hábitos, costumes, maneiras de pensar, de imaginar, de sentir, de querer, de agir, ditadas por seus maiores, por seus antepassados, por seus mortos ilustres. A comunidade ou coletividade resulta do esforço das gerações sucessivas, que a enriquecem sem cessar. Numa palavra, é uma longa e paciente construção cultural e histórica. Uma semente que desabrocha, que cresce reproduzindo-se.

Uma observação digna de atenção: a cidade é feita mais

de mortos que de vivos. Vive mais a cidade dos tesouros morais e intelectuais dos seus maiores do que do patrimônio dos que estão vivos.

O progresso de uma cidade muito tem a ver com a sua juventude, com as moças e rapazes que nela vivem. Os jovens de hoje parecem identificar personalidade com dureza. "Afirmção solitária da própria auto-suficiência." Confundem liberdade com posse de si, a personalidade torna-se auto-suficiência solitária, lúcida, acompanhada, geralmente, de uma crispação um tanto rígida do próprio eu. Será "forte personalidade" a que tiver força, energia na ação exterior, segurança de si mesma; a personalidade é confundida com certa dureza no comportamento exterior. "Viril camaradagem, mesmo no amor." (Observações de Charles Moeller).

Devemos pôr gravemente os óculos para analisar essas questões? Vejam-se os jovens de Malraux --- "ásperos, tensos, desiludidos", em atitude de desafio contra o mundo. Uma ala jovem defende o poder da impureza, acha que ser "puro" é querer passar por néscio, por "criança" ainda não "desmamada". É preciso cultivar o prazer --- dizem eles ---, porque o prazer engendra força de corpo e de alma. Amam, assim, a luxúria, chaga oculta que corroi a alma, por onde se escoo o sangue da humanidade, como disse Bernanos.

Muitos apreciam e aplaudem o lirismo "leonino" dos rapazes modernos. Mas, na verdade, pureza e juventude não andam de braços dados.

Rapazes e moças: devemos ensiná-los a ser castos? Claudel escrevia a Jacques Rivière em 1906: "Não creia nos que lhe digam que a juventude é feita para se divertir: a juventude não é feita para o prazer mas para o heroísmo. Na verdade um moço necessita de heroísmo para resistir às tentações que o cercam, para acreditar sozinho numa doutrina desprezada... para ficar sozinho contra todos, para se manter fiel contra todos (...) É a virtude que faz o homem. A castidade o tornará robusto, ágil, esparto, penetrante, claro como um toque de clarim e esplendoroso como o sol matinal. A vida lhe parecerá cheia de sabor e de seriedade, e o mundo pleno de sentido e de beleza." (Correspondência Claudel-Rivière) .

Hão de perguntar: Terão sido os jovens de PINHAL --- moças e rapazes --- tão castos e virtuosos para promoverem o progresso e o desenvolvimento da cidade?

Uma juventude sadia não concorre para "levar água ao moinho do pessimismo". É preciso crer no homem, malgrado seja ele um poço de defeitos e fraquezas. Muitos catalogam, como o fez o Papa Inocêncio III, as fraquezas e misérias humanas, apresentando-as nesta epitome: "procriação impura, nutrição nauseabunda ao seio de sua mãe, má qualidade da substância donde provém o homem, mau cheiro, secreção de saliva, de urina e de excrementos." Acrescente-se a isto que o homem é ainda (fisiologicamente) mau hábito, fedor, exigindo banhos contínuos, feiúra (a beleza é muito admirada e apreciada por ser assaz rara, ou esporádica), órgãos do êxtase, imundos, flatus nauseantes pelos orifícios infestados de micróbios (pela boca, através do beijo, propagam-se doenças graves, como a sífilis pudica, de Fournier...

Trabalha, é muito ativa a juventude de PINHAL; vive intensamente cá fora, não se atormenta, não magôa o espirito na solidão. Não cultiva os pensamentos circulares, os raciocínios intermináveis dos neuróticos.

PINHAL de forma alguma é uma cidade-morta, como as descritas por Monteiro Lobato. No cenário parado de "cidade-morta" há homens, mulheres e crianças, enfim, seres vivos entregues à "vida inquieta do sono". Entretanto, ali existem uns poucos que não dormem. "Há os que lêem, os que se atormentam... os que amam."

Uma certa vida fremente atrás de toda aquela tranquilidade, de todo aquele silêncio mortuário.

"Há nas Mil e uma Noites pequenas cidades cheias de adormecidos, abandonados há séculos com suas mesquitas sob a lua, cidades-adormecidas-no-deserto..." (André Malraux).

PINHAL sempre foi cidade viva, progressista, dinâmica. Cidade excelente e característica, campo rico para imagens especiais.

PINHAL é a história de suas ruas, praças, becos, travessas. A alma da cidade pode ser apreendida através dessas históricas narrativas. Tais narrativas podem apresentar a história

de seus dias cheios de vibração, de suas horas mais enérgicas.

Que dizer da paisagem pinhalense? Sim, que paisagem!... "Não há vestígios de dias sombrios, de nevoeiro, nuvens e humidade, mas sempre o mais puro céu azul, a mais doce brisa e um solo seco, no qual dá vontade de nos deitarmos nus."

O vício em PINHAL. "O vício aparece nos habitantes da cidade, não nas pessoas principais, mas nas secundárias, de condição inferior."

Temos --- sempre tivemos --- na cidade a figura do velho burocrata. Velho burocrata do Pinhal: cabem-te as notáveis palavras de Saint-Exupéry, ao referir-se ao encardido funcionário de Toulouse, em Terra dos Homens. Assim escreveu o "poeta do céu", a respeito desse tipo humano sem história --- baço, inexpressivo, incaracterístico, incolor:

"Velho burocrata ... Construíste tua paz tapando com cimento, como fazem as térmitas, todas as saídas para a luz. Ficaste enroscado em tua segurança burguesa, em tuas rotinas, nos ritos sufocantes de tua vida provinciana; ergueste essa humilde proteção contra os ventos, e as marés, e as estrêlas. Não queres te inquietar com os grandes problemas e fizeste um grande esforço para esquecer a tua condição de homem. Não és o habitante de um planeta errante e não lanças perguntas sem solução: és um ~~pequeno~~ pequeno-burguês de PINHAL. Ninguém te sacudiu pelos ombros quando ainda era tempo. Agora a argila de que és feito já secou, e endureceu, e nada mais poderá despertar em ti o músico adormecido, ou o poeta, ou o astrônomo que talvez te habitassem."

Mas, deixemos de lado o velho burocrata, tão ridiculizado por Machado de Assis, entre outros escritores nacionais.

Falemôs mais de PINHAL e dos seus aspectos naturais. O ar de PINHAL é suave e repousante; a água é de sabor adocicado. Seus quadros naturais são belos e dizem bem com o caráter da região.

PINHAL: dourada e pródiga cidade da beleza e da inteligência. Viajar para PINHAL seria uma cousa boa se não houvesse regresso. O retôrno, como é amargo, doloroso!...

PINHAL --- cidade de graça encantadora, de poesia serena, de céu tão doce... Recordá-la, é encher a alma de emoção deliciosa, difícil de exprimir. Revê-la, é inundar de delicias os olhos e o coração.

PINHAL --- cidade habitável e fraterna. Cidade deitada em mansas colinas, "terra que o vento, com carinho, penteia, como se sua filha."

Ir a PINHAL é como entreabrir o passado, como se fosse um reposteiro. PINHAL, minha terra, "é uma terra doce para os pés e para a vista." Como disse o poeta,

"... nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto a gente daqui
jamaís envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco na verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha."

(João Cabral de Melo Neto)

VII

ESTOU convencido de que seria preciso escrever-se um livro inteiro para se apreciar devidamente toda a alta beleza e os grandes méritos da nossa bela e formosa cidade paulista de PINHAL.

PINHAL é a minha cidade natal e por isso é a cidade que não esqueço. Eu amo a minha cidade, com toda a sua agricultura de doces e lindas moças, ou toda embandeirada ao sol. Somente vivendo ali é que sou feliz. Ao estar ali, a felicidade me inundava o coração.

É lindo, é inesquecível o horizonte de PINHAL --- horizonte "cheio de pompas, de vestes sacerdotais."

Como vivem ali, os jovens?

Os rapazes de PINHAL, nos anos em que ali vivi, tinham "a preocupação de escolher, à noite, a que Bar se devia ir." A maioria deles frequentava o Bar Record, a Paulicéia, o Bar do João Coxinha (Bar Seleta), o Bar do Ginásio..., além de outros lugares --- vejam bem: escrevo lugares e não antros --- que estragam os homens.

Entendo que os jovens devem viver humanamente. Não viver

perigosamente. "Esta fórmula é pretensiosa" (como disse Antoine de Saint-Exupéry).

"Viver perigosamente", é viver como se a vida fosse uma arena e o homem um toureiro. Concordamos, plenamente, com o "poeta do céu", acabado de citar, quando escreve em Terra dos Homens: "Os toureiros não me agradam. Não é o perigo que eu amo. Sei o que amo. É a vida."

Tive, em PINHAL, no tempo de minha distante juventude, inúmeros e galhardos companheiros. Lembro-me destes, neste momento em que estou enegrecendo esta lisa e branca folha de papel: o Zuta, Cunha Mota, Tazi, Calú, Ditinho Vergueiro, Hélio Leite, Ernesto Rizzoni, Lázinho Martinelli, Dionisio Silva, o Prof. Lellis ... Éramos companheiros, no pleno sentido do termo: companheiros capazes de repartirem o pão entre si.

Naquela recuada época tínhamos sede de encontrar companheiros, tínhamos uma necessidade a bem dizer orgânica de fazer amigos. Como é bom, como sabe bem "o pão dividido entre companheiros". Companheiros solidários em tudo, "tripulantes de um mesmo navio."

Devo falar pela última vez acerca dos velhos burocratas pinhalenses... Em PINHAL, como em toda parte, existem essas tristes figuras de burocratas envelhecidos... São seres quase macilentos e que passam a vida a dormir. "Dormem, sem que ninguém os desperte."

Cresci, tornei-me jovem, moço; deixei essa quadra da vida, assim definida pelo velho e experiente William Pitt: "A juventude é doença que o tempo cura." Estudei, fiz meu curso de humanidades em Campinas, primeiro no Ginásio Diocesano Santa Maria e depois no Ateneu Paulista. A seguir, formei-me em direito na cidade capital de São Paulo. Tinha então 24 anos de idade. Cinco anos depois, casei-me. E tive de partir para outras e distantes terras, como delegado de Polícia do Estado, a fim de ganhar o sustento, o pão.

Numa palavra: tive de deixar o PINHAL: "Não era mais ali que estava o importante da vida."

Falamos, acima, dos velhos burocratas; falemos, agora, de outro gentil e interessante tipo humano: as adolescentes. As adolescentes de PINHAL... Ou PINHAL e suas suaves adolescentes... Suas mágoas de amor são doces como a água. "As suaves adolescentes, na noite de seu primeiro amor, sentem uma espécie de tristeza e choram. A tristeza está ligada aos frêmitos da vida." (Saint-Exupéry).

Eu sei que não vou esquecer minhas ternuras, nascidas e alimentadas em minha terra natal.

Em PINHAL encontrei o amor que todos esperam. Esperamos o amor "como um jardineiro espera a primavera." Mas tudo isso --- para os outros --- tem tão pouca importância!

A moça, que escolhi para amar, era uma maravilha, um prodígio de graça e encanto. O momento de apertar nos braços a mulher querida: "não conheço nada, mas nada, que valha esse momento." Os que amam com paixão, com loucura, com desespero me compreenderão.

Amar a linda moça dos nossos sonhos na calma luz da tarde, ou sob o luar. Namorados sob a lua... A lua é a pálida madrinha dos tristes, dos sofredores, dos infelizes, dos neuróticos...

O desconhecido dormia dentro de mim. Creio que era preciso primeiro "compreender-me antes de julgar-me."

Deixar de amar, seria trair o destino. Um amor verdadeiro não se deve deixar, sufocar. O amor verdadeiro não precisa de palavras.

A moça escolhida era qual terna gazela, cheia dessa "tristeza misteriosa que consome em silêncio as gazelas". A verdade dessa gazela era uma só: amar, morrer de amor...

Por onde andaré agora a moça que acariciei e amei?...

A moça, faceira que era, a moça, certa de sua graça, se divertia em inquietar-me. Mas eu "sentia no coração uma deliciosa angústia."

A moça que amei era uma moça de atração soberana. Ao vê-la, a vertigem me empolgava. "Ali Babá e seus tesouros --- que vale tudo isso em face daquele moça pinhalense?" Aquela moça me

Falamos, acima, dos velhos burocratas; falemos, agora, de outro gentil e interessante tipo humano: as adolescentes. As adolescentes de PINHAL... Ou PINHAL e suas suaves adolescentes... Suas mágoas de amor são doces como a água. "As suaves adolescentes, na noite de seu primeiro amor, sentem uma espécie de tristeza e choram. A tristeza está ligada aos frêmitos da vida." (Saint-Exupéry).

Eu sei que não vou esquecer minhas temuras, nascidas e alimentadas em minha terra natal.

Em PINHAL encontrei o amor que todos esperam. Esperamos o amor "como um jardineiro espera a primavera." Mas tudo isso --- para os outros --- tem tão pouca importância!

A moça, que escolhi para amar, era uma maravilha, um prodígio de graça e encanto. O momento de apertar nos braços a mulher querida: "não conheço nada, mas nada, que valha esse momento." Os que amam com paixão, com loucura, com desespero me compreenderão.

Amar a linda moça dos nossos sonhos na calma luz da tarde, ou sob o luar. Namorados sob a lua... A lua é a pálida madrinha dos tristes, dos sofrendores, dos infelizes, dos neuróticos...

O desconhecido dormia dentro de mim. Creio que era preciso primeiro "compreender-me antes de julgar-me."

Deixar de amar, seria trair o destino. Um amor verdadeiro não se deve deixar, sufocar. O amor verdadeiro não precisa de palavras.

A moça escolhida era qual tema gazela, cheia dessa "tristeza misteriosa que consome em silêncio as gazelas". A verdade dessa gazela era uma só: amar, morrer de amor...

Por onde andará agora a moça que acariciei e amei?...

A moça, facelira que era, a moça, certa de sua graça, se divertia em inquietar-me. Mas eu "sentia no coração uma deliciosa angústia."

A moça que amei era uma moça de atração soberana. Ao vê-la, a vertigem me empolgava. "Ali Babá e seus tesouros --- que vale tudo isso em face daquele moço pinhalense?" Aquela moça me

fez tremer de felicidade. (Com a qual entretanto não pude me casar, como eu tanto queria e sonhava). Não, não quero chorar. A verdade, contudo, é que certas promessas de amor são simples mentiras.

Resumindo: em PINHAL, à noite, com a adorável moça nos braços, muitas vezes ri de pura felicidade --- soluçei torpemente de felicidade... Beijava-a, longamente, nos lábios, o corpo sacudido de prazer... Um prazer ardente, vindo de beijos longos, doces, maduros. Depois de amar, dormia o sono sem angústia, o sono feliz --- o sono dos justos...

Sim! fui feliz, esquecido das misérias que pululam por este injusto mundo dos homens. Devo confessar, com toda a sinceridade, que foi somente em PINHAL que achei "a hospitalidade de um bom sono." Nunca mais dormi direito, fora de minha terra natal.

Beijar as moças -- é o que fazem os rapazes em PINHAL, durante o ano inteiro. Beijar é bom... O beijo, alimento da alma. "Aqueles que o provaram uma vez não esquecem nunca esse alimento!" Não é verdade, colegas?

As moças de PINHAL --- nunca será demasiado repetir isto --- são encantadoras. São moças perturbadoras, feiticeliras, provocantes. Corpos enxutos, aveludados, alabastrinos. Com o motor interno --- o neuromotor --- sempre a trepidar com emoção, deliciosamente...

São essas moças, pode-se dizer, que tornam o nosso povo um povo ~~uma nação~~ tão belo. Ougamos êsquilo:

"Porém, diga também, ó singular estranho, quanto teve de sofrer este povo, para se tornar assim tão belo!"

É para notar que em PINHAL as mulheres são belas, mesmo as feias.

Oh, como são deliciosas as travessuras ~~travessuras~~ das ninfas e ninfetas pinhalenses!... As deliciosas nymphets de PINHAL --- tão deliciosas como as de Ipanema. Como são buliçosas e tão ~~bravas~~

travessas... Pãezinhos loiros e morenos saindo do forno bem cedinho... Em vão procuraríamos no mundo inteiro animalzinhos tão encantadores, como aquelas ninfazinhas de corpos infernais, de corpos sempre a tremer sob o domínio de uma sensualidade tão doce...

Em PINHAL viver é bom. Ouçamos o que diz Nietzsche, "o filósofo do martelo": "Para poder viver o homem deve possuir a força de quebrar um passado e de destruí-lo, e é preciso que empregue essa força periodicamente."

Tudo esquecer, na verdade, menos os momentos de amor, de prazer, que constituíram a razão de nossa vida, a nossa raison d'être...

Por muito amar a história de minha cidade natal escrevi-lhe uma "Pequena História".... Representa isso uma prova de amor. Tudo pode e até deve desaparecer, menos o amor. Tinha razão Nietzsche, ao pregar: "qualquer passado merece ser destruído, pois assim acontece com as coisas humanas." "Tudo que nasce é digno de desaparecer." Qualquer passado deve ser arrastado ao tribunal, deve ser acusado severamente e, finalmente, condenado.

Só o amor deve sobreviver, precisa sobreviver para honra da espécie humana.

Pora do amor, que fazem tantos no mundo? Bem sabemos ~~que~~ que, se não amam, não fazem nada. Quem não ama é inútil, é palha, gente supérflua --- gente tão inútil como uma prece que ninguém ouve.

Só o amor espanta, espanta, afugenta o tédio de viver. Disse Nietzsche: "às vezes o tédio de viver, foi uma verdadeira epidemia (como em 1348, nos tempos da dança macabra)."

Quem ama nada teme. O covarde só o é por falta de amor, gerador de coragem e entusiasmo. Nervosismo e fraqueza intestinal, colite nervosa, poliúria --- são traços (fisiológicos) do covarde.

De PINHAL saímos, para quê mesmo? Para morrer, sem dúvida alguma. O tempo nos arrasta como um rio, para quê abismo?

A morte, eis um acontecimento considerável na vida de

todos nós. Mas, depois da morte, que paz! Que paz, meus senhores! Apenas um senão existe nesta grande ventura: são "os gritos que certas pessoas vão dar, as grandes chamas de desespero que acenderão..."

PINHAL --- comunidade tranquila, calma, agradável para se viver, para se morar até ao fim da vida. Ótimo lugar para se conversar voluvelmente sobre nada sério, sobre qualquer coisa que nos ajude a passar o tempo (observem que não escrevi para matar o tempo, porque, em realidade, o tempo não se mata e sim é ele que nos engole, nos digere...).

É bom morar em PINHAL, porque é terra da beleza, terra do estudo e da calma filosófica. Não dá gosto morar lá fora, em outras terras do vasto mundo. O mundo caminha para cair nas mãos dos tolos, dos velhacos, dos tiranos ou opressores. O mundo do cálculo matemático, o mundo culto do raciocínio, da beleza, da estética --- o velho mundo dos mandarins --- está submergindo nas trevas do feio, do deformado, do contrafeito. O que é brilhante, gracioso, equilibrado --- isso a que damos o nome de cultura --- está lentamente se eclipsando. Em lugar da cultura teremos cinemas maiores, vitaminas e melhores tubos de encanamento, meios mais rápidos de transporte, diversões poderosas, etc.

Não mais se cultiva o "espírito de infância", a "poesia da infância". Quem haverá por aí capaz de desmentir-me neste ponto? Eu amei minha infância, vivi-a com intensidade. Na infância, idade em que a vida humana é só brinquedo, só correria, gritos, risos, já eu me applicava a compor os meus primeiros mosaicos de caligrafia filosófica. É verdade, acreditem... Já na infância, sozinho no silêncio de meu quartinho de menina pobre, de menino plebeu, passava eu o tempo a pensar, pensar... Digo-o, sinceramente e com absoluta veracidade: meu ouvido de criança jamais foi tardio para perceber ou adivinhar o sentido da filosofia...

Pedem-me se faço muitas confidências neste livro, neste journal intime. Poucos --- muito poucos mesmo --- ousam trazer à luz solar, à luz meridiana, o seu mundo subjetivo, secreto, subterrâneo --- mundo muita vez vergonhoso, sujo, repugnante ---, ou seja, o inconsciente anticristão, imoral, imundo. Nestas páginas entretenho-me a desnudar minhas fantasias ubiranescas --- minhas hipóteses, meus sonhos, meus devaneios, minhas quimeras, edificadas no azul vazio, construídas na areia, traçadas e atira-

VIII

PINHAL é uma comunidade florescente, em continuo crescimento. Disse o velho Darwin: "As comunidades que compreendem o maior número de membros, unidos por grandes vinculos de simpatia, são as mais florescentes."

Podemos fazer uma idéia de como brotam ou surgem e se desenvolvem os agrupamentos humanos, lendo-se este trecho ou passagem de Osman Lins: "Um bando de homens faz uma horda, um exército, um acampamento ou uma expedição, sempre alguma coisa de nostálgico e errante; um agrupamento de casas faz uma cidade, um marco, um ponto fixo, um aqui, de onde partem caminhos, para onde convergem estradas e ambições, que estaciona ou cresce segundo as próprias forças, e será talvez destruída, soberrada, e mesmo assim poderá esplender de sob a terra, em silêncio, das trevas por vias do seu nome."

PINHAL --- pacífica cidade de provincia e não bazar frenético --- não centro urbano excessivamente populoso, agitado, tumultuoso.

atiradas na planície, jogadas numa praia deserta...

Muita vez a besta humana é gentilmente levada pela mão do humilde idólatra da moral. A famosa besta humana torna-se lânguida e põe-se a saudar-nos cortêsmente, com ar indolente e gracioso.

Falemos, por instantes, das tardes pinhalenses. Em nossa cidade há tardes tão desertas que parece que a cidade está no amanhecer. "Tardes silenciosas de Pinhal".

Os crepúsculos do PINHAL. Não são, simplesmente, os tons amarelados de um crepúsculo qualquer. PINHAL já foi chamada de "a cidade dos crepúsculos inesquecíveis". São dias de um entardecer brilhante; o sol incendeia o horizonte, são miríades de centelhas de fogo --- centelhas amarelas e escarlates; são cores vivamente matizadas, tudo a rebentar em mil e um revêrberos de rosa e prata. Estupenda, indizível beleza! Maravilha sem par da Natureza! Espetáculo inolvidável!

Cai a tarde, e há no horizonte grandes línguas ~~amarelas~~ ~~xxxxxx~~ de sol. Prodigios e maravilhas da estética de Deus! Por fim, desaparece o sol; há os derradeiros e ruivos raios do sol; o astro-rei cessa de dardejear: é o maravilhoso fim do dia.

Nada existe, em PINHAL, que possa embargar, empecilhar a vida do sonho, a vida da imaginação criadora. O que sobra em nossa terra é imaginação e solidão.

O mal do solitário é que ele é constantemente perseguido pelas visões ou fantasias de sua imaginação. É-lhe muito difícil escapar às vagabundagens da imaginação. Quase impossível conseguir isso. Entretanto, mostrará esperteza se "aceitá-las e orientá-las para temas que não sejam demasiado deprimentes." Neste particular, o optimum seria suprimi-las de vez, por completo.

---As idéias ou fantasias de ódio, de vingança são ratos psíquicos: roem, roem por dentro, o solitário; desgastam-no pouco a pouco e cada vez mais. O resultado disse é uma penosa deterioração interior, como ocorre geralmente aos prisioneiros condenados ao silêncio integral em cela individual no presídio. Terríveis, devastadoras são as divagações (ou melhor, as elucubrações ~~da~~

circulares) que o isolamento completo cria. É assaz difícil ao detento suportar um sistema penal fundado no "silêncio absoluto obrigatório". Ninguém aguenta isso, o ser sufoca-se de solidão. Depois a mais, é necessário a qualquer de nós ver um rosto, contemplar uma fisionomia a mover-se, escutar uma voz, por muito desagradável que seja; é inteiramente necessário ao equilíbrio interior do homem, ouvir qualquer som, pressentir por perto a presença de alguém.

Todavia --- filosoficamente considerado --- o problema da solidão suscita outras considerações. Antes de mais, é para ser analisada a solidão radical de cada um de nós. Todos somos radicalmente solitários. Ninguém se comunica. Irremediavelmente. Que é que se sabe de alguém? Nada, com exceção do que se vê exteriormente.

~~Observem isto:~~ ~~xxxxxxxxxxxx~~ alguém se aproxima de nós, alguém ~~xxxxxx~~ caminha em nossa direção. Está cada vez mais perto de nós, está já ao alcance de nossas mãos, seus lábios estão mexendo: ele fala-nos, dirige-nos a palavra. Que quer ele dizer-nos? Uma mensagem? Um apelo? Um aviso? Uma prova de amizade? Não sabemos. (Não podemos saber.). Saber-se-á nunca?

Como compreender o que nos é dito, se as frases são expressas pela metade em palavras e concluídas mentalmente? Cada um de nós, ouvintes, entende de modo diferente as palavras ou vocábulos; vale dizer, há um modo pessoal de compreender o que se diz, conforme a cultura de cada um, conforme a inteligência e a sensibilidade de cada um. A maioria das pessoas comete infrações linguísticas, dizem, mesmo, coisas que nos fazem mal à alma...

Mas, retomemos o fio de nossa dissertação, digressivamente interrompido por uns breves momentos.

Era lindo passear pelas ruas de PINHAL, admirando sobretudo as moças de corpo comovente... Moças e rapazes, impelidos pelo vigoroso fluxo de energia da juventude.

Muita vez --- o Prof. Lellis e eu --- passamos a noite conversando num dos bancos de pedra do Largo da Matriz. Conversando sobre coisas de arte e literatura, até a claridade livida

do dia ~~nascendo...~~

O saudoso mestre não tinha o orgulho sombrio do homem solitário, abandonado --- do homem mergulhado em solidão radical, afundado em imensa, absoluta, irremediável solidão. Não era um solitário no qual a podridão triunfa. Muito pelo contrário: em Lellis o espírito cintilava como uma jóia exposta ao sol, "como um escrínio de esmeraldas".

Lellis e eu compreendíamos logo o abominável significado de muitas cousas, sobretudo da transitoriedade da vida. Da instabilidade da existência. Sabíamos que tudo passa, que tudo se esquece. Nada perdura, tudo desaparece, engolfado nas trevas do pretérito. Nada subsiste, nada permanece, "salvo o que foi gravado na pedra", ou registrado nos papéis públicos e particulares, conservados em arquivos.

Que resta, hoje, de grandes batalhas realizadas na floresta? Apenas "algumas marcas de balas no tronco das árvores."

Tudo o que se passa numa vida acaba se esfalando em nada, torna-se coisa sem importância nenhuma. Não deixa memória, salvo nos monumentos que se erguem para perpetuar os acontecimentos e as individualidades.

Vencem as aguras do tempo, a provisoriade das coisas, os jovens de PINHAL. São perduráveis os rapazes flamejantes de PINHAÉ, as moças flamantes de PINHAL.

Juventude, quadra de esperanças magníficas... Sobre tudo a juventude-desafio, crispada por uma fraternidade viril e nobre, como a descrita por André Malraux... Compreendamos a juventude. A juventude é dogmática. "A juventude!... Como é cruel, a juventude... É preciso perdô-la, ela não vê as coisas como nós; para ela tudo é preto ou branco... Acontece que o homem é cinzento." (Pierre Schoendoerffer, em Adeus ao Rei).

O homem adulto (cinzento, em plena e tranquilizadora "maturidade") deve perguntar a si mesmo se "ficou fiel à sua imagem, a esse jovem incorrupto que se parece a nós como um irmão e que cada qual guarda no fundo da sua consciência." (ibidem)

É preciso passar em revista a própria existência. Est-

Perguntar a si mesmo se vive em "espírito de infância", se perdeu a "poesia da infância". Há seres sombrios e lastimáveis, que perderam essas riquezas interiores. Seres que agem contra ~~razão~~ ^{toda a} razão, toda a prudência. Gente quase vazia, sem pensamentos, embrutecida (imbecilizada, idiotizada?).

Pessoas existem que "têm a impressão de não ter dirigido a sua vida, de tê-la apenas vivido. Para a vida que tomara a conta delas e as levou a seu bel-prazer."

Uns querem ser isto ou aquilo, "mas a vida, com sua lógica implacável, com seus designios misteriosos, insondáveis, transformam-nos no que eles menos querem ser." Assim, gente pacifista por natureza, por indole, é transformado em militar, em açougueiro.

"O vento sopra para onde ele quer; ouves a sua voz, mas não sabes de onde ele vem, nem para onde ele vai." (Evangelho Segundo São João, III, 8-9).

Muitas criaturas, muitos seres, crispados pela esperança dourada da juventude, galvanizados por um entusiasmo semelhante aos dos lacedemônios, buscam a vida na existência aventureira. A aventura os seduz. Mas --- agora percebem-no bem --- "não navegara, deixara-se levar. Içara todas as velas, o joanete, a sobrevela, as bujarronas --- todas. Rira, quando os mastros se dobravam e os cabos vibravam, rira quando os vagalhões varriam a coberta, rira quando as velas rasgadas se partiam em pedaços, como sonhos. Era jovem, tinha a sensação de que podia durar eternamente ou morrer imediatamente, de que tudo era justo." (Pierre Schoendoerffer, op. cit.).

Morrendo, teria que enfrentar o juízo de Deus?

"O julgamento de Deus! Cara ou coroa. Teria igualmente podido beber uma taça de cicuta, para saber se era inocente e qual seria o seu destino." (ibidem).

Interrogam-se muitos a si mesmos, querendo saber o que são. "Sentem que não foram senão joguetes do vento. (Seres imitados por ventos desconhecidos). Partiram à procura de si mesmos e perderam todas as suas certezas. Estavam agitados, inquietos,

seus pensamentos se entrechocavam como as peças misturadas de um quebra-cabeça." (...) Confundiam-se, não sabiam mais nada. Muitas cousas tinham feito e deixado de fazer; muitas cousas lamentavam e se arrependiam de ~~ter~~^{não} as ter feito. Tristezas, melancolia de ter deixado para depois..." Nada do que fora feito poderia ser desfeito." Sentiam-se infelizes, descontentes, insatisfeitos consigo mesmos. No entanto, eles estavam vivos e isso era tudo."

IX

PINHAL, desde o início, foi posta sob a proteção do Divino Espírito. Exatamente como a própria Igreja do Cristo. Em outras palavras: "O Espírito Santo conduz a Igreja de Jesus Cristo."

O Espírito Santo conduz o nosso povo, a nossa cidade. Nada mais é preciso para termos calma, tranquilidade e segurança. Para termos paz e confiança no futuro.

Ao bom pinhalense corre o dever de ser cristão. Mas ser cristão não é fácil. O cristão ama e dá a vida por seus inimigos. "O cristão é um outro Cristo." "O cristão autêntico sofre a própria agonia do Cristo." O cristão renuncia voluntariamente à alegria, para que seus irmãos humanos a possuam." (Vem daí que Kierkegaard chegou a dizer que "o cristianismo do Novo Testamento não existe", querendo significar que são tão duras as condições ^{exigências} para ser cristão que ninguém o ~~será~~^{será} em realidade).

O cristão --- tal como o fazia o cura de Ars --- toma a fé a sério. Não brinca com a religião. Toma-se principalmente um cristão ativo, muscular --- ajudando e amando o próximo não com palavras mas com atos. Ou melhor dizendo: seu amor ao próximo se expressa mais com atos que com palavras.

Escreveu Bernanos: "Que melhor coisa podemos esperar (nós, os cristãos) que estar estendidos na Cruz?" Por conseguinte, não será cristão, a contrariu sensu, quem não quiser ser pregado na cruz como o foi o Mestre.

Em PINHAL passei a minha juventude --- uma juventude des preocupada, feliz, marcada pelo amor. Ama o jovem, acima de tudo, a mulher. Mas a mulher --- como disse Salomão, o profeta real --- "a mulher é mais amarga ~~em~~ que a morte."

É nos anos juvenis que vemos como o homem é um animal repulsivo, dominado pela luxúria. Afasta-se do amor divino para beber a taça do prazer --- para se entregar ao sexo mecânico, vazio, sem amor. O sexo sem amor esgota mas não sacia.

Mas, como acima dissemos, citando Salomão, a mulher, assim amada, é amarga. Disse Oscar Wilde: "Há fel mesmo na taça do melhor amor." "Não há amor sem dor pura" --- disse o angélico e tenebroso Novalis.

A juventude nada quer com a Cruz. Vai em busca do gozo, da ventura, da felicidade sensível. Quer imitar o hedonista Oscar Wilde, que confessou: "Lancei a pérola de minha vida num cálice de néctar."

Em realidade, a alegria sensual não é cristã mas pagã. Uma nota do espirito moderno é a alegria do paganismo. É a fascinação perante o sensível. Não pode ser inocente a camaradagem de hoje entre moças e rapazes. Não são inocentes as franquezas da atualidade em matéria de vestuário --- um vestuário que se sumariza cada vez mais, pondo à vista de todos as pernas femininas, as mulheres usando vestidos erguidos até alturas vertiginosas das pernas.

O amor --- esse amor que vemos a toda a hora por aí, ou "amor sensível das emoções" --- não unifica as criaturas. Como

disse Eckhart, "ele une no ato, mas não em essência." À semelhança das demais emoções do coração, o amor sensível aumenta o sentimento de personalidade, não é altruista como o é o verdadeiro amor.

O homem sensível comum, sob o domínio da sensualidade amorosa, desenvolve o egoísmo, ou, como dissemos, o "sentimento de personalidade". Há dois sentimentos de personalidade: o verdadeiro e o falso.

A verdadeira personalidade é altruista, a falsa é egoísta. "Gabriel Marcel demonstrou maravilhosamente como a verdadeira personalidade não é afirmação orgulhosa, mas disponibilidade, facilidade de acolhimento." "Os verdadeiros grandes homens são viris e corajosos, ao mesmo tempo que delicados, desinteressados, abertos, dados."

"A falsa personalidade limita-se à hipertrofia do instinto de defesa; a verdadeira baseia-se no instinto de simpatia." (Charles Moeller, da Universidade belga de Louvain).

A sensualidade, a luxúria do jovem afasta-o do amor divino. "A sensualidade é o leito da descrença." (Julien Green). Quem não tem Deus, só pode ter vileza, baixeza, desnobreza. Quem tem Deus, tem tudo. "Qualquer pulga, estando em Deus, é mais nobre que o mais alto dos anjos em si mesmo." (Eckhart).

Quem se refocila na luxúria, lembra, vividamente, os porcos. "Os porcos procuram sua própria vantagem, preferindo a vida e o farelo às honrarias e ao metal-ouro." Em realidade, há seres humanos vivendo vida de porcos aferrados às próprias paixões e obstinações.

Um porco não esconde nem disfarça seu apetite por coisas baixas. Não dissimula sua idolatria: "Assim como a bebida e a prostituição, as formas primitivas de idolatria são toleradas, mas não aprovadas."

Nossa sociedade é afrodisíaca, é uma civilização do prazer. Todos buscam, ansiosamente, os prazeres dos sentidos. Impera o demônio "mudo" da luxúria. Como disse Bernanos, o demônio da luxúria é "mudo", age por uma espécie de "magia negra", fixa o homem numa imobilidade inquietante, num torpor, num "sono estranho."

Devemos combater as alegrias sensuais, é certo, mas não com a ferocidade de um João Calvino. Os terrores calvinistas são horribéis, são de arrepiar, são de causar calafrios. Olhem para o sinistro Calvino: seu olho é fixo, sua pupila é imóvel, implacável. É o olhar duro, de lucidez hostil, olhar que sempre fixa, e transfixa; um olhar que exprime a crueldade da alma. "Toda a alegria é má, diz esse olhar. Toda a alegria vem de Satanás."

Fugir da alegria sensual não é, porém, mergulhar na solidão. A solidão, em seus termos, é a coisa mais terrível do mundo. Tem o homem necessidade de ~~ouvir~~ ^{ouvir} vozes, vozes para quebrar o silêncio --- vozes nem que sejam para insultar-nos, para amaldiçoar-nos, denegrir-nos, vituperar-nos --- para desejar-nos ou augurar-nos a morte --- vozes para mandar-nos para o diabo, para o inferno...

O solitário condenado, na penitenciária, quer ouvir vozes, quer ouvir falar... O silêncio --- não há pior castigo inventado pela administração do presidio.

Quem teve a idéia de construir prisões com celas individuais (melhor chamadas "jaulas"), onde se guarda completo silêncio --- "não pode ter sido um psiquiatra: um médico não se desonoraria a esse ponto. Também não foi um médico quem estabeleceu o regulamento. As duas pessoas que fizeram o conjunto, o arquiteto e o funcionário que estudou os pormenores da execução da pena, são, ambos, dois monstros repugnantes, dois psicólogos viciosos e cruéis que odeiam sadicamente os condenados." (Claude Charrière, Papillon).

No silêncio, o ~~nosso~~ ^{nosso} sofrimento aumenta. "Quando sofremos, tornamo-nos hipersensíveis." Submersos na solidão, sepultados no isolamento, somos visitados sem cessar por pensamentos sombrios, por reflexões deprimentes. Caimos vítimas de crises de desespero, crises agudas de dor, momentos de cruel desalento... Há, em volta do solitário, uma revoada de pensamentos negros, de reflexões amargas. Em excesso, a solidão produz doença física e moral.

Nada mais necessário que povoar de vivacidade e de ruídos o silêncio do prisioneiro. O silêncio alimenta e aguça a

nossa capacidade de dar vida ou ressuscitar os momentos já vividos por nós e que agora estão embalsamados no passado distante.

Para reviver tais momentos de prazer, de felicidade transeunte, nada melhor do que imitar o prisioneiro, ou o monje medieval, encerrados no completo silêncio de um calabouço, no presidio ou no austero mosteiro, tanto um como o outro longe de qualquer barulho... não distraído mesmo pelo ruído produzido pelo vôo de uma pequenina mósca.

As lembranças revividas afluem, em bandos, nitidas, vivas, límpidas, trazendo ou paz ou inquietação, sossego ou tormento, ao espirito açoitado pelas aspérrimas crueldades da vida.

Os jovens --- pinhalenses ou não --- têm um privilégio: o de unir seriedade e graça. Dessarte, como amiúde sucede, defendem a fé --- defendem essa chaminha débil, tão obscura, que a mão protege dentro da escuridão da noite --- chaminha frágil

que a mão, em pala, não deixa apagar pela raivosa ventania que sopra em meio a uma escura noite de tempestade. À garrida jovem e o galhardo éfebo, que assim protegem e preservam a sua fé, que alimentam e fortificam a fidelidade a Cristo em seus pensamentos e em seus corações, envio a minha saudação, a minha admiração. ~~A esses~~ ^{A esses} que amam a Cristo, "sejam quais forem seus pecados, suas dúvidas, seus erros mesmo, a luz será dada. Ele ou ela será testemunha de Deus."

De que Cristo a juventude mais gosta: do Cristo meigo, manso, ou do Cristo trágico? Disse Charles Moeller: "O homem moderno, vivendo um século trágico, gosta de encontrar um Cristo trágico."

Os vitralistas românicos gostavam de mostrar o Rei da Dor (Isaías diz o "Homem das Dores") mergulhado em abatimento e desolação. Era a "meiga profundidade numa tristeza imensa, que nos comove até à alma."

O sofrimento de Jesus não é "teatro", é uma realidade viva, misteriosa decerto, mas autêntica. Cristo a sofrer humanamente, a agonizar no alto da Cruz, a padecer atrocemente em seu corpo e em sua alma, torna-se totalmente confraternal conosco,

faz-se "concorporal" conosco, como disse, vigorosamente, o Apóstolo Paulo. Olhando para este Cristo ensanguentado podemos entre-
ver os abismos do amor divino.

Cabem, aqui, também, antes de mais, mais algumas consi-
derações. Vejamos estas, de Aldous Huxley: "Na arte cristã, o Sal-
vador tem sido, invariavelmente, representado como um personagem
esguio, de ossos curtos e músculos débeis. Os Cristos grandes e
poderosos são uma exceção um pouco chocante a esta antiga regra.
A respeito da Crucificação, de Rubens, William Blake desdenhosa-
mente ~~descreveu:~~

"Eu compreendi que Cristo era um carpinteiro

E não o criado de um cervejeiro, meu bom senhor."

X

Antes de mais, falemos sinceramente das coisas que as
saudades de PINHAL nos sugerem. PINHAL, vista sob as cores da
saúde, é a mais doce e agradável cidade do mundo. Ficamos com
o espírito celestemente feliz ao recordarmos ~~os~~ ~~xxx~~ quadros, os
cenários pinhalenses.

Aqui podemos repetir, sem exagero, as nobilíssimas e
formosas metáforas de Holderlin, no seu hino inspirado:

"Região afortunada! Não há nem uma colina que não
esteja cheia de vida! E além, sobre a erva ondulante
caem os frutos como uma chuva de outono. Os montes,
iluminados pelo sol, umedecem os seus pés na corrente
do rio, enquanto as cabeças recebem a doce sombra das
coroas de ramos e de musgos. E lá em cima se vêm for-
talezas e casitas, pelas fraldas do monte, como crian-
ças que um avô robusto levasse às costas."

Sim, é verdade, o divino poeta tinha razão: "Região afortunada! Nem uma só colina que não esteja cheia de vida! Os frutos caem como uma chuva de outono. Os montes estão iluminados pelo sol; o casario se derrama pelos montes..."

Cantou o mesmo Holderlin, em veros imortais:

"Que é que me prende àquelas ribas afortunadas e
me faz amá-las mais do que o meu próprio país? Pois,
como que submetido à doce escravidão, sempre estou nos
lugares por onde passou Apolo."

Sim, devo confessá-lo num livro de confidências como este: às colinas suaves de PINHAL amo mais do que a mim mesmo. Ao PINHAL amo tanto como Holderlin amava a ^{Grécia} ~~Grécia~~ imortal.

---É o homem pinhalense melhor ou pior que os demais?

Em PINHAL --- como menos não podia de ser --- a criatura humana tem os traços genéricos dos demais. Joyce provou, em ~~Ulysses~~ ^{Ulysses}, que "o homem é um torvelinho onde se confundem o melhor, o mediocre e o pior." Naturalmente, o "pior" prevalece ou é o traço mais frequente.

Há, no homem, muito de menino, quase nada de adulto. O menino que há no fundo de todos nós, é uma realidade incontestável. Os escultores e pintores da Idade Média representavam a alma sob a forma de um menino. Deus fala-nos no fundo de nós, pedindo-nos que tenhamos piedade desse menino que chora em nós; esse menino é Ele mesmo, é Deus em nós.

Oh, as belas, as deliciosas crianças que flutuam à volta de todas as juventudes!... Escondem-se para amar --- como tantos se escondem para chorar...

Têm, os filósofos, os caturras, pena do entusiasmo poético da juventude. Sentem compaixão dos amores que não vão ^{durar} ~~durar~~ dos amores que só nasceram para morrer. Os entusiasmos que brilham nas fronteiras juvenis vão ser atingidos pela geada, ou morrem mal desabrocham...

---Tem sido uma tônica, uma constante, entre os visitantes de PINHAL, o elogio sem restrições à sua magestosa Igreja Matriz --- "uma verdadeira catedral", como disse Washington Luis,

em 1923, quando visitou oficialmente a nossa cidade.

Escreveu Henry James, em Essais católicos: "A Igreja católica, em comparação com as outras, é em nossos dias sem dúvida a mais espetacular."

Não existe em PINHAL, à volta do seu majestoso templo central, as "sórdidas tendinhas de objetos piedosos".

Eu considero de suma importância o ritual da Igreja, no catolicismo. Uma estrofe do século XII, na abertura de um célebre hino religioso, mostra o sumo valor do ritual. Revela, o ritual, ao devoto, a presença real de Deus:

Dulcis Jesu memoria
dans vera cordi gaudia:
sed semper nil et omnia
ejus dulcis praesentia.

(Traduzido: "Doce é a memória de Jesus, dando alegria aos corações; muito mais doce que o mel e tudo o mais é a sua ^{doce} ~~doce~~ presença").

Homens, mulheres e crianças não escondem a irresistível atração por cerimônias e ritos, sejam ou não da Igreja. De notar-se que os profetas hebreus eram contra o ritualismo.

A igreja (qualquer templo), por mais sagrado que seja, "nem por isso é menos um templo, exprimindo esta ou aquela visão religiosa do mundo, habitado pelo silêncio dos fiéis; não é possível esquecer isto sem negar o próprio templo." (Charles Moeller).

O templo ~~maternal~~ (a igreja) tem natureza dupla: é, simultaneamente, objeto de arte e objeto útil. (O termo útil tomado no sentido profundo de "comunicação com o mundo interior, espiritual e o cosmos harmonioso no qual o homem respira").

A igreja (o templo) liga a arquitetura a uma visão de conjunto, cósmica, que só pode ser religiosa ou filosófica.

---PINHAL sempre foi habitada por moças e rapazes magníficos, de inegável beleza, com uma grande chama a arder-lhes por dentro, no coração, na alma... Moças e rapazes livres como o vento, alguns bastante úteis, de utilidade palpável... ~~Que se~~

São, alguns, jovens que a todos ajudam com os impetos de sua generosidade, de uma generosidade que agradaria a Robin Hood, a um cadete de Gasconha, ao mitológico Teseu...

PINHAL ainda não é habitada por um povo velho, fatigado. Nunca foi habitada por fósseis... A juventude domina os seus habitantes.

Não é fácil ser jovem. É difícil saber o que o mundo reserva a quem é jovem; o jovem deve cuidar-se e "reecar a volta dos tempos em que os homens toquem no fundo do desespero, pois ninguém sabe o que se descobrirá: se uma pepita de ouro, se um punhado de lama."

A fatalidade é como uma cobra à espera de muitos ~~jovens~~ jovens... A cobra espera como uma paciência infinita; ela é o mais terrível dos animais frios. Permanece imóvel e alerta, enrolada sobre si mesma como um parágrafo, alojada numa moita, num pequeno monte de pedras.

É triste ver os jovens afundados no desânimo, ou na choroosa pieguice... Neles, "a terrível ânsia de viver", pode-se converter num sentimento tragicômico --- mais ~~cômico~~ cômico que trágico. É cômico o sentimento de viver quando empolga esse chamado "moço velho".

Há jovens que estranhamente se aproximam da velhice. Vivem próximos desses velhos loucos que passam por sábios.

Devem, os jovens, conhecer bem a natureza e a condição humanas. Analisarem-se a si mesmos, com cuidado e atenção. Analisar-se a si mesmo, contudo, é perigoso; melhor dizendo, nada é mais perigoso, sobretudo se feito em excessiva profundidade. "Não se deve descer muito fundo na noite de si mesmo, não se deve mergulhar nas águas turvas do pântano maldito: os monstros estão ~~lá~~ lá... imóveis."

O inconsciente... Coisa terrível o inconsciente... Sentimos calafrios ao vagamente escutarmos, ao ouvirmos, vindos do fundo do ser, o longo gemido fúnebre do inconsciente...

Outros perigos cercam os jovens: a luxúria entre outros. A querida "fraqueza" pode destruí-los: se ele dela escapa, ela o alcança correndo... A sensualidade persegue o jovem, animal de sangue quente.

Assim como há jovens precocemente apodrecidos, outros existem precocemente salvos. Veja-se o caso (lietrário) de Mar-meladov diante de Sônia (em Dostoievski). O herói de Crime e Castigo sente a atração do bem ao contato de uma criatura suave, sedativa, curativa.

A maioria dos jovens sente atração pelo mundo do sexo. O chamado "pecado carnal" é "pecado que se comete sem cessar, mesmo contra a vontade."

Bem triste é a juventude sem entusiasmo, sem esperança. Nada mais patético que uma juventude vazia, tanto de pensamento como de esperança. Lembra-nos, isto, a passagem do Apocalipse, III, 1: "Conheço as tuas obras. Sei que passas por estar vivo e que estás morto."

Jovens existem que são portadores de mensagens incapazes de comunicarem-se. (Os hippies, entre outros). Os erros juvenis devem ser perdoados: "todos temos necessidade de ser perdoados."

A esperança realiza um trabalho subterrâneo no silêncio da alma. Jovens esperançosos são coisas belas, emocionantes, magnificas... A esperança deve ser uma presença nitida, luminosa, na alma do jovem.

"Esperar, esperar, esperar, é preciso esperar! (Mesmo contra a esperança)."

Cristo soube esperar, mesmo pregado no ignominioso madeiro.

Depois da tempestade, vem a bonança.

Depois das noites pegajosas de dor, vêm os dias felizes.

Há noites (de dor) tão escuras, de tão impressionante escuridão, que "a luz parece ter desaparecido por completo do mundo."

Por outro lado, a dúvida é enervante, a dúvida inquieta e pode perder os homens. Mesmo as criaturas mais frias, mesmo os

entes dotados de razão luminosa e límpida, podem sucumbir aos assaltos da dúvida. Sua frieza é um muro, um dique que resiste a todos os embates. Contudo, "por trás dessa máscara de certeza", por trás dessa parede gelada, "uma dúvida percorre lentamente o seu caminho cego."

Os jovens devem evitar a pobreza. A pobreza desnatura, desvincula, corrompe, faz com que os seres não só se aviltem, se abaiquem mas, até, se agachem. Viver agachado é pior que se degradar. É virar capacho humano.

A pobreza cria o corrupto império das circunstâncias, quero dizer essa feição ou fisionomia que assume a realidade, tornando impossível a pureza e atirando para muito longe o problema da virtude, fazendo de Deus uma "ausência" (um "problema ausente").

O saneamento das circunstâncias, um poder que desinfete o ar e que faça a limpeza do contorno da realidade e da vida ainda não foi inaugurado entre os homens, e é de prever-se, com certeza e com segurança, que tal regime político e social tão cedo não aparecerá entre nós, visto mexer com estruturas tão profundas da natureza humana, bem como da sociedade.

XI

AO ABRIR a porta do passado, devo registrar um fato que foi muito importante no curso de minha vida: o meu casamento. À tarde do dia 16 de abril de 1945, no altar-mor da igreja matriz de PINHAL, mudei de estado, ou seja, casei-me, abandonei meus lençóis solteiros. Despoei uma das filhas do poeta, escritor e jornalista Sampaio Júnior, diretor de A Notícia local. Contava eu então quase 29 anos de idade, minha desposada Maria Aparecida estando perto dos 20 anos de idade (nascera em 31 de maio de 1925).

Desse consórcio vieram à luz dois filhos, ou seja, um menino e uma menina; ela, Guacira Marta, nascida em PINHAL aos 9 de fevereiro de 1946, e ele, Paulo de Tarso, nascido em Caçapava-SP, em 13 de outubro de 1950. Paulo casou-se no Rio de Janeiro, Guacira continuando solteira em São Paulo - Capital.

Mediante desquite por mútuo consentimento, separamo-nos, minha mulher e eu, em 20 de dezembro de 1955, ou seja, pouco mais

Nosso casamento teve a duração de pouco mais de 10 anos, cinco dos quais vivi "rodando" sozinho por cidades do interior, trabalhando como delegado de polícia.

Não padece dúvida: o casamento é o ato mais importante da vida civil dum homem. Como disse Maulnier: o casamento é fundamental. Mas --- observa, agudamente, o mesmo escritor francês: "O casamento nada significa se não significa isto: "Continuarei a amar-te quando já não sentir amor por ti."

Dis o mesmo Maulnier, com limpidez e precisão: "A adultéria é má. Má. Má como as crianças infelizes. Má como os cachorros que mordem os que deles se acercam, por terem sido espancados muitas vezes. Má porque tem medo. Má porque não foi bastante amada. Caim matou porque não era bastante amado."

Hoje, no Brasil, abolido o desquite, temos o divórcio para dar solução aos casamentos infelizes, ou "casamentos que não deram certo". Divórcio será realmente solução evidente, luminosa? É o que iremos ver, no correr do tempo...

Nem o desquite nem o divórcio curam as feridas emocionais deixadas pelo casamento. As fraturas emotivas, as feridas mentais continuam sangrando por algum tempo; depois, prevalece a idéia corrente de que "o que passou, passou". O que passou fica lá atrás, parado; congelado em forma oca, imóvel, estúpida, não mais podendo prejudicar.

Pensamentos interiores, anseios secretos, sonhos, devaneios, castelos de amor ficam

"paralisados
no frio tempo,
fora das sombras
que o sol regula."

(Cecilia Meireles)

Mudando de assunto, direi, ainda, neste livro de livres relatos, de espontâneas e francas confidências, de sinceros depoimentos que faço sobre mim mesmo, que encontrei gente que só agia por cálculo, por interesse. Outros encontrei que eram maus, perversos, injustos, ingratos. Faziam o mal com naturalidade. Est

Sabiam que Deus os condenava por serem voluntariamente maus. Mas "o Inferno ainda estava longe" --- eles concluíam --- e continuavam a fazer o mal.

O que constantemente rogo a le bon Dieu é que tenha misericórdia dos maus. Porque os maus são úteis, mesmo utilíssimos: eles servem para comer os bons. "Os bons são o almoço dos maus."

Que seria do mundo se só existisse gente boa?

Que espetáculo insuportavelmente uniforme e monótono não haveria de oferecer a terra!...

---PINHAL, mesmo nos seus dias escaldantes, nos seus dias de calor enervante, é uma cidade boa de se lembrar... Cidade aprazível, doce, feita de paisagens e panoramas lindíssimos, de um bucolismo realmente encantador.

"Estes sítios tornam doce
o coração mais amargo!"

(Cecilia Meireles)

---Vivem em PINHAL moças e rapazes livres, que de há muito já mandaram ao diabo a "respeitabilidade". Nada querem com os chamados preconceitos burgueses. Não crêm nos que dizem que --- "não há salvação para os que tresmalham..." (Tresmalhar, para alguns, é sair da bitola comum, não aceitar o ramerrão considerado normal, negar a rotina e a convenção, etc.).

Muitos enunciam bobagens, disparates, com voz firme e resoluta, como se afirmassem certezas...

Aqueles rapazes e aquelas moças pinhalenses são felizes por abandonarem as convenções, por cmitarem as tradições solidamente firmadas. Isto é o que eles mais querem, porque, em realidade, "nunca ninguém se afasta muito... Quando se é jovem, a gente às vezes pensa em partir para muito longe, sozinho: não vemos que a trilha já foi pisada... Queremos ser diferentes, ser... melhores ou piores, mais... enfim, diferentes! Únicos! Então, a gente corre para a frente, possuído pelo demônio da alma... às vezes, é uma mulher que nos faz voltar ao rebenho... Ou a vida --- dois, três bons golpes da vida." (Pièrre Schoendoerffer, em Adeus Ao Rei, romance).

Certa porção de jovens prefere rir insolentemente na cara das pessoas respeitáveis. Zombam, com dureza, da vaidade dos empreendimentos humanos. Nada respeitam. Não confiam nos confusos designios adultos. Injuriam os companheiros que porventura se identificam ao rebanho, convertendo-se em ovelhas e cordeiros humanos.

Para esses jovens, ser velho nada significa. Bem sabem eles que existem "velhos cujo conhecimento da vida é só conversa." O tempo passou, inutilmente, por eles: nada aprenderam. ~~xxx~~ E sua ciência ou sapiência é pura conversa.

(É preciso salientar, entre parêntesis: há dois tipos de conversa: a fiada e a autêntica).

XII

AQUI estou eu, novamente, a remexer as cinzas do passado. Mexo com coisas velhas, muito do tempo passado... "No grande espelho do tempo --- diz Cecilia Meireles ---, cada vida se retrata." Cada retrato termina sendo cuidadosamente guardado no esquecimento.

"Sobre o tempo vem mais tempo" --- diz a mesma e citada Cecilia Meireles. Recordar... Contemplar, demoradamente, o "espaço antigo" --- o espaço povoado de acontecimentos felizes e infelizes, o espaço do passado, no seio do qual

"A névoa que se adensa vai formando
Nublados reinos de saudade e pranto."

(Cecilia Meireles)

Pergunto eu: a vida pode ser inimiga da felicidade? Sim, pode, responde Santa Tereza de Ávila, Doutora da Igreja. Escreveu ela, neste fragmento da Exclamação XVIII: "Ó vida, inimiga da minha felicidade! Por que não me é permitido destruir-te! Eu te

suporte porque Deus te suporta. Conserve-te, porque tu lhe pertences. Mas não me traias e não sejas ingrata! E a despeito de tudo, ó Senhor, ai de mim, como é longo o exílio!"

A caminhada do exilado --- eis o significado da vida humana sobre a terra. O homem é um peregrino, um viandante, um homo viator sobre o mundo, com saudade ou nostalgia da pátria divina, da Jerusalém celeste.

Viver, gozar avidamente a vida --- eis o sonho dos hedonistas. Levantam-se cedo. Logo cedinho estão de pé, prontos para sair, para respirar o ar oxigenado e puro, para mergulhar na luz clara da manhã. Querem beber a felicidade, nega pela prodigiosa Santa de Ávila.

Sibaritas e hedonistas querem sentir a delícia de viver. Desejam que "o próprio mar flua em suas veias, até que estejam vestidos com os céus e coroados de estrelas."

Desejam fruir plenamente a delícia da vida. Querem, em verdade, ter mais motivos de prazer que "a noiva do monarca na câmara nupcial".

"Jamais fruirás plenamente a delícia da vida até que percebas a ti mesmo como sendo o único herdeiro de todo o universo, e mais que isso, pois todos os homens que nele estão são seus herdeiros, tanto como tu." (Thomas Traherne).

Diz o mesmo Traherne, em seu emocionante lirismo: "A alegria de viver jamais é completa, até que todas as manhãs desperdes no Céu."

"A alegria de viver jamais é completa, até que todas as manhãs te vejas a ti mesmo no Palácio do Pai, mirando os céus, a terra e o ar como dádavas celestiais e tudo contemplando com reverente estima, como se estivesses entre os Anjos."

Alegria, júbilo verdadeiramente celestial, sem igual, sem medida, só o do habitante do Céu. A maioria dos seres humanos carregam o esquite dum ego doloroso e infeliz. E os jovens dramáticos, muitos intensos, com a intensidade referida por Malraux, terão condições de ser felizes?...

Ninguém poderá ser plenamente feliz neste mundo ---

--- "jamais poderás sentir a alegria de viver", diz Traherne --- "antes que possas cantar, regozijar-te e deleitar-te em Deus, assim como os avarentos com o ouro e os reis com seus cetros."

Jamais amarás a vida, antes que "as estrelas sejam tuas jóias"; até que ames os homens desejando sua felicidade com uma sede igual ao zelo que sentes por ti mesmo; até que te regozijes em Deus por ser bom para todos."

"O universo é um espelho da Beleza Infinita, porém o homem não o vê." O homem bom, temente a Deus, o único digno de ser feliz, deve "odiar totalmente a abominável corrupção deste mundo."

Nenhum amor liberta --- salvo o amor de Deus. Apenas o amor de Deus salva-nos da "escuridão e miséria deste mundo". O amor divino é o único que dá vida ao jovem morto --- frouxo, apagado, amorfo, frio. O único capaz de reanimar a velhice glacial, dar vivacidade a um velho sem intensidade, que não é desafio, que é anti-destino.

O amor de Deus fortalece-nos no meio dos perigos e desgraças deste mundo. O mundo é constantemente varrido pelos demônios da desgraça. Infortúnio, sinfonia cruel, que atormenta e suplícia toda a humanidade. Vergasta que cai, metodicamente, nos lombos de todos os homens. Chicote que vibra no dorso da humanidade. Sofrimento tão grande e tão constante que faz a humanidade perder o equilíbrio.

Há, no mundo, muita dor e muita maldade também. Existem, aos montões, tanto sofredores como seres maus, seres violentos, cruéis --- escorpiões negros, perigosos, cujas picadas causam dor fulgurante...

O escorpião pode ser visto como o símbolo do mal. O mal, sendo destrutivo, é transitório. ~~Quando um~~ ^{Quando um} escorpião se sente perdido, pica-se a si mesmo, para morrer."

O mal, sendo destrutivo, encontra seu fim em si mesmo (auto-anula-se). Só o bem é eterno, permanece para sempre.

---Teria sentido procurar a glória, buscar a permanência na memória dos homens?

Diz o Livro Sagrado: "Dia virá em que nossos nomes serão esquecidos e ninguém se lembrará das nossas obras."

Nada permanece, tudo muda. Diz um caligrama japonês:

"Cada momento, um novo momento."

Tudo desaparece --- a vida mais infima como a mais gloriosa, o sujeito sem nome como o homem de reputação mais ruidosa. Tudo desaparece, como uma nuvem... E a glória --- a glória mais não é que barulho oco, ruído sem importância, fadado a submergir-se no silêncio absoluto, no nada...

Palou Ladislau Reymont, em seu intensamente lido Os camponeses, na miséria deste mundo; este mundo, disse ele, é "a noite cruel, mundo cheio de aflição e de misérias, de injustiças e de prantos, de queixumes e de esperas." Mais adiante, pergunta o notável escritor: "Que é então esta vida escura e miserável, que é o dia a dia semelhante ao olhar de um enfermo, velado pela tristeza como por um nevoeiro, senão um crepúsculo, uma noite lenta e melancólica, através da qual só quase à hora da morte se podem ver com os próprios olhos essas maravilhas?"

Sim, é inegável: bem triste é a ^{"condição"}~~realização~~ do homem neste mundo: "Tu vives, homem, como o gado curvado para a terra, sob o jugo... Tu vives, homem, como a pedra cega sob a água profunda... És nas trevas, ó homem, que lavras o campo da vida e semeias as lágrimas, as penas e as dores... És no lodo, ó homem, que revolve a tua alma estrelada, no lodo..." (cfr. Ladislau Reymont, Os camponeses).

Prestemos atenção, por um momento, ao que disse Georges Bernanos: nossas felicidades são terrenas mas nossas desgraças são sobrenaturais. Nisto reside o verdadeiro risco de nossa vida. O perigo da vida é o pecado. Bernanos conheceu, em todo o seu horror, a essência trágica do pecado. E deu-no-la. Deu-no-la em páginas inesquecíveis.

O Evangelho mostra-nos o verdadeiro caminho a seguir. O Evangelho não envelhece. Disse Bernanos: "O Evangelho é sempre jovem."

O Evangelho não condena a pura alegria de viver --- condena sim, e apenas, a demoníaca alegria nascida da sensualidade, da luxúria.

Já vimos qual a atitude tomada por João Calvino no 68

tocante a esta questão da "alegria de viver". Calvino, submerso no seu terror, tinha medo da alegria, perseguia a alegria com seu rancor implacável, porquanto supunha que a alegria é uma "tentação do Maligno". O chefe do calvinismo odiava e procurava exterminar tudo o que era belo, risonho, adorável, porque pensava que a alegria, o sorriso, a beleza eram armadilhas do Demônio, ardis de Satanás para nos perder... Sustentava ele, no seu erro e na sua demência: "Toda a alegria é má. Toda a alegria vem de Satanás." --- "Um coração puro foge da alegria", porque a alegria é um laço armado pelo Rei do Inferno para nos perder, para nos desgraçar, para nos arrebatara a alma...

O sinistro João Calvino usava um palavriado de tremenda força para acabar com a alegria, para lançá-la para fora do mundo como coisa do diabo. Perto desse furor sombrio as vituperações (frias, glaciais) de Jean-Paul Sartre sobre o absurdo são flores de papel. Genebra amaldiçoou a alegria, que apenas aparentemente é a matriz ou a geradora da onipotência do pecado.

--- É preciso que os jovens compreendam o valor da virtude e da santidade.

Meu jovem, se não podes ser um santo, seja
então um atleta da virtude.

Que não te empolgue, como senhor absoluto de tua alma, o demônio "mudo" da luxúria.

"O demônio da luxúria é um demônio "mudo" --- escreveu Bernanos, que acrescenta: "A máscara do prazer é a da angústia."

Uma das teses de Bernanos é esta: a criança não é de forma alguma ignorante das coisas do prazer; é falso dizer que a ela mal ocorre a idéia do prazer.

"A verdadeira pureza não é ignorância, e sim escolha consciente, luta, em meio a uma realidade carnal de que já sentimos em nós as dolorosas tentações." (Bernanos).

Repetimos: é falso dizer que a infância é uma etapa da vida em que a sensualidade está ausente. A verdade está justamente no contrário. Opinam os psiquiatras: a infância é um período

de grande sensualidade." Isto é meridianamente verdadeiro, porém "um menino não sofre por sexualidade"; "ele nem sequer tem consciência da sexualidade"; esta, a rigor, não existe para ele."

"O menino não sofre com a sua sexualidade porque nada de espiritual se mistura ainda nela; a cumplicidade da alma, em meio ao desejo carnal, é a fonte das tristezas que este desperta." (Charles Moeller).

Tenha-se entretanto presente que o acordar da consciência pecadora pode ocorrer bem cedo --- ocorre geralmente ai por volta dos 13 ou 14 anos de idade. Confessou Gide que, nele, ocorreu logo aos 12 anos. A pessoa é "carnal" só mesmo prá lá da adolescência...

XIII

INSISTO em reviver coisas, cenas, acontecimentos do meu passado distante. Abro a cortina, corro o reposteiro que me separa de eventos muito afastados no tempo. Luto contra o tempo, que tudo engole, tudo devora em sua ininterrupta passagem. Tudo, na verdade, se passa precisamente à feição do que disse Cecília Meireles, a nossa poetisa maior:

"muitas coisas não se compreendem,
tudo se esquece, o tempo passa..."

O tempo passa veloz: "tudo nos tira, o bravo tempo agressor." Tudo termina ficando tão separado de nós!

"O amor chega, passa e logo se esquece." Amores dos anos juvenis, são "ilusões da vida em flor". Doce cativoiro cuja marca é ser passageiro...

Já vai longe a minha vida passada. Reconheço agora que o barco de minha vida tinha a Sorte no leme. Geralmente, "a sorte é

diferente de tudo que se imagina", como também disse Cecilia Meireles, com o seu extraordinário e "admirável senso dos valores verbais." E acrescenta:

"Vira a Sorte o leme rápido,
de repente:

Assim é, em realidade: de uma hora para a outra as coisas mudam em nossa vida. Somos governados pelo imprevisto, pelo inesperado. De um momento para o outro as coisas apresentam novo aspecto ou feitio, nova face ou fisionomia, tanto para o bem como para o mal, tanto a nosso favor como contra nós.

Olhando, agora, para trás, posso assegurar que sempre fui um esteta, um cerebral puro, um "doente da beleza". Muito sensível, sofri o peso da vida, o peso do tempo.

Sofri por amor, pois vive o amor "nos tanques largos da dor."

Amei a doce moça, em dias de primor. Mas foi amor de poeta, igual a esses amores que nascem para não durar:

"---Tanto amor, tanto desejo...
Desfez-se o fumo da fábula,
que isso de amores de poetas
são tudo aéreas palavras..."

(Cecilia Meireles)

Cometei fraquezas?

É de crer que sim:

"A sombra da noite escura
encobre muito pecado."

(Cecilia Meireles)

Tive inimigos?

Tive-os, como os têm todos os seres humanos:

"o olho ardente da perfidia,
a velar, na noite morta."

(Cecilia Meireles)

(Devo declarar, aqui, entre parêntesis, que honro-me, sobremaneira, em citar Cecilia Meireles neste contexto e em outros de minha lavra, porquanto a autora do Romanceiro da Inconfidência recebeu do grande crítico literário português João Gaspar Simões a seguinte apreciação crítica: "Cecilia Meireles é um dos maiores poetas da língua portuguesa").

Em resumo, viver que é?

Viver é fingir e ver fingir. Mentir e ver mentir. Assim,

vão

"os homens mentindo aos homens,
entre canalhas e heróis."
(Cecilia Meireles)

As vidas humanas são a bem dizer jogadas pelo Destino como nos jogos de cartas. Jogos grandes e pequenos, jogos de grandes e de pequenas paradas, usando-se os barulhos da vida.

É o que nos diz Cecilia Meireles:

"Grandes jogos são jogados
entre a terra e o firmamento:
por anos, meses e dias,
independentes do tempo..."

.....
não há mais ninguém que esteja
fora dos vastos barulhos.

Batem as cartas na mesa,
na curva mesa da terra.
Partida sobre partida,
perde-se renome ou vida:
mas a perdição é certa.

Não têm corações em seu tempo,
lá vem a partida e o barulho:

Lá vêm corações em sangue,
lá vêm tenebrosos chupcos:
defrontam-se ouros e espadas,
saltam coroas quebradas,
morrem culpados e justos.

Batem as cartas na mesa...
Cruzam-se naipes e pontos:
não se avista quem baralha
esta confusa batalha
de enigmas, quedas e assombros.

Grandes jogos são jogados.
E os silenciosos parceiros
não sabem, a cada lance,
que o jogo, fora de alcance,
pertence a dados alheios."

Esclarece a grande poetisa que as mesas desse jogo "estão cobertos de ouros, paus, espadas, copas..." Há, também, sobre ela, "sangue, sofrimento..."

"No baralho bate o vento
e o jogo segue outras voltas."

---Muitas, muitas voltas deu minha vida. Foi trágica a dimensão de minha existência? Sim e não, como a da maioria dos seres humanos.

Por exemplo, adoeci gravemente, em 1º de setembro de 1971. Fiquei, logo depois, encerrado em quarto-prisão, lançado em "colchão-tumba", como diria Heine. Perdi, quase por completo, na linguagem médica, a "capacidade de deambulação."

Meu quarto de hotel ---- durante anos a fio tenho morado nesse tipo de humana habitação, muito difundida nas cidades grandes ---- tornou-se uma espécie de prisão, com carcereiros à volta para atender-me, para trazer-me refeições e o mais...

Fui arremessado em penosa situação ---- em uma condição de vida que poucos talvez suportassem com longanimidade. Se eu a aceito, com perfeita paciência e resignação, é porque tenho Deus a meu favor, é porque creio na bondade do Pai Celeste, que só pode dar-me o que é bom para mim, o que não me prejudica nem molesta. Sei, por conseguinte, que este sofrimento por que passo é necessário ao desenvolvimento do meu espírito, e dia chegará ^{em que} ~~quaxixix~~ me será mostrado isso, plenamente.

Por enquanto, até que chegue ou raie esse dia, posso dizer, com Cecilia Meireles, que estou a fazer

"em cárcere verdadeiro,
sem grade por onde se aviste
esperança, tempo, luzeiro...
Prisão perpétua, exílio estranho,
sem juiz, sentença ou carcereiro..."

Em tal situação, só a Morte trará libertação... "A morte não é assim tão terrível. O que é terrível é o desespero..." Cabem, aqui, por muito oportunas, as considerações e reflexões de Joel Goldsmith acerca desse cotidiano e no entanto tão estranho fenômeno da Morte:

"Todo homem que tem medo não tem Deus. Medo é ateísmo. Medo é a convicção de que não há Deus. No momento em que o homem tem Deus não tem medo. Que poderia temer? Andar pelo vale das sombras da morte? E por que temer isto? Não terá cada um de nós deixar um dia, este cenário da consciência terrestre? Não é que, durante a guerra, mandamos para a frente de batalha jovens de dezoito, dezenove e vinte anos, para morrerem ---- e não hesitamos em fazer tal coisa? E por que temeríamos nós isto que fizemos aos outros?

"Deixar o cenário terrestre não é morte; é morte somente para os que têm medo ---- e eles despertarão e verão que fúteis eram os seus temores, uma vez que a ~~din~~

partida deste plano não é mais do que uma transição para outro. Cada um de nós tem de fazer essa transição --- ou pensas tu que tu e eu possamos abrir exceção? achas que tu e eu não teremos de passar pela mesma experiência? Não está no plano de Deus que o homem viva para sempre nesta terra, assim como ninguém pode viver para sempre como criança ou como um jovem de trinta anos. Provavelmente, nós, se fôssemos Deus, faríamos arranjos para que cada um de nós permanecesse para sempre no plano dos trinta ou cinquenta anos sadios e vigorosos. Para nós, isto talvez correspondesse à idéia de um mundo ideal; se assim fosse na verdade, certamente Deus teria tomado providência nesse sentido.

"A nossa vida é eterna e imortal. Quer tenhamos seis, ou sessenta ou seiscientos anos --- sempre vivemos. O corpo é que está sujeito a mudanças; passa do corpo da criança de peito para o do infante, do jovem púbere, do homem adulto --- mas não deveria jamais caducar no estado da velhice --- deveria permanecer sempre em estado de sadia maturidade. Então se daria diretamente aquela transição para a próxima fase de existência, que é apenas uma continuação da nossa atividade no plano da vivência atual.

"Qual é o modo de existir do homem quando deixa o plano terrestre? Uma coisa é certa: que os que não vivem espiritualmente não se tornarão espirituais só pelo fato de terem morrido. É fora de dúvida que acordarão no mesmo nível de consciência em que deixaram a terra. Aqueles, porém, que se acham no caminho espiritual --- e isto eu sei, não por vaga opinião, mas por experiência interior --- atingirão imediatamente, após o seu passamento, um plano superior de consciência, mesmo que não tenham feito grandes progressos nesse caminho. Com outras palavras: para quem se acha no caminho espiritual, a própria passagem pela morte é um processo de libertação daquilo que está relacionado com a existência material.

Isto não quer dizer, naturalmente, que faríamos bem em pular pela janela para morrermos de vez porque semelhante ato agravaria ainda mais a prisão material.

"Mas o passamento em si, mesmo que este seja devido a doença ou acidente, parece representar para os que se acham no caminho espiritual uma libertação duma boa parte dos conceitos materiais da existência, e os assim libertos ingressam imediatamente num nível superior de consciência.

"O último passo, porém, está em que cada homem individual alcançará, um dia, a plenitude da consciência crística. Entretanto, parece que ninguém sabe quantos dias, semanas, meses, anos, séculos ou milênios durará esse processo; nem sabemos quantas vezes teremos de voltar a essa dimensão de consciência humana, para novas oportunidades de aprendizagem."

Recomenda, finalmente, o Autor acima citado, que devemos "abrir mão de ~~estas~~ ^{nossas} metas materiais e somente procurar a nossa realização espiritual em Deus." E acrescenta: "A meta da vida espiritual consiste em despertar em si a imagem e semelhança de Deus e realizar a identidade espiritual do Cristo, o Filho de Deus."

E com a mesma beleza e eloquência prossegue:

"A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

"Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
--- e estais no bico das penas,
e estais na tinta que se molha,
e estais nas mãos dos juizes,
e sois o ferro que arrocha,
e sois o barco para o exílio,
.....

XIV

Eu...DIGO que sofri, a vida inteira, a fascinação, a magia da palavra. A palavra é mágica. Com efeito, é estranha, é portentosa, é poderosíssima a força das palavras. Ouçamos o que disse a nossa admirável Cecília Meireles:

"Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
princípio à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota..."

Antes já houvera dito a poetisa, formosamente:

"... palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna

---Palavras, palavras, palavras... Wards, wards, wards...
Que os jovens evitem, o quanto possam, a feia acusação de tagarelas, de boquirritos, de "bocas moles", de falatrões irresponsáveis. Que não sejam tachados de jovens loquazes e sem juízo. Papagaios sem reputação. Jovens: não desmoralizem a magia das palavras; não degradem e sim cultivem, com devoção, o imenso valor da palavra. A palavra deve ser flor e não chaga, na boca de quem a pronuncia.

---Passei todos os meus anos juvenis em PINHAL. Via de regra, a juventude ^{vive} ~~vive~~ sob o império de uma concepção voluptuosa e naturalista da existência. Todos trazemos dentro de nós as fibras do mesmo câncer: a luxúria. Ou seja, uma sensualidade cega, devoradora, infatigável, que nos acompanha até ao sepulcro.

Dizem os autores espirituais que a sensualidade, a luxúria é inerente à natureza humana. Quer dizer, dentro de nós contraem-se, sem cessar, os tentáculos desse polvo maldito: a cobiça

camal, o pecado contra a castidade. Até as crianças --- (provou-o Bernanos) --- são luxuriosas.

Pensem nisto: até as crianças são luxuriosas. Nada mais verdadeiro nem mais chocante do que uma criança libidinosa. Contudo, é certo que há nos pequeninos seres uma malícia tão precoce, tão lúcida... É a tese de Bernanos, mostrando que a malícia infantil é algo de monstruoso, tem qualquer coisa de diabólico --- "pois a infância deve ser mística, deve ser um ninho de pureza".

A impureza numa criança --- haverá algo de mais chocante?

A criança é corrompida pelos pecados alheios --- pecados que empestam o ar, que envenenam a atmosfera... Misteriosa é a tristeza da criança. A criança é triste porque pecou... Demonstra a experiência que "há desesperos de criança"...

A criança, esse precioso tesourinho de muitas mãezinhas, pode ser devorada pelo tumor maligno da luxúria. A preciosa criaturinha --- "sobre quem velam ainda os anjos" --- pode ser devorada pela "chaga vergonhosa" do pecado libidinoso.

--- Certas ruas e avenidas e praças públicas de PINHAL ainda se lembram dos passeios que dei com a moça que amei... Que amei ou que desejei? Quem separará o amor do desejo?

O desejo carnal ainda envolto nas chamas do amor. Veja o caso ou o exemplo da chamada "moça cristã": ela sente "no ar" o apelo sexual... Fica logo constrangida como uma senhora honesta perante um cavalheiro com "intenções"...

Os belos corpos exercem enorme atração --- todos querem amá-los e procurar aquela "queda deliciosa", referida por Sartre e outros. É natural, em nós, a ternura pelas coisas sensíveis, sentir amor pelos belos corpos; uma espécie de devoção paga apodera-se de nós diante de uma carne viva e bela. É, numa palavra, a atração sensual ^{da} ~~uma~~ beleza visível. Tudo culminando no assim chamado "pecado da carne".

Espectáculo digno de admiração é o da alma de moças e rapazes cristãos. São eles gente "dividida por um tabique; de um lado, Deus para os domingos e os retiros espirituais, e do outro um ideal de afirmação própria que é pura e simplesmente pagão."

Que Cristo eles amam? Um Cristo rococó, delicado, ou um

Cristo arrebitado da arte barroca?

Apesar de cristãos, amam a vida sensível. O pobre vive-dor ama a beleza do mundo, da qual entretanto parece pouco rece-ber; o vive-dor sofre e goza pelos caminhos do mundo --- "os po-bres caminhos que trazem as alegrias e as tristezas dos homens". Muitos desses vive-dores, em verdade, quando estão sozinhos, pelos cantos, "poem-se a chorar".

Ah, as melancolias sem fim, essas, do viver no mundo!... Que há por detrás das paredes das casas fechadas, que há dentro das casas e sob os tetos das moradias humanas? Homens e mulheres e crianças estão presos dentro dos chamados "lares", lugares onde rondam a loucura, o crime, o horror...

Fatalidade; seres acorrentados ao próprio destino; gen-te lutando, freneticamente, para libertar-se do próprio fado ou destino; loucas tentativas de emancipação, que falham...

Anseio de libertação... Corridas alucinantes dentro de um nevoeiro... A solidão por todos os lados... A máxima solidão na vida é ficar sozinho, sem amor e sem piedade, no deserto do mundo... Em tal solidão, no frio do silêncio, há dor, há deses-pêro...

Cristo e seu Evangelho, todavia, poderia povoar a nossa solidão. Mas --- devmos confessar sinceramente --- "abismos nos separam do Evangelho". "Parece que não abrimos a boca sem que nossas palavras o reneguem" --- reneguem esses caminhos da Ver-dade e da Vida...

Nada melhor para o solitário, do que ^{orar} ~~orar~~ Desejar ~~xxx~~ orar é já orar. Contenta-se Deus com essa débil volição de entre-gar-se a Ele. Esse pouco é suficiente para agradar a Deus.

A vida é tão dura, tão áspera, tão injusta que chega a privar-nos de qualquer alegria. Para muitos, a vida se converte em verdadeiro martírio (um martírio como a de certo franciscano do ano 1.200). Somos cruelmente privados da verdadeira joviali-dade, que é a dos santos. Perto das "santas" alegrias, que são os nossos "funestos prazeres"? Entretanto, o santo ama o ~~sufrimento~~ sofrimento; para ele, passar um curto dia sem sofrer, é grande aflição...

O que sofrem os santos é o sofrimento autêntico. Nós outros, muita vez sofremos por nonadas, padecemos por questões de lena caprina... "Há pessoas que um mau almôço, ou aquilo que elas consideram um mau almôço, entristece." (Charles Moeller).

Sofrer supérfluamente, é insânia, insensatez. Stultitiam. Pensem nisto: o mundo pode acabar de repente.

"O que tem de acabar um dia também pode acabar de repente, e a idéia mais desesperadora para os derradeiros homens, testemunhas do planeta, será justamente a de que todos os sacrifícios pelos quais os seus antecessores malbarataram as suas possibilidades de ser felizes se perderam, e com elas perderam a vida no vão intento de a prolongar e melhorar." (L. EVELY).

Com efeito, muitos, muitos de nós malgastam a vida na caça, de todo vã, estúpida, de coisas perecíveis, sem nenhum valor intrínseco. Perdem --- como disse o autor acima citado --- "a possibilidade de ser felizes", consumidos que estão pela "febre chamada vida". Quando acordam já é tarde, muito tarde: já estão prontos para morrer... Já estão no ponto de deixar a terra, para ir embora do planeta...

---Insistem muitos --- os materialistas e outros ---- em fazer o processo de Deus; querem "acertar" as contas com Ele.

Certos pensadores aproximaram de Prometeu acorrentado o Cristo sofredor. Isto é possível de fazer-se; contudo, é impossível identificar Prometeu com Jesus. Lembrem-se que o próprio Nietzsche se negou violentamente a fazer isso...

A razão --- "a pobre louca" --- que ~~não~~ que ela não intenta fazer? A razão toma, muita vez, a alucinação como verdade.

Preocupa-se a razão com o fato de Cristo não poder pecar. Mas --- diz a sã teologia, a teologia católica --- que "o fato de que Jesus não podia pecar não diminui a sua humanidade, não minora a sua semelhança conosco, porque o pecado não faz parte da natureza humana querida por Deus; portanto, Cristo impecável

é ainda mais homem que nós, que somos pecadores, não apesar de ser impecável mas porque o é." (Charles Moeller).

---Na vida do jovem cristão, da moça cristã, enxameiam aventuras palpitantes, junto à Cruz. Coincidem os nobres trabalhos com os belos dias... Não se cansam nem se impacientam na realização de esforços oblíquos, tentenciosos, indesejáveis... Vozm, individualmente, para o beau geste...

"Na essência, o cristão é tanto mais puramente cristão quanto mais depressa se desprende do mundo: quanto menos usa das criaturas mais se aproxima do Espírito." Assim falou Teilhard de Chardin, o famoso jesuita, honra e glória da Igreja.

Como o carrinho de madeira ^{que} ~~de~~ um menino puxa atrás de si, "nós andamos pela vida assim-assim, cambaleando e nem sempre sobre as quatro rodas."

"na verdade, por que vive,
se a morte é o seu alimento?
se para a morte caminha,
na sege do tempo lento?"

(Cecília Meireles)

---Muito sofri, muito amei, muito combati, muito lutei
em todos estes anos... Tudo, porém, ficou lá atrás, perdido, es-
quecido...

"Agora, tudo
jaz em silêncio:
amor, inveja,
ódio, inocência,
no imenso tempo
se vão lavando...

Grosso cascalho
da humana vida...
Negros orgulhos,
ingênua audácia,
e fingimentos
e covardias
(e covardias!)
vão dando voltas
no imenso tempo,
.....

Parada noite,
suspensa em bruma:
.....
refere o embate
de antigas horas,
de antigos fatos,
de homens antigos.

Quais os que tombam,
em crime exaustos,

XV

MUITOS anos vivi em Pinhal. Só saía da cidade para ir
a Campinas e depois a São Paulo a fim de dar prosseguimento aos
meus estudos. Assim, traduzido em números: vivi na terra natal
de 1916 --- ano de meu nascimento --- até 1945 --- ano de minha
nomeação para delegado de polícia. ~~xxxxxxxx~~ Desde então passei
a peregrinar pelo interior do Estado, apenas podendo visitar a
terra nos períodos de férias anuais, ou nos breves dias que con-
seguia de "licença".

Contudo, meus pensamentos continuavam a recordar tempos
e rostos, cenas e fatos do passado, trabalhos e dias que não vol-
tam mais, nunca mais...

Nomes de amigos e de inimigos se esfumam no passado;
seus vultos diluem-se nas névoas da distância, e já "ninguém mais
sabe os seus nomes". Todos terminam morrendo, e a morte tudo apa-
ga... A morte é o fim, o coroamento, o epílogo natural desta nossa
vida tão breve, tão curta. Assim é que qualquer pessoa viva pode
ser interrogada desta forma:

quais os que sobem,
purificados?

(Cecília Meireles)

É possível dizer-se, retoricamente, que, para lembrar é preciso transpor "colinas de esquecimento". As lembranças ou recordações e reminiscências são coisas importantemente ligadas ao "grande mar do Ser", a que se referia Dante. Mar abissal, tenebroso, e que inunda as profundezas do Ser.

Quando jovem, passei em PINHAL pelas mesmas aventuras palpitantes por que ali passam moças e rapazes. Senti, como todo e qualquer jovem, o aguilhão da sensualidade, da luxúria. Esta é o desejo devorador de um corpo por outro corpo. Sua fonte, sua matriz é o desejo chamado carnal.

A juventude sente amor pelas ilusões da vida. Experimenta uma sede devoradora de prazer; é avida de felicidade sensível. Buscam os jovens os vivíssimos deleites da carne. Moças e rapazes vivem ávidos de prazeres, são escravos dos apetites orgânicos.

É difícil estancar a sede dos desejos. Os desejos são insaciáveis e geram a dor. É preciso ser um sábio, um buda, um homem superior para vencer a fome das volúpias. Só um buda, um homem espiritualmente excelente, é capaz de "atravessar o rio da aflição e do desespero."

Buda --- o mesmo fez o Cristo-Jesus --- condenou "uma vida de prazeres, isto é, baixa, ignóbil, contrária ao espírito, indigna e vã."

É grande o sofrimento da vida, é grande o sofrimento do mundo, por causa do desejo. Desejo, ou "ânsia dolorosa", tanha, como dizem os sábios espirituais do Oriente.

O desejo é o que usamos para tentarmos a nós mesmos. Disse São Tiago, sagazmente, que não somos tentados; nós é que nos tentamos a nós mesmos.

"Desejo, conheço tua raiz,

Nascestes da cogitação.

Desde que ~~não~~ eu não pense mais em ti,

Nunca mais nascerás em mim."

(Sutra indiano)

---Moças e rapazes jogam tudo na felicidade bête de amar e ser amado. Entendem que, fora da felicidade amorosa, só há felicidades secundárias, subalternas, de superfície. São dominados pelas emoções do chamado "amor romântico" --- e esse tipo de amor é egoísta, transitório, mórbido ou doente, fundado no instinto sexual.

A sexualidade é alimentada pelas imundícies da mente; o par amoroso é sedento de prazer carnal, apegase às volúpias, está sempre à cata de gozos orgânicos. O fim ou remate disto tudo é a saciedade, o fastio, a monotonia da posse --- o "desengano anatómico da posse".

A saciedade, o tédio --- eis a bête noire das uniões fundadas exclusivamente no sexo mecânico, ou "amor romântico".

Grande é a tentação exercida sobre nós pela chamada queda carnal. A queda carnal é deliciosa, no momento. Passado o momento de êxtase, cobra caro dos seus participantes...

O sexo, já o sabia e dizia o velho Leonardo da Vinci, é "cosa mentale". E o coito é uma vertiginosa masturbação-a-fois.

A MASTURBAÇÃO. Vício da juventude, mas nasce antes de sua eclosão nos cálidos e impetuosos anos juvenis. Aprendemos a masturbar por volta dos 8 ou 10 anos de idade. Geralmente, não abandonamos mais esse querido "vício solitário"; praticámo-lo mesmo na própria relação sexual, a qual, como se tem dito, não passa de uma masturbação-a-fois.

Oito em 10 homens se masturbam. Seis em 10 mulheres se masturbam. A mulher, sensível como é, amando acima de tudo a sensação final, ~~final~~ uma vez conhecendo o prazer que se obtém no "vício solitário", não consegue deixá-lo nunca mais. Mesmo casada, continua praticando-o com todo o requinte de sua imaginação sensível.

A masturbação se baseia na imaginação, que é bastante rica na mulher. Mentalmente, ela pode se entregar aos amantes masculinos que mais deseja, que mais sente atração. É fato científico, comprovado, que o sistema nervoso aceita como reais os fatos imaginados ou criados na imaginação.

A mulher e o homem somente deixariam de se masturbar, se esse vício não proporcionasse prazer algum, ou somente desse

pequeno prazer... Mas como o prazer é intenso, como o deleite é vivíssimo, podem todos estar certos que o doce e querido vício será conservado para sempre...

PEDERASTIA. - Em geral, meninos --- que não são amados pelos pais --- entregam-se aos atos de homossexualismo. Os pederastas "ativos" facilmente transformam esses meninos mal-amados em "passivos". É imensa a necessidade de amor, de ternura da criança. Esta, se recebe amor no lar, não ouve as "cantadas" dos "ativos". Estes sabem disto e procuram, por toda a parte, os meninos sem amor. Uma vez iniciados nas práticas da pederastia, os meninos acostumam-se com os atos libidinosos, passam a gostar dos ditos atos, neles encontrando prazer ou consolo para a sua tristeza. Assim, as pequenas vítimas passam a amar quem os corrompe.

Uma observação lateral digna de nota: Devida ao mecanismo psicofisiológico chamado de "inversão de retôrno", os que hoje são "ativos" logo mais passam a ser "passivos" na relação sexual. Homossexuais ativos convertem-se em passivos (como é o caso dos travestis, que são, simultaneamente, uma e outra coisa).

COBIÇAR A MULHER DO PRÓXIMO. - Coisa que amiúde ocorre na quadra quente da juventude. Para o ponto de vista da sensualidade, qualquer mulher é um atraente objeto libidinoso, não importando saber se é ou não de alguém.

Assunto grave, este. O adultério é ação vividamente condenada pela moral cristã e pela moral budista. Diz o Dhammapada (Senda da Verdade), jóia da literatura mística oriental e magnífico Manual da Ética Budista: "Quatro castigos aguardam o homem sem escrúpulos, que cobiça a mulher do próximo: infortúnio, sono agitado, reputação vergonhosa e o inferno." --- "Há portanto a má reputação, o demérito, prazer breve e inquieto dos dois cúmplices e a severa punição do juiz. Assim, que nenhum ^{homem} ~~homem~~ cobiçe a mulher alheia."

Este tema tornou-se objeto central de uma canção popular em francês arcaico:

Ce n'est que paine

Ce n'est que paine
Que neus amayne
La demene damour;
Ses sottes flammes
Mairment les âmes
En enfer à toujours.

Buscar a própria felicidade, causando a infelicidade alheia, é má ação, ação condenável. "As ações más queimam e atormentam como o fogo" --- diz o Dhammapada, em uma de suas sentenças de ouro.

Ainda o Dhammapada: "Não é bom praticar obras que tragam tristezas e das quais o fruto será colhido com lágrimas e lamentos." --- "É doce como o mel", assim pensa o néscio do mal feito que ainda não amadureceu; mas quando o mal frutifica, então sofre por isso o estulto." É o mal semelhante a "brasa dormida." "Como ~~como~~ centelha sob cinzas, um belo dia o mal irrompe sobre o néscio." "Então acaba a felicidade do néscio."

Acerca da caça ao prazer diz, também, o Dhammapada: "O homem que se dedica a colher prazeres como flores, é agarrado pela morte, que o puxará como a inundação arrasta a aldeia adormecida."

Partir em busca sôfrega do prazer coisa de néscio é. O néscio nem sabe o grande mal que faz a si mesmo. Diz o Dhammapada: "O néscio a si mesmo causa o mal que lhe desejaria um inimigo."

conservado como reliquia, como cousa digna de recordação da posteridade.

Cada dia que passa é menos um dia para se permanecer neste "lamentável planeta", neste execrando mundo. Devemos crer que é bolha de sabão, miragem, este tenebroso e abominável mundo.

"Tudo nasce somente para morrer" --- lá diz o autor do

Dhammapada.

O TEMPO E O AMOR. --- O tempo tem estreita relação com o amor. Afirma um provérbio italiano: "O amor faz passar o tempo e o tempo faz passar o amor."

Tudo está baseado no espirito. O que nos sustenta neste mundo é o espirito. Ouçamos Milton: "o espirito --- diz ele --- pode transformar o inferno em céu ou o céu em inferno." Concepção realmente sagaz, que está expressa no adagiário sânscrito, da seguinte forma:

"Jana éva manuxiânâm kâranam bandha mokxaiah"

--- o que, traduzido, vem a ser: "o cativo ou a liberdade do homem dependem de seu estado de espirito."

Seria o homem um deus? Di estis --- disse o Cristo-Jesus. Deus está no homem e o homem está em Deus. O Budismo diz a mesma coisa. "Todo o homem é um buda virtual, um buda em estado potencial que se ignora." --- "O buda está em cada um de nós." --- "O buda está em nós mesmos." --- "O que faz chorar --- disse a seus discípulos um santo budista do século XI --- é o pensamento de que todas as criaturas podem ser budas, que elas porém não o sabem e morrem na dor; sobretudo o pensamento de que chegadas à condição humana, elas morem sem ideal."

O TEMPO E A VELHICE. --- Amargo fruto do tempo, a Velhice. A velhice sem remédio, sem cura, sem esperança. O velho está duplamente fora da vida: no corpo e na alma. Lá diz o Dhammapada, em sentenças justas e verdadeiras:

"Que prazer, que alegria pode haver num mundo devastado pelos tormentos?"

XVI

RECONHEÇO que estou levando muito tempo para enunciar esta verdade, no contexto deste meu livro de confissões e confidências pessoais: sou um vero cultor das tradições. Não que eu seja um idólatra do passado e da tradição, mas sou indubitavelmente um tradicionalista. Um tradicionalista, no bom sentido do termo. Tão sereno sentimento justifica a citação de um famoso escritor ocidental:

"Tradição não quer dizer que os vivos estão mortos, mas que os mortos estão vivos."

(Chesterton)

A verdade, inegável e indiscutível, é que as cousas passam, morrem... Morrem e ficam lá atrás, como que empalhadas, no museu da história.

O natural destino das coisas é "passar". Tudo passa. Irrecorivelmente. Contudo, muito do que passou deve ser ~~acatado~~

"Olha esta pobre forma mascarada, esta massa de elementos malsãos, cheia de enfermidades e vãos desejos, onde nada mais resta.

"Esta forma frágil acabada pela velhice, que é senão ninho de doenças, de decrepitude e de corrupção? A morte é a sua vida.

"Que alegria pode haver ao contemplar esses ossos embranquecidos, dispersos como abóboras no outono?

"Nesta fortaleza construída de ossos recobertos de carne e sangue, moram a arrogância e a simulação, a decrepitude e a morte."

"Nosso corpo tende para aniquilamento certo."

"Envelhece o homem ignorante, à menira do boi; aumenta de peso não de sabedoria."

Ai está: ~~semelhante-se,~~ o velho, com seu corpo trôpego, a um burro velho, que não anda mais nem a riço e forte chicote no lombo... A mente, a imaginação quer gozar, mas o corpo não atende a esses apelos...

A CÓLERA. - A ira, ou cólera, é uma das propriedades do Inferno. (As outras são a cobiça, a inveja e o orgulho). É perigoso viver sob o império da cólera; a irritação permanente mexe com as ilhotas de Lengherans, daí surgindo o terrível mal da diabetes.

Há ainda a notar o seguinte: as palavras pesadas, coléricas, são cheias de sofrimento. Elas denotam claramente o profundo desespero interior de quem as profere. Ditas contra pessoas inocentes e indefesas, elas retornam contra os que a pronunciam ("choque de retorno"). Injuriar inocentes é ação perigosa para o injuriador, como afirmam todos os mestres espirituais da humanidade.

ASPECTOS RELIGIOSOS DA CULTURA PINHALENSE. - Sempre gostei de adentrar a nossa majestosa Igreja Matriz (cujo traçado arquitetônico se deve a Henrique Florence).

Sempre apreciei as feições dos santos, que reproduzem os ícones bizantinos. Sempre causaram-me admiração os santos em

pedra, tantos os pequenos como os em tamanho natural, estes colocados fora do interior dos templos, postados nos pátios ao lado da igreja.

Lembro-me vivamente, por ocasião dos ofícios da Semana Santa, de tudo o que aprendi acerca da civilização bizantina. Estes ofícios multiplicaram os Aleluias e os Gloria Patri, cousas que estão a revelar-nos que estamos assistindo, ou melhor, que estamos revivendo a paixão de um Deus.

Repetem-se, em PINHAL, os ofícios orientais da Semana Santa; tais ofícios --- convém lembrar --- destacam com energia, salientam com grande realce a dor humana de Jesus.

Muito embora se frisasse que era o Logos que era atrozmente supliciado; era o Logos que tanto padecia e que, por fim, morria. Mas, como bem se sabe, Jesus foi também verdadeiro Homem, sofrendo humanamente o horrível suplicio do Gólgota.

Atentemos para isto, com a devida atenção:

"No Oriente foi celebrado o concílio de Calcedônia, que definiu duas naturezas em Cristo, contra Rútiques ao qual se atribuía a afirmação de que a natureza humana do Senhor não era inteiramente "consustancial" à nossa, isto é, não inteiramente semelhante; o concílio de 681, em Constantinopla, precisou a existência de duas vontades e de duas energias em Cristo."

(Charles Moeller)

Nisto, como em tudo o mais, há escritores com estreiteza de visão bastante aflitiva. Escrevem livros agradáveis, mas vazios e, não raro, falsos. Por exemplo, não compreendem o Surrexit, a Ressurreição do Cristo. "Também Cristo sobre o céu, melhor que os aviadores" --- dizia o encantador Apollinaire. Porém, em tal ascensão arrasta o universo inteiro: "Cristo subindo às alturas levou consigo a sujeição que nos mantinha cativos; deu seus dons aos homens", como disse São Paulo." (Charles Moeller).

PINHAL, no seu templo católico, traz-nos à lembrança as

imagens dos Cristos bizantinos ou romanos. Cristos de olhos grandes, tão eloquentes no sofrimento. Jesus olhava, em seu tormento silencioso... Seu olhar não é o dum mendigo alucinado --- mendigo de olhar alucinado, pobre miserável, aferrado à vida, pobre esgazado, "obstinando-se em viver"...

Cristos doces, pensativos, idealizados pela arte de Bizâncio. Um homem que já tinha no rosto a marca da morte. Resignado, embota talvez com o coração apertado por uma tristeza vaga e angustiante.

Já nos referimos, em páginas precedentes, aos Cristos arrebitados da arte barroca. "A alma do barroco é a exaltação do homem." Toca no cristianismo doloroso do Crucificado, em radical oposição à estátuas "felizes e harmoniosas" da arte grega. No entanto, é inegável existir em nós um menino grego e um menino cristão.

Numa palavra: o barroco tem em mira o "máximo de serenidade pelo máximo de movimento".

Como é bela a nossa Igreja Matriz, a Igreja Matriz de PINHAL. Igreja, templo sagrado, "casa de Deus", exprime uma visão religiosa do mundo, um lugar "habitado pelo silêncio dos fiéis".

Iconoclasmo ---- obra funesta de certos imperadores. Melhor dito: política iconoclasta de certos imperadores de Bizâncio.

O Papa, protetor das imagens sacras; assim o via o Patriarca; "nunca o iconoclasmo foi apoiado pela Igreja bizantina oficial."

A iconoclastia gerou isto; "centenas de monges foram metidos em sacos de couro e atirados ao Bósforo, por terem recusado condenar as imagens." Os motivos da política dos imperadores ainda não foram perfeitamente esclarecidos.

A verdade precisa ser dita: a iconoclastia não é católica. O Papa é o protetor, o defensor das imagens. Bobagem, disparate afirmar que o culto das imagens é feticchismo, politeísmo disfardado.

Gosto dos templos cujas paredes externas estão carregadas de ícones bizantinos. Sabem, os que estudam a iconologia, que

o Concílio de Nicéia "restituiu a dignidade à figura humana". É erro palmar falar-se em "culto" das imagens, cousa que esatiria beirando à idolatria. As imagens, na igreja ocidental, são toleradas, "desde que não passem de decoração nem sejam demasiado grandes." "O homem pode salvar-se sem ver imagens: mas não o po de sem o conhecimento de Deus." (Charles Moeller).

Sustentam alguns que não se deve aceitar, na Igreja, outra imagem al'm do Crucifixo. Tolerar, apenas, a adoração da "face humana dolorosa do Cristo bizantino ou romano". Tais imagens, como já foi dito, realçam sobretudo a dor humana, a agonia do Crucificado.

Temos, ai, a imagem do grande Cristo ocidental ---- o Cristo com "o olhar franciscano do boi e do asno". Imagem intensamente contemplada pelo povo miúdo ---- "este povo miúdo, que é simplesmente o povo cristão" (evocando-nos vagamente o povo fantástico de Vézelay).

No templo católico, recebemos "lição didática, espelho do mundo sagrado. A Igreja é perspicacíssima, possui uma perpécacia que obriga à admiração. A Igreja aceita (não como diz Malraux) a "impura comunhão dos homens". Cristo não se isola, na sombra do santuário, longe dos homens, do seu povo miúdo.

"As primeiras estátuas cristãs são as do Bom Pastor." O bom Pastor não teme a companhia dos "homens-cães" de Vézelay. O Menino Jesus, representado nas melhores igrejas, ~~xx~~ é um menino de olhos sérios, grandes, luminosos ---- um rosto sem sorriso ---- Criança inocente cuja imagem havia de obsidiar Dostoiévski. Como é belo e tocante o olhar de sofrimento inocente na criança!...

Temos, também, de admirar, na Igreja, a "solidão da figura de Maria". A Mãe de Deus é representada ou figurada sozinha, desacompanhada. "Toda a sedução bizantina está na figura, solitária no fundo da sua cúpula escura para que nada perturbe o seu diálogo com o destino."

Vemos, no templo, ajoelhada, a multidão que reza. Tem a Igreja, em Maria, o seu "icone escatológico". Impressiona ver a Mãe de Deus, em sua solidão, quieta, pensativa, no centro da sua cúpula.

Igreja: "palavra, música, drama vivo dos mistérios, ~~etc~~

drama imóvel das estátuas. Tudo ainda ocorre como na Idade Média.

Pedimos licença para parafrasear André Malraux. Penetremos na Igreja Matriz de Pinhal. Tudo no interior do templo atua sobre a alma. Ao entrar ali já nos sentimos purificados. "A igreja, simplesmente pela sua beleza, atua como um sacramento." A

igreja tem a sua atmosfera, o seu perfume, a sua luz, o seu calor, os seus claro-escuros, as suas penumbras. Ali, os sonhos são mais misteriosos. Aquele é um recanto da Jerusalém celeste, um recanto da cidade de Deus. Reina ali paz profunda, "o rumor da vida choca-se com as paredes do santuário e torna-se um rumor distante: eis aqui a arca indestrutível, contra a qual jamais prevalecerão os ventos."

A igreja, o templo religioso é lugar santificado e santificante. "Nenhum lugar do mundo enche os homens de mais profundo sentimento de segurança." (André Malraux).

XVII

APRAZ-~~ME~~ continuar ~~a discorrer~~ ^{a discorrer}, despreocupadamente, a respeito da nossa Igreja Matriz, o magnífico templo que se ergue, majestosamente, no coração da Praça da Independência, justamente o centro ou o ponto de onde nasceu e se irradiou para todos os lados a nossa progressista e encantadora cidade.

Verifica-se que neste majestoso templo, nesta pomposa igreja matriz, há muitas imagens de santos; internamente, são pequenos, mas, externamente, são de corpo inteiro. As imagens do lado de fora são talhadas em pedra, em concreto. Todas traduzem o que Malraux chamou --- cunhando uma de suas belas expressões --- a "moeda do absoluto". A arte é, com efeito, "la monnai de l'absolu".

Impressiona pela beleza a nossa severa Igreja Matriz --- templo de Deus povoado de ícones, de imagens de santos. "Os ícones são um prolongamento da Encarnação." A veneração desses ícones ou imagens é justificável, como ficou assentado no Concílio de Nicéia, em 787.

"O ícone é um meio sensível que comunica uma ^{certa} ~~essência~~ da

graça espiritual: a própria matéria se torna nele sagrada... Se abençoado (bento, benzido), serve nas cerimônias religiosas e é carregado nas procissões. Torna-se uma espécie de prolongamento, remoto, sem dúvida, mas real, da humanidade deificada de Jesus Cristo." --- "O ícone --- ou a estátua, o quadro, e em geral os objetos sagrados --- torna-se assim transparente a outra coisa, ao Cristo que evoca e que nós adoramos." (Charles Moeller).

A iconografia é de origem sobretudo bizantina. Através dela talhou-se o "belo Cristo", dando forma, figura e imagem ao "cristianismo doloroso do Crucificado". "O aspecto patético de Cristo... vem-nos da devoção dos monges instalados na Síria e na Palestina e que meditavam incessantemente a paixão dolorosa."

Capta, ainda, a iconografia, "o elemento humano, simples e temo", do drama de Jesus. Estas configurações nós as herdamos de modelos sírios, "enquanto os tipos mais hieráticos se inspiram na iconografia grega." (Charles Moeller).

"Tudo o que há de "patético" nos ofícios da Semana Santa --- por exemplo, a procissão de Ramos e a adoração da Cruz --- vem-nos da Palestina. Todos os ecumenistas sabem quanto, em face da liturgia "oriental" mais sensível, mais rica de cores, de cânticos e exuberância, a liturgia ocidental, sobretudo a romana, é sóbria, discreta, quase abstrata: a arte dos séculos XII e XIII é primeiro simbólica e depois estilizada; a verdadeira humanização (agonia, infância, sorrisos, etc.) só realmente aparece a partir do século XVI, sob a influência de textos sírios." (Charles Moeller).

Agradam-nos, sobremaneira, as representações iconográficas de Maria, a sexualmente inculcada. "A Virgem ficou "ex praevisis meritis Christi" isenta da mácula original (não a mancha o "pecado original" do qual todos os homens necessitam ser resgatados). "A santidade de Maria é apenas uma radiação da de Cristo; se não foi "resgatada" no sentido estrito, foi "preservada" pelos méritos de Jesus." (Charles Moeller).

A arte religiosa moderna preocupa-se com a Cruz de Cristo. Cruz, suplício dos "infames", dos "escravos"; os escravos eram cães para os romanos. A arte religiosa de nosso tempo realça ou sublinha esse aspecto "verme da terra" de Cristo na cruz.

Os "primitivos" (quem diabo inventou este termo verdadeiramente destituído de sentido?) os "primitivos" cuidam especialmente deste aspecto trágico da vida de Cristo. É de se salientar, também, que o sentido da grande arte sagrada foi-nos devolvido por André Malraux. Indiscutivelmente. Incontestavelmente.

Voltam-se os artistas, igualmente, para as representações do Menino Jesus. O Jesus-Menino, de olhos grandes, olhos luminosos e sérios; um Menino de extraordinária majestade. "A seriedade do Menino lembra o olhar profundo é sério dos Cristos bizantinos ou romanos." Há ausência do sorriso no rosto do Bambino; o "silêncio do pequenino rei" é perturbador. Impressiona a gravidade do Menino, sua seriedade é inesquecível. Comove-nos --- a nós, que vivemos fora do Evangelho --- a presença silenciosa, "a infância dolorosa que se não defende".

Meu assunto me permite e me deixa desviar-me para outras considerações, de natureza sobretudo impressionista.

Em PINHAL formei minha personalidade, dei-lhe os lineamentos essenciais, definitivos. Ocupa-se cada personalidade em desenhar seu autêntico e intransfereível perfil.

Sempre procurei fazer-me independente e fiel à limitação de meu destino. Vivi. "Viver é tratar com o mundo, dirigir-se para ele, atuar nele, ocupar-se dele." (Ortega Y Gasset).

Tentei viver "na entranha cálida e palpitante da vida". Quiz viver na vivera cruenta e palpitante da existência. Aceitei a mim mesmo, aceitei minhas limitações. "Todo ser é feliz quando cumpre seu destino." "Para aquilo que apreciamos temos gênio." (Schlegel). "O destino de cada qual é, ao mesmo tempo, sua maior delícia." (Ortega Y Gasset).

É preciso aceitar o problematismo essencial da vida --- o dramatismo radical da existência.

Há uma coisa extremamente importante em nossa vida: o

ambiente físico e moral. O ambiente --- como insinuou Ortega Y Gasset em sua hora --- exerce considerável influência sobre nós; "o ambiente --- diz o citado filósofo espanhol --- é um dos ingredientes de nossa personalidade, como a pressão atmosférica é um dos fatores que compõem nossa forma física." O ambiente aperta-nos, limita-nos... "Cada um de nós é, meio a meio, o que ele é e o que é o ambiente em que vive. Quando este coincide com nossa ^{peculiaridade} ~~peculiaridade~~ e a favorece, nossa pessoa se realiza por inteiro, sente-se pelo contínuo corroborada e incitada à expansão de seu âmago íntimo. Quando o ambiente nos é hostil, como está também dentro de nós, nos obriga a uma perpétua dissociação e resistência, nos deprime e dificulta que nossa personalidade se desenvolva e plenamente frutifique."

Sob o efeito do mau ambiente surgem, medram ou se dilatam as assim chamadas "neuroses situacionais", tratadas nas clínicas psiquiátricas. Falando com rigor, o ambiente indesejável achata, humilha nossa personalidade moral e intelectual.

Por outro lado, há, também, um tema curioso para o curioso analisar e estudar: "há uma tendência em fazer-se pouco a pouco arcáico." (tese de Ortega Y Gasset).

É o nosso envelhecimento, mais ou menos rápido. O nosso aniquilamento, o nosso desaparecimento como personalidade humana.

Para mim, a velhice é a morte em vida --- é o triste

epílogo deste "drama efêmero da vida". Todavia --- "e isto me importa deixar sublinhado em expressão formal" --- todavia somente envelhece quem quer. Escreveu Ortega Y Gasset, pensador madrilenho que tanto gostamos de citar: "Aquele que envelhece logo é porque quer, ou melhor, porque não quer viver, porque é incapaz de esforçar-se fereneticamente em viver. Parasita de si mesmo, sem agarrar-se bem no destino, o fluxo do tempo o arrasta ao passado."

Em outro tópico diz o mesmo pensador de Espanha: "Há quem conserva até a senectude um poder de plasticidade incansável, uma juventude perdurável que lhe ^{permite} ~~permite~~ renascer e reformar-se duas ou três vezes na vida. Homens assim costumam ter o caráter de precursores, e a nova geração presente neles um ~~tipo~~

irmão maior de advento prematuro. Mas estes casos pertencem à ordem das exceções, que no biológico, mais ^{que} ~~na~~ em nenhum outro reino, confirma a regra."

A juventude --- bem visto está, sem qualquer necessidade de demonstração --- a juventude pulsa e brilha no extremo oposto ao da velhice. A juventude é fogo, flama, a velhice é inverno, gelo. Vive o velho temerosamente, ao passo que o jovem vive impudicamente, audazmente, jovialmente.

Vive a juventude no reino do prazer, do desejo, do amor, da ilusão. Vive o homem jovem ávido de prazer, arrebatado pelos sentidos. "Deixa o espírito se demorar com delícia no meio das volúpias sensoriais." Tonto de prazer, deliciado em seu ardente apego aos gosos da carne. "Frende-se na própria rede de prazer, como a aranha na tela." (Dhammapada).

Os moços vivem ávidos de sugar as bocas doces como mel. Mas as paixões cegas, os prazeres desordenados dos sentidos subjagam, forjam para o homem pesadas cadeias. "O apaixonado destrói-se a si mesmo como o destruiriam os inimigos." "A perda da nossa geração é a avidez." (Dhammapada).

Moças e rapazes parece que nada mais fazem do que pensar em divertimentos e prazeres. Vivem com as mentes constantemente a excogitar novos prazeres sensuais para se deleitarem. Unem-se amiúde para alcançarem arrebatadores orgasmos --- para conhecerem e gozarem devastadoras delícias...

Seus jovens corpos crispam-se nas vibrações do prazer. Para eles, a vida sem a volúpia não vale nada. Não sabem viver sem a embriaguez dos sentidos.

Amam loucamente os prazeres sensuais da existência. Não conseguem abandonar a luxúria, nem suprimir as impurezas da mente, do espírito. Enredam-se na ilusão, "esta senda lamacenta, esta rota espinhosa do ciclo das vidas e das mortes."

A paixão é torrente de fogo, a ilusão é rede, o desejo é rio caudaloso... Os jovens amam a vida, amam a ilusão; bem longe estão da destruição das paixões que os arrastam para o abismo. Deleitam-se na impureza, dão alimento ao porco que dormita dentro de todos nós.

Moças e rapazes, hoje em dia, ardem no fogo da paixão.

Desejam-se com frenesi. E como prêmio desse louco desejo recebem a dor... "Do deleite vem a tristeza." O desejo sensual, uma vez saciado, gera o tédio, produz o fastio.

A decepção espera que vive preso pelos laços da paixão e da ilusão. A saciedade é o seu castigo. "A morte agarra o luxurioso e arrasta-o como o rio transbordado leva a aldeia adormecida." (Dhammapada).

Mas o desejo do homem pela mulher tem raízes profundas, subterrâneas, inextirpáveis. É praticamente impossível cortar ou extirpar essas raízes... Ama e deseja o homem, intensamente, a mulher, seja na realidade seja em sonhos... O mesmo acontece com a mulher, que deseja com loucura o seu amado companheiro...

O que o homem mais quer é possuir a mulher; o que a mulher mais deseja é ser possuída pelo homem.

A suprema aspiração do ser humano --- feminino e masculino --- é gozar todos os tormentos do prazer, todas as torturas dos nervos excitados. Todos amam o doce esporte do sexo. O orgasmo é absolutamente indispensável à felicidade humana. Sem a ~~felix~~ suprema felicidade do orgasmo não pode haver equilíbrio no psiquismo humano. Tal é a lição do genial Wilhelm Reich, com a qual plenamente concordamos.

Diremos, ainda, para terminar este capítulo: O desejo sexual é a coisa mais difícil de vencer. Nem o homem nem a mulher conseguem dominá-lo completamente. Pensamos, às vezes, que o extirpamos pela raiz, mas ele volta ainda e sempre. Volta, volta sempre, para nos atormentar e deliciar...

O desejo sexual é uma espécie de loucura branda, que persegue o homem durante sua vida inteira. A tentação carnal é uma das mais fortes, das mais difíceis de vencer. Para vencê-la, só mesmo caindo nela, como recomendava Oscar Wilde...

XVIII

O CURSO deste livro --- como o curso do rio Itararé, na fronteira São Paulo-Paraná --- "começou a manar num lugar, em seguida desapareceu sob a terra, deslisou rugindo por baixo do solo e, por fim, voltou a correr aqui."

Este livro, já o dissemos, é escrito de forma espontânea e impressionista. Procura mostrar, em pinceladas rápidas, as cousas de PINHAL. Entre as cousas que eu mais amo, em PINHAL, está o seu céu. O céu estrelado de Pinhal: "As estrelas, como Heine dizia, são inquietos pensamentos de ouro que tem a noite."

Consegui formar, em meu belo torrão natal, uma brilhante coleção de amigos. Obedecendo, sem o saber, ao conselho do Dhammapada, sempre procurei "escolher por amigos os seres nobres, sinceros e puros."

Tive, como a maioria sabe, uma firme formação humanista e religiosa. "O humanismo, não é dizer "o que eu faço, nenhum animal o faria"; é dizer, "eu repeli em mim o animal, e tornei-me

homem sem o auxílio dos deuses". Recusei o que queria em mim o animal. Encontrei a força e a honra de ser homem.

Sempre procurei viver como homem e não como rato. "Nada menos, mas também nada mais."

A "nossa vida" é fato básico, o fato fundamental, "o fato de todos os fatos". Nossa vida e seu horizonte --- o mundo; nisto tudo se resume.

"A vida humana --- escreveu Ortega y Gasset, num dos seus melhores livros --- a vida humana tem a condição inevitável de referir-se constantemente a um mundo íntegro, ao Universo. O homem --- se verdadeiro homem, entenda-se bem --- se preocupa do Universo, isto é, filosofa --- melhor ou pior --- técnica ou espontaneamente, de modo culto ou selvagem."

Com efeito, a filosofia nasce da própria vida; todo homem filósofo, ainda que elementarmente.

Em quanto a mim --- além de filosofar --- costumo contemplar certas e determinadas coisas. "Contemplar uma coisa implica manter-se fora dela, estar disposto a conservar entre elas e nós a castidade de uma distância." (Ortega y Gasset). Gosto excessivamente, por exemplo, de ver mulheres, de olhar as belas formas, as formosas aparências. Delicio-me em acariciar com o olhar lindos seios, lindas pernas de mulher. Sinto que me situaria, de bom grado, entre aquela espécie de pessoas a que o amigo Platão chamava de philothamones, ou seja, de "amigos de olhar", dos que vão a espetáculos. Meu Deus, serei eu um voyeur?...

Toda forma ou aparência tem natureza efêmera ou transitória; muito padece quem a elas se apegam.

Como já disse, gosto de filosofar. Filosofar é, no rigor do termo, não viver, assim como viver é, propriamente falando, não filosofar. Como disse Fichte, em palavras elevadas e clássicas, em ^{fórmula} de valor permanente: Philosophieren heisst eigentlich nicht leben, leben heisst eigentlich nicht philosophieren."

Sempre precisei de pouco para viver. Feliz de quem pode dizer como São Francisco de Assis: "Eu necessito pouco e esse pouco o necessito bem pouco."

Não me presumo ancião, mas vejo bem que já estou velho. O tempo, grande ceifador, chegou e ceifou os meus sonhos e quimeras.

No entanto, sendo um homem de raça quente, foi um jovem muito intenso. A juventude sem intensidade, é coisa morta, é peso morto, ramos secos...

"Ser é pura agilidade, mobilização incessante. Vem daí que o inerte, o apático, não quer mover-se, não quer ser; estaciona, contenta-se com anti-ser." (Ortega y Gasset).

O homem é um ser com problemas; é, rigorosamente falando, um ser problemático. "A única coisa não problemática num ser humano é justamente a sua problemática." É o que diz Ortega y Gasset, que acrescenta:

"No homem existem problemas. A vida formula ao homem desde sempre, problemas; problemas caem sobre ele, formulados por seu viver e que são os chamados problemas práticos." Mas há outros...

Como frisamos mais acima, contenta-se a vasta maioria ~~em~~ ^{com} viver e evita o filosofar; ~~segue~~ ^{segue} a lei da inércia, a lei do mínimo esforço. Filosofar é "o esforço intelectual por excelência".

Findaro liricamente apregoava: "Chega a ser o que és." Ou ainda: "Sê tu mesmo." Quer dizer, não infrinja este grande princípio ético: "sejas tu mesmo". Ser si mesmo e nada mais; ~~seja~~ ^{querer} aceitar o próprio destino, com sua grandeza e sua miséria, com todos os seus altos e baixos. Por conseguinte, não se deve ~~seja~~ ^{querer} ser o que não se é, o que fundamentalmente não se é.

Recomendação preciosa, excelente. Em quanto a mim --- "importe-me muito sublinhar isto" ---, sempre tenho me contentado ~~em~~ ^{com} ser a pobrezinha coisa que sou.

Sou pacífico. "Descansa na alegria o homem pacífico" --- diz o autor do Dhammapada. Sei o valor da saúde. "É a saúde o maior bem, o contentamento a melhor riqueza" --- acentua o mesmo Manual da Ética Budista.

Conheço e cultivo o valor da amizade. "O amigo fiel é o melhor parente." (Dhammapada). Segundo a Bíblia, quem tem um amigo fiel, tem um tesouro.

Ainda o Dhammapada: "É bom ter um amigo certo. É bom ficar satisfeito com tudo o que acontece. É bom no fim da vida ter agido bem. É bom estar livre de todos os cuidados."

"É bom ser magnânimo. É bom conservar a fé. É bom adquirir sabedoria. É bom não praticar nenhum mal."

Há crenças vitais, fés queridas que se enraizam em nosso moi-profond, "no âmago recôndito de nossa pessoa."

Enfatiza Ortega y Gasset que "a verdadeira natureza do homem é ampla e consiste em ter dotes, mas também em ter falhas. O homem se compõe do que tem "e do que lhe falta". Carências ou ausências também fazem parte da personalidade humana. O homem experimenta uma profunda e substancial necessidade de conhecer, --- coisa, aliás, que bem no-la demonstrou Aristóteles ---, mas nem sempre possui as faculdades necessárias para alcançar o desejado conhecimento. "Platão entreviu que a raiz do conhecer está precisamente na insuficiência dos dotes humanos, está no fato terrível de que o homem "não sabe". O homem é a insuficiência vivente, o homem necessita saber, perceber desesperadamente que ignora. Ao homem lhe dói sua ignorância."

É desesperadora a insuficiência de nossos intelectos. Bem fraca é nossa inteligência. A inteligência --- não se divide disto --- está na periferia do nosso ser. A inteligência, esse simples acarelho de resliver problemas. "A inteligência --- salienta Ortega y Gasset, tão amide citado neste livro --- a inteligência não é o fundo de nosso ser. É exatamente o contrário. É como uma pele sensível, que cobre o resto de nosso volume ^{intimo} ~~superficial~~ o qual é ininteligente, irracional. Pertinentemente o dizia Barres: "L'intelligence, quelle petite chose à la surface de nous." A inteligência é uma só em todos, mesmo que uns tenham dela maior porção que outros. Mas a que tenham é igual em todos, 2 e 2 são para todos 4. Aristóteles e o averroismo acreditaram que todos éramos, enquanto inteligentes, uma ^{só} ~~uma~~ inteligência. (Vale dizer, há um único nous ou intelecto no Universo).

Numa palavra: o que nos individualiza não é a inteligên

inteligência mas o que está por detrás dela.

Seria a vida uma alucinação, uma fantasmagoria? "Um sonho monótono e correto, uma alucinação tenaz e quotidiana?" Quem filosofa não crê na realidade do mundo exterior. Esse mundo exterior --- tudo o que nos rodeia --- é para o filósofo idealista uma vasta alucinação.

Escreve José Ortega y Gasset: "Há coisas das quais é forçoso dizer que há mas não existem. Assim, por exemplo, o quadrado redondo, a face sem lâmina nem cabo ou todos esses seres maravilhosos de que nos fala o poeta Mallarmé --- como a hora sublime que, consoante ele, é "a hora ausente do quadrante", ou a mulher melhor, que é "a mulher nenhuma".

Sobejamente percebe o leitor que, para o filósofo, o homem, é "a besta divina carregada de problemas." (Ortega y Gasset).

O nosso maior problema é, sem dúvida, a nossa solidão. "Existimos sozinhos no universo, cada um (cada consciência) é, em sua própria essência, solidão, profunda solidão." (Ortega y Gasset).

Cada um de nós é uma individualidade peculiaríssima, uma subjetividade totalmente solitária e única no mundo, no Universo.

Cada um de nós é um "ser fechado, sem poros, sem ^{jane-}~~luxuras~~las." Somos pura, exclusiva intimidade. Solidão essencial, radical.

"A alma vive como numa cidade sitiada --- óser én ~~nos~~
poliorchia, na expressão dos cirenáicos.

Cada um de nós está aprisionado dentro de si mesmo, fecha-se no círculo de sua privacidade. O homem é prisão e, ao mesmo tempo, prisioneiro. (Ortega y Gasset).

"Estou perpetuamente arrestado dentro de mim." Sou um ser único e incomparável. "Sou um... só. O elemento de que estou feito, o fio de que estou tecido é solidão." (idem).

É o homem um ser subjetivo, reflexivo, íntimo e solitário. Segundo ~~Segundo~~ Leibniz, somos a mônada "na qual nada pode entrar nem sair, porquanto vive de si mesma, fonte original que verte sua própria riqueza íntima!"

O homem é um ser metido em si, voltado a si, dono de si.

Nenhuma alma é mais solitária que a alma cristã. A alma cristã fica sozinha, sozinha com Deus. Disse Ortega y Gasset: "O cristianismo é o descobridor da solidão como substância da alma."

"A alma é o que verdadeiramente é quando está sozinha. E não há outra forma de entrar em companhia com Deus senão através da solidão, porque unicamente sob a espécie de solidão se encontra a alma como seu autêntico ser. Deus e, diante dele, a alma solitária; não há outra realidade verdadeira para o ponto de vista cristão, da religião cristã, não da chamada "filosofia cristã" (que é uma triste e estéril cadeia que arrasta o cristianismo).

(Frise-se, entre parêntese, que não há falar-se em, ou é impróprio falar-se em "filosofia cristã". O cristianismo é uma moral, uma ética, não uma filosofia. Cristo foi um moralista, não um filósofo. Façamos em Ética Cristã. que é o certo).

XIX

PRETENDO --- ambiciosamente demais? --- que este livro se abra como uma janela panorâmica sobre coisas, fatos, cenas, quadros, acontecimentos de PINHAL, contadas ou relatadas por mim de forma espontânea ou impressionista.

Nas derradeiras linhas de minha exposição anterior, acentuei o fato de que a subjetividade humana é um fato moderno, desconhecido dos gregos antigos. A antiguidade clássica ignorou essa grande descoberta de Descartes, fundada no "Cogito, ergo sum."

É esta uma tese finíssima da modernidade, ~~produto do espírito moderno.~~ ^{produto do} Fruto do heroísmo intelectual característico do humano filosofar.

Santo Agostinho --- não podemos deixar de acrescentar isto --- Santo Agostinho, o fundador da ideologia cristã, o santo da inteligência, um gênio da sensibilidade religiosa --- "foi o primeiro pensador que entrevê o fato da consciência e do ser humano como intimidade." O bispo de Tagasta descobriu o homem "como absoluto interior, como intimidade. E, como Descartes, no fundo

dessa intimidade encontra Deus." (Ortega y Gasset)

"A idéia da consciência que aflora em Santo Agostinho vai amadurecendo durante toda a Idade Média, dentro desse escolasticismo que tanto se desprezou, porque não se lhe estidou nada, permanecendo desconhecido mesmo para os escolásticos sobreviventes." (idem).

Finalmente, Shakespeare foi o primeiro dramaturgo europeu a introduzir o elemento "consciência" no teatro moderno, coisa que não existia no teatro grego clássico, com Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Em lugar da "consciência", o que havia era o Destino, o fado, o fatum.

Mostramos, também, que as pessoas dadas à filosofia negam a realidade do mundo externo, tese que assusta o bom burguês e que ~~xxx~~ choca-se com o ponto de vista da vida corrente. Tal tese não na aceita a mente não-filosófica do filisteu. Afirmar a irre realidade das coisas é afirmar, sem comiseração, algo que para o bom burguês é um disparate, um puro absurdo.

"O bom burguês habita sempre num dos andares de nossa própria pessoa." (Ortega y Gasset). O bom burguês não filosofa. "A maioria dedica-se tão apenas a viver e prescinde do filósofo. Para o velho herói ~~romano~~ ^{romano}, pelo contrário, era necessário navegar e não era necessário viver. "Navegar, é preciso..."

O bom burguês é prático, ativo e não contemplativo. "Sempre se dividirão os homens nestas duas espécies, das quais formam a melhor aqueles para os quais precisamente o supérfluo é o necessário. No pequeno pátio do Oriente se eleva, doce e trêmula, como um repuxo de fonte, a voz ungida de Cristo que admoesta: "Marta, Marta --- uma só coisa é necessária." E com ela aludia, diante de Marta laboriosa e utilitária, a Maria amorosa e supérflua."

Os gregos, desconhecedores da consciência, conheceram entretanto o método da dúvida. Foram legítimos precursores de Descartes e dos cépticos modernos, como Hume e Kant. Mas, ouçamos Ortega Y Gasset:

"Os gregos, mestres soberanos no teorizar, exercitaram exemplamente e até o fim essa virtude de duvidar. (A dúvida metódica é a condição do conhecimento

científico). Sobretudo as escolas titularmente chamadas cépticas não deixaram nada por fazer, nesta ordem, aos tempos posteriores. Nem Descartes, nem Hume, nem Kant foram melhores mestres da dúvida que os académicos gregos, isto é, não foram de superior cepticismo. Ativa e passivamente demonstraram o caráter ilusório do conhecimento. Não podemos saber o que são as coisas. No máximo podemos dizer o que nos parece que são."

Quer dizer, conhecemos o fenómeno, não o "noumenon", a "coisa em si".

---Permito-me o luxo de ser sincero nas confissões e confidências que enfeixo neste livro.

Tenho relatado com naturalidade e sem empeços de ordem moral todas as decisivas peripécias de minha vida. Não tenho escondido nem disfarçado nada.

Em PINHAL --- falo do meu tempo --- moças e rapazes ^{exis-}~~maxx~~ tiam fingindo-se deusas e deuses de ocasião. Saíam a passear de mãos dadas pelos jardins da cidade. (Jardim, em hebreu-egípcio, significa "paraíso"). Com efeito, o que eles faziam nos jardins era realmente paradisíaco... Sei, porque tomei parte nesses passeios.

Devo falar da sedutora moça pinhalense. A moça de Pinhal tem razão em procurar ser bela. "O amor para uma mulher nasce por sua beleza."

A beleza é o que mais chama a atenção na mulher. "Para que uma mulher se enamore de um homem é preciso que ele consiga chamar sua atenção", --- ou que consiga despertar sua imaginação.

A mulher atua com doce e aparente não-atar, suportando, cedendo; como Hebbel dizia: "Nela o fazer é padecer" --- durch Leiden tun.

A Mulher vence, domina o Homem. Não há a menor dúvida quanto a isso. Ela não pode lutar frente a frente com ele; "tem, pouco a pouco, insinuando-se, que domestica-lo, conquistá-lo, mantê-lo com uma irreal música, como Orfeu seduzia as feras. A mulher usa a tática inortal da femerilidade, que ^{não busca}~~maxx~~ impor-se por

imposição, como o homem, mas passivamente, atmosfericamente. A mulher vence pela suavidade, pela doçura, pela mansidão."

Fingindo ceder, mantém as rédeas da situação, conduz o homem para onde quer.

O surpreendente, o que intriga e pede esclarecimento é o fato que agora vou narrar.

---Eu consegui ^{chamar} ~~atirar~~ a atenção da moça cáldia e palpitante, despertei a imaginação da princesinha dos meus sonhos. Melhor dizendo: consegui --- oh, felicidade rara --- ser amado da moça que, julgo eu, era a mais bela e atraente da cidade.

Moça infernalmente doce, infernalmente bonita. Coxas longas, cheias e assetinadas; seios macios, acariciáveis. Absolutamente tentadora e com a boca que era um ninho de beijos sublimos.

Enamorar-se de mim, que era o mais feio, o mais desenhado, desengonçado e torto rapaz da cidade, naquela época...

Amei a bela princesinha com amor e com desejo carnal. Com desejo de posse sexual. Não será preciso dizer, novamente, que é muito forte e difícil de ser extirpada ou cortada a raiz do nosso desejo pelas mulheres. Desejamos loucamente as mulheres; elas sabem disso e tudo fazem para aumentar ainda mais essa loucura...

"A mulher é amada, bem o sabe ela, e a sua grande tentação consiste em brincar com este amor, empregando-o para fins egoístas, para se fazer servir, adorar..." --- "A mulher é uma tentação para o homem, sempre fraco diante de seus encantos."

Sim, é verdade: abisma-se o homem na beleza da mulher! Mas, oh Eva querida, continui sim, continui nos tentando... Por favor, não páre de tentar... Não páre de levar-nos para os delirios tormentos do prazer...

O HOMEM-BRINQUEDO. --- O homem é um brinquedo nas mãos da mulher e nas mãos de Deus. Platão disse em As Leis, livro VII, 803 c.: "O homem é como um brinquedo na mão de Deus, e isso, ~~pois~~

poder ser jogo, é precisamente e em verdade o melhor nele. Portanto, toda a gente, homem ou mulher, deve aspirar a esse fim e fazer dos mais belos jogos o verdadeiro conteúdo de sua vida. Jogar, brincadeira, cultura, afirmamos, são o mais sério para nós os homens." (cfr. Ortega y Gasset).

---As moças impuras, serão belas? "A impureza destrói a beleza." O vício sulca, devasta as linhas puras dum rosto angelical ou belo, harmonioso. "A má conduta mancha a beleza da mulher." (Dhammapada).

"As más ações levam o homem (e a mulher) ao castigo." A fealdade é um castigo da devassidão, da corrupção de costumes.

---Sempre procurei ser autêntico, ser eu mesmo. Agir com genuidade, sem medo de errar. "O medo de errar --- disse o velho Hegel --- já é um erro e se se analisa se descobre em seu fundo um medo à verdade."

Quanto ao ser autêntico, escreveu Ortega y Gasset: "Em tudo, é preciso ser o que se é, sem gesticulação, em ^{séria autenticidade} ~~seria autenticidade~~, --- evitando ser o exagêro a máscara de proa de si mesmo."

Interessou-me, sempre e muito, a boa doutrina de São Francisco de Sales, que prega a "santa indiferença". Além disso, nunca deixei de procurar seguir o exemplo dos sábios, dos "homens bons", dos melhores homens. É esta a recomendação do Dhammapada: "Como a lua segue o caminho das estrelas, segue o exemplo do bom e do sábio."

Após ter conseguido conquistar minha relativa independência econômica, pude entregar-me ao puro cultivo das idéias, da literatura, da filosofia. "Nas idades primitivas da humanidade a existência humana era uma guerra sem descanso, com a natureza, com as coisas, e o indivíduo não podia entregar-se a outra atividade senão resolvendo sua vida material." (Ortega y Gasset). Mas, ainda hoje, a resolução dessa vida material absoverve considerável porção da humanidade sensível. As inquietações financeiras consomem a vida de boa parte do gênero humano, que luta dia e noite e noite e dia pela conquista do pão. Bem poucos são os independentes, os que realmente têm vida econômica folgada, ~~pois~~

podendo dedicar-se às coisas do espirito.

O primitivo não tinha, como as crianças, vida interior. Como as crianças, vivia com a atenção voltada para as coisas do mundo exterior, do mundo circundante. O mesmo faz aquele que deve, antes de mais nada, assegurar-se o bem estar material.

Direi ainda, para terminar este capítulo, que já a Morte acena-me... Sinto a aproximação do anjo da morte... "Dá-se o caso curioso --- e o tema mereceria ser tratado aparte, pois é assaz grave e importante" --- de eu não temer a morte...

Agora que alcancei a velhice, espero, confiante e sem medo, a amiga morte, que "me levará para sempre em sua mão imortal."

XX

CONTINUO a discorrer, ou melhor dizendo, a desdobrar aqui, minhas considerações espontâneas e de caráter impressionista, a respeito dos longos anos que vivi em PINHAL, minha estremita terra natal.

Tento versar, nestas obscuras páginas, "temas cálidos e próximos de meu coração." Muitos, quando empenhados em empresas idênticas, esmeram-se em "atirar frivolidades ao vento"; outros, escrevem de modo exatadamente oposto ao da frivolidade; e outros, ainda, ao ~~escreverem~~^{escreverem} o que se costuma chamar crônicas de saudades, "lançam pérolas aos porcos", como disse, certa vez, o nosso divino Mestre...

Olhando, agora, para o passado, em miradas largas e panorâmicas, posso dizer que fui romântico. Ser romântico é o mesmo que dizer ser mórbido, doente. Sofri a melancolia do jovem do meu tempo. Ensimesmei-me como todos os rapazes tímidos de minha época.

Angustiei-me, atormentei-me a mim mesmo. Fiquei o meu próprio peito com o aguilhão do sofrimento amoroso. Padei muito com as secretas devoções que as moças lindas da cidade me inspi-

inspiravam, despertavam em meu pulsante e tímido coração.

Aspirava, talvez como nenhum outro, a tal felicidade bête de amar e ser amado. Sonhava sobretudo com mulheres inacessíveis, mulheres lindíssimas mas casadas, impossíveis de serem conquistadas ou de se tomarem pasto de minha sensualidade juvenil. Tinha portanto de contentar-me em amá-las em segredo, de adorá-las em imaginação, em meus ardentes sonhos eróticos. Com efeito, nenhum de nós cessa de amar: ou amamos na realidade ou em sonhos...

Procurava ser espontâneo, viver espontaneamente, naquela doce terra de ^{entardeceres} ~~entardeceres~~ esplendidos. PINHAL --- "cidade em que vivi, em que sonhei, cidade que levo para sempre pousada na alma."

O eu é romântico em sua essência? É o que tenho me perguntado muitas vezes. Vimos, em páginas precedentes, que a filosofia idealista descobriu o eu, ou a realidade primordial da consciência, da nossa subjetividade. Vimos, igualmente, que "o eu é ser encoberto, íntimo, fechado sobre si mesmo" como um molusco. O ingênuo realismo dos gregos e dos escolásticos nada sabiam da subjetividade profunda do homem. "Para o grego o eu era um pormenor no Cosmos. Por isso Platão não usa quase nunca a palavra egó. No máximo dirá --- emeis ---, nós, isto é, a coletividade social, o conjunto público dos atenienses, ou então o grupo menor dos fiéis a sua Academia." (Ortega y Gasset)

"Para Aristóteles o eu-alma é como uma mão --- ós cheir --- que palpa o Cosmos, se amolda a ele para informar-se dele, mão implorante de cego que desliza entre as coisas." (idem).

O eu, por fim, tornou-se a primeira verdade da teoria filosófica, fez-se mônada na filosofia de Leibniz, converteu-se num pequeno mundo íntimo, num microcosmo e é, "consoante o próprio Leibniz, um "petit Dieu", um microteos. Carreira brilhante, a do eu...

Deixou-se de falar do "eu ^{ingênuo} ~~ingenuo~~ da antiguidade"; as pesquisas modernas da filosofia tornaram-no eu íntimo dos românticos. "O eu é intimidade; é o que está dentro de si." Os cépticos mudaram o ser substancial, à grega; mudaram o ser inerte da ontologia grega.

"Temos vivido até agora enfeitados, encantados pela Grécia --- que é, em verdade, encantadora." Assim falou Ortega y Gasset, que prossegue, impavidamente: "O magistério da Grécia terminou: os gregos não são clássicos, são simplesmente arcaicos --- arcaicos e, isso sim..., sempre maravilhosos. Por isso mesmo nos interessam muito mais. Deixarão de ser nosso pedagogo, começarão a ser nossos amigos. Conversaremos com eles; contradizêmo-los no mais essencial."

Daremos, agora, com a permissão do leitor, um novo giro ^{espiral} de nossas considerações.

--- Qual era a missão, a tarefa do meu tempo? E o ~~Zeitgeist~~ ^{Zeitgeist}, o "Espírito da Época", qual era, no período em que vivi em PINHAL?

Escreveu José Ortega y Gasset: "Todo tempo, rigorosamente falando, tem sua tarefa, sua missão, seu dever de inovação --- mais ainda, muito mais ainda --- literalmente falando, tempo não é, em última verdade, o que medem os relógios, porquanto tempo é --- repito que literalmente --- tarefa, missão, inovação."

Não acho boas palavras para exprimir, resumidamente, todas as verdades de minha época, todas as coisas introduzidas no mundo no período pinhalense de minha vida.

--- O tempo, que consagrei ao amor, ^{trouxe-me} ~~trouxo-me~~ a convicção de que o amor é uma mentira maravilhosa, uma aparência falaz; o amor é, com efeito, uma ilusão --- uma ilusão, que o escora, que o alimenta e que verdadeiramente a é.

--- Tenho procurado a companhia de amigos. Ter amigos é ter iguais.

Tenho procurado ter o valor de ser sincero comigo mesmo. Autoridade pública durante mais de 30 anos, ^{docilmente} ~~docilmente~~ tenho me colocado sob a égide da lei e do direito.

Professor --- eis o que sempre quis ser, o que mais desejei ser na vida. Nesta vida que agora velozmente se encaminha

nosso próprio perfil."

"Vida é o que somos e o que fazemos." Somos aquilo que fazemos sempre. "Viver é ir, vir, fazer isto ou aquilo, pensar, querer ou não querer, etc." --- "De quando em quando, nossa vida parece adquirir súbita tensão, como encabritar-se, concentrar-se e densificar-se: acontecem-nos coisas de importância." Há, de certo, uma variedade de acentos, entre atos de minúscula significação e atos de grande importância ou intensidade; existem horas culminantes, de mistura com a "plebe de nossos minutos habituais."

Há a periferia do viver, como há o centro palpitante do viver.

"Todo viver é viver-se, sentir-se viver, saber-se existindo." --- Viver é "a descoberta incessante que fazemos de nós mesmos e do mundo em torno." "O primeiro atributo da vida é o ver-se a si mesmo. O ver-se a si mesmo é o atributo essencial e primeiro da própria vida."

"Primo vivere, deinde philosophari." Primeiro devemos viver e só depois filosofar. É certo dizer isso, é certo falar assim, contanto que estejamos certos disto: que viver é "saber o que fazemos", encontrar-se a si mesmo no mundo e ocupado com as coisas e seres do mundo.

(Paremos por aqui; prosseguiremos neste tema no próximo capítulo).

XXI

CONTINUAREMOS, com a permissão do leitor e conforme declaramos no final do capítulo anterior, a dar seguimento às considerações pertinentes a uma definição do que seja "nossa vida", a vida de cada qual no mundo.

Já mencionamos, no lugar próprio, que "minha vida", em PINHAL foi um misto de alegrias e tristezas. Coisa, aliás, que acontece com a vasta maioria das pessoas, porquanto é certo que "nosso coração é sempre ferida de dor ou de delícia."

Aqui estamos apresentando um resumo cruelmente abreviado da doutrina orteguiana, a qual afirma que, em suma, "viver é encontrar-se no mundo."

Proseguindo diz o notável pensador madrilenho: "O mundo em que ao viver nos encontramos se compõe de coisas agradáveis e desagradáveis, atroz e benévolas, favores e perigos: o importante não é que as coisas sejam ou não corpos, porém se nos dizem respeito, nos interessam, nos acariciam, nos ameaçam e nos atormentam."

"Mundo é sensu stricto o que nos diz respeito. E viver é achar-se cada qual a si mesmo num âmbito de temas, de assuntos que que lhe dizem respeito." --- "Não há viver se não é num orbe cheio de outras coisas, sejam objetos ou criaturas; é ver coisas e cenas, amá-las ou odiá-las, desejá-las ou temê-las. Todo viver é ocupar-se com o outro que não é ele mesmo, todo viver é conviver com uma circunstância."

"Viver é, evidentemente, em sua própria raiz, achar-se diante do mundo, com o mundo, dentro do mundo, submerso em seu tráfego, em seus problemas, em sua trama irrequieta." --- "O mundo é inseparável de nós; nascemos juntos com ele." --- Vitalmente pessoa e mundo são como esses casais de divindades da antiga Grécia e Roma que nasciam e viviam juntas: os Dióscuros, por exemplo, casais de deuses que costumavam denominar-se divi consentes, os deuses unânimes."

SOMOS JOGADOS NO MUNDO.

Atiram-nos no mundo. Entramos no palco da vida, sem ~~nenhuma~~ qualquer preparação. É lei da vida: somos governados pelo inesperado, pelo imprevisto.

SOMOS IMPELIDOS POR VENTOS DESCONHECIDOS.

Diz Ortega y Gasset: "Vivemos aqui, agora. Encontramo-nos num lugar do mundo e nos parece que viemos a este lugar liberrimamente." Aqui viemos sem termos consultados. "Não somos livres para estar ou não neste mundo que é o de agora. Pode-se renunciar à vida, mas se se vive não se pode escolher o mundo em que se vive. Isto dá à nossa existência um gesto (um colorido) terrivelmente dramático. Viver não é entrar por gosto num lugar previamente escolhido a vontade, como se escolhe o teatro depois do jantar --- porquanto é encontrar-se de pronto, e sem saber como, caído, submerso, projetado (jogado) num mundo impermutável, neste de agora."

"Nossa vida começa por ser a per pétua surpresa de existir, sem nossa aménia previa, naufrágos, num orbe impremeditado. Não nos damos a nós a vida, porquanto não-la encontramos justamente ao encontrar-se conosco. Em suas linhas fundamentais, a vida é

sempre imprevista. Não nos anunciaram antes de entrar nela --- em seu cenário, que é sempre um concreto e determinado ---; não nos prepararam."

Continua Ortega y Gasset: "Este caráter súbito e imprevisto é essencial na vida. Seria bem outra coisa se pudéssemos preparar-nos para ela antes de entrar nela. Já dizia Dante que "a flecha prevista vem mais devagar". Mas a vida em sua tonalidade e em cada um de seus instantes tem alguma coisa de tiro que nos é disparado a queima roupa."

Outras reflexões essenciais --- orteguianas --- são estas:

"A vida nos é dada --- melhor dito, nos é atirada ou somos atirados a ela, mas isso que nos é dado, a vida, é um problema que necessitamos resolver nós." Sim, compete-nos a nós resolver ou solucionar os problemas da vida, os conflitos e apuros existenciais. "Em outros termos: vivemos sustentando-nos a nós mesmos no ar, levando em peso nossa vida por entre as esquinas do mundo. A vida é premida pela ~~incessante~~ ^{incessante} necessidade de resolver o problema de si mesma."

A vida, já o dissemos, não pode ser prevista. A vida é imprevisível. "A um modo de existir previsível não cabe chamar-lhe vida. Esta não se sente prefixada. Por bem certos que estejamos do que nos acontecerá amanhã o vemos sempre como uma possibilidade. Em todo instante, nos sentimos como forçados a escolher entre várias possibilidades."

VIVEMOS NUMA ENCRUZILHADA DE OPÇÕES.

Devemos, continuamente, fazer escolhas, opções: eis um atributo dramático e essencial da vida.

Viver, não é fácil. Não é brincadeira não, como diz a canção popular. (Paulinho da Viola).

Depois de atirados --- ou jogados --- em nossa vida, cumpre-nos realizá-la. Ortega y Gasset diz "fabricá-la".

"Nossa vida é nosso ser." Somos o que ela seja e nada mais.

"Temos que decidir o que seremos."

Não há vida leve; isso a que chamamos "vida mansa" não passa duma imagem literária, metáfora. A vida é sempre pesada. A vida é sempre dura, penosa. Diz o nosso Ortega y Gasset: "A vida pesa sempre, porque consiste num levar-se e suportar-se e conduzir-se a si mesma. Só que nada embota como o hábito e comumente nos esquecemos desse peso constante que arrastamos e somos."

Raros ou esporádicos momentos de alegria amenizam a dureza habitual da vida "A palavra "alegria" vem talvez de "aligeirar", que é fazer perder peso. O homem "pesado" vai à tasca buscando alegria --- solta o lastro ~~de~~ aerôstato de sua vida se eleva jovialmente."

É penoso ter que decidir entre várias direções de idêntica intensidade. Veja o caso do asno de Buridan, paralisado entre a força de duas solicitações contrárias. A capacidade de decisão não é fácil de ter. "Somos forçados a decidir o que seremos." --- Vida é o que fazemos, é o conjunto de nossas ocupações com as coisas do mundo.

"Viver é constantemente decidir o que seremos." --- Nossas decisões decidem do nosso destino. Por exemplo, devemos casar ou devemos ficar solteiros, celibatários? Qual o ofício, a ocupação ou profissão que devemos escolher: a que nos dá prazer íntimo, realização pessoal, ou a que nos rende dinheiro, nos é lucrativa financeiramente?

Nossas decisões, mesmo as mais firmes, têm que receber constante corroboração; temos que reforçá-las, estimulá-las, alimentá-las constantemente --- temos que adubá-las, por assim dizer, para que não feneçam, não murchem, não se estiolem, não morram... Em suma, devem ser re-decidiadas (decididas novamente).

Devemos acentuar, finalmente, que ---: "Nossa vida é antes de tudo encontrar-se com o futuro. Coisa paradoxal, esta. "Não é o presente ou o passado o primeiro que vivemos, não; a vida é uma atividade que se executa para a frente, e o presente ou o passado se descobrem depois, em relação com esse futuro. A vida é futurização, é o que ainda não é." (Ortega y Gasset; o grifo é nosso).

Recapitulemos, por importantes, as idéias de Ortega y Gasset até aqui resumidamente expostas, nas mais das vezes usando-se as ^{próprias} palavras e expressões do Autor.

Disse o insigne filósofo madrileno: "A realidade fundamental é nossa vida." E acrescenta: Nós, para vivermos, precisamos matar nosso próprio passado, negá-lo, "mas não podemos fazer isto sem, ao mesmo tempo, ressuscitarmos o que matamos, mantê-lo vivo em nosso interior." Se ~~matarmos ou decidirmos~~ ^{matarmos ou decidirmos} ~~o passado~~ o passado de uma vez, para sempre, "não poderemos continuar negando-o, e porque negando-o, superando-o." De sorte que, rigorosamente falando, "superar é conservar." E também: "superar é herdar e acrescentar".

Em realidade, "os velhos conceitos perduram, mas com um caráter subalterno." As concepções antigas vivem no presente, mas com importância secundária.

Qual é a realidade fundamental e indubitável? "Achamos --- responde o filósofo de Madrid --- que não é a consciência, o sujeito --- mas a vida. A vida é a realidade mais importante e inclui, além do sujeito, o mundo."

"A realidade fundamental é "nossa vida", a vida de cada qual. Procura qualquer um falar de outra realidade como mais indubitável e primária que esta e verá que é impossível." "Nem sequer o pensar é anterior ao viver --- o pensar se encontra a si mesmo como pedaço de minha vida, como um ato particular dela." "Qualquer realidade que queiramos pôr como primária, achamos que supõe nossa vida e que o pô-la já é um ato vital, é "viver". Em suma: "a realidade única, indubitável é o "viver" e não o mero "cogito" idealista ou cartesiano; nem é, também, a "forma" de Aristóteles nem a "idéia" de Platão.

"A vida não é um mistério, mas exatamente o contrário: é o patente, o mais patente que existe --- e por ser assim, por ser transparente, nos custa trabalho reparar nisso. O olhar vai além, para sabedorias problemáticas e nos obriga um esforço detê-la sobre estas imediatas evidências."

"É evidente que viver é encontrar-se no mundo. Se me encontrasse, por exemplo, apenas comigo, eu existiria, mas esse existir não seria um viver --- seria um existir meramente subjetivo do idealismo."

"Permita-se-nos repetir o conceito central da doutrina orteguiana: "viver é encontrar-se no mundo." Mas que é, precisamente, o mundo? "O mundo--- responde o filósofo ---- o mundo é o contorno onde eu estou, a unidade que me envolve; estou intoxicado por esse mundo ou exaltado por ele. Mundo é o que acho diante de mim e à minha volta quando me acho a mim mesmo, o que para mim existe e sobre mim atua patentemente. Mundo não é a natureza, o Cosmos dos antigos que era uma realidade subsistente e por si, de quem o sujeito conhece este ou aquele pedaço (fragmento) mas que se reserva seu mistério. O mundo vital não tem mistério algum para mim, porque consiste exclusivamente no que percebo, tal e tal como o percebo. Em minha vida não intervém senão aquilo que nela se faz presente. O mundo, em suma, é o vivido como tal. Suponhamos que meu mundo se compusesse de puros mistérios, de coisas mascaradas, enigmáticas --- como o mundo de certas fitas americanas. Pois bem, isso, que eram mistérios, que eram enigmas, me seria presente, evidente, transparente e deveria dizer: o mundo como tal mistério e tal enigma; e deveria dizer: o mundo que vivo é um indubitável e evidente mistério, é-me patente seu ser, que consiste em misteriosidade, e seria exatamente a mesma situação se dissesse: o mundo é azul ou amarelo."

O filósofo foi claro, cristalino, diáfano, transparente --- ou foi obscuro como Heráclito? Falou com a obscuridade heraclitêia, obscura até à invisibilidade?

"O filósofo --- diz Gerd A. Bornheim --- vive no espaço da análise, e a sua virtude é o rigor."

XIII

SEJA-NOS permitido continuar a expor as interessantes e sugestivas doutrinas do filósofo ^{espanhol} ~~espanhol~~ José Ortega y Gasset, acerca da vida, do mundo, do destino, da condição humana. "Nossa vida" --- disse ele --- existe por si mesma, inteira-se de si, é transparente diante de si. Só por isso é indubitável ela e quanto forma parte dela."

Isto assim dito, prossegue com impavidez, com certeza e segurança: "Minha vida é diversa da tua, mas em ambas haverá uma série de ingredientes comuns. Esses ingredientes comuns são as categorias de "minha vida".

Viver é ocupar-se. "Ocupar-se é fazer isto ou aquilo --- é, por exemplo, pensar. Pensar é viver. Ocupar-me é fazer filosofia ou fazer revoluções ou fazer um cigarro ou fazer footing ou fazer tempo" --- ou fazer amor. É nisto que em minha vida sou eu."

Atente-se, também, para isto: o homem é um ser para. É um ser para isto ou para aquilo. Para viver; para morrer.

Há os que se ocupam em fingir que não vivem, que se fingem de mortos para muitas coisas --- para a vida, para o

prazer, para o dever, etc. Deixam de viver esta ou aquela coisa, fingem não vivê-las. É uma atitude fingida --- não insincera nem falsa ---; é um desviver ou um não-viver.

Dizia o velho Fichte que teorizar, filosofar, é propriamente não viver --- "precisamente porque é uma forma de viver: a vida teórica, a vida contemplativa."

"A filosofia é a tentativa que a vida faz de transcender de si mesma, de des-ocupar, de des-viver-se, de ~~desinteressar-se~~ desinteressar-se das coisas." Numa palavra: "o filosofar é uma forma de viver." Filosofar é levar um tipo essencial de vida. Para os gregos clássicos --- assim são chamados os gregos da antiguidade ---, filosofar era antes de tudo o bios theoretichós.

"Nossa vida é um achar-se ocupando-se nisto ou naquilo, é um fazer. Todo fazer é ocupar-se em alguma coisa para alguma coisa. A ocupação que somos agora baseia-se em e surge por um propósito --- em virtude de um para, do que vulgarmente se chama uma finalidade."

Nossa vida ~~não nos é dada~~ feita; nós é que temos que fazê-la. "Viver é achar-se num mundo não hermético, porquanto oferece sempre possibilidades."

"A vida se encontra sempre em certas circunstâncias, numa disposição em torno --- circum --- das coisas e demais coisas. Não se vive num mundo vago; vive-se neste mundo, aqui e agora. E circunstância é alguma coisa."

Proclama a doutrina ortegiana: "EU SOU EU E MINHA CIRCUNSTÂNCIA."

Mas que é, precisamente, isso que se chama circunstância? Responde-nos o notável filósofo de A Rebelião das Massas:

"Circunstância é alguma coisa determinada, fechada, mas ao mesmo tempo aberta e com largueza interior, com vão ou concavidade onde mover-se, onde decidir-se: a circunstância é um álveo que a vida se vai fazendo dentro de um rio inexorável."

"Viver é viver aqui, agora --- o aqui e o agora são

rigidos, impermutáveis, mas amplos. Toda vida se decide a si mesma constantemente entre vários possíveis. Astra inclinent, non trahunt --- os astros induzem mas não arrastam. Vida é, ao mesmo tempo, fatalidade e liberdade, é ser livre dentro de uma fatalidade. Esta fatalidade nos oferece um repertório de possibilidades determinado, inexorável, isto é, nos oferece diferentes destinos. Nós aceitamos a fatalidade e nela nos decidimos por um destino. Vida é destino." (o destaque é nosso).

Permita-se-nos recapitular este ponto assaz importante da doutrina de Ortega y Gasset: "A vida é, ao mesmo tempo, fatalidade e liberdade, é possibilidade limitada mas possibilidade, portanto, aberta."

"Vida é essa paradoxal realidade que consiste em decidir o que seremos --- portanto, em ser o que ainda não somos, em começar por ser futuro." (o grifo é nosso).

"Nossa vida" está alojada, ancorada no instante presente."

"Estamos ancorados no presente cósmico, que é como o solo que pisam nossos pés, enquanto o corpo e a cabeça se estendem para o porvir. O agora ou presente inclui todo tempo: o já, o antes e o depois."

Que somos nós seres humanos?

"Somos um feixe original de apetites, de afãs e de ilusões. ~~Vivemos no mundo~~ Vivemos no mundo evidentemente, dotados de um sistema de preferências e desdêns, mais ou menos coincidentes com o próximo, que cada qual leva dentro de si armado e pronto a disparar contra o a favor de cada coisa uma bateria de simpatias e repulões. O coração, máquina incensável de preferir e desdenhar, é o suporte de nossa personalidade."

Uma observação conclusiva do filósofo: "Não se diga, pois, que a impressão vem em primeiro lugar." Pois, como se disse, nossas preferências ou antipatias vêm já preformadas em nós antes de vermos as coisas. Numa palavra: "Todo viver é um incessante, original preferir e desdenhar."

"O humano viver constante antecipação e preformação do futuro. Sempre somos bastante perspicazes para aquelas coisas em que se realizam as qualidades que preferimos, e, ao contrário, somos cegos para perceber as que restam, mesmo que sejam perfeições superiores ou iguais, as que residem em coisas que estão em ordens estranhas a nossa inata sensibilidade."

O futuro nos seduz, magicamente. "O porvir é sempre o capitão, o Dux; presente e pretérito são sempre soldados e sub-oficiais."

"O decisivo não é a soma do que fomos, mas do que anelamos ser." Somos revelados pelo nosso apetite, pelo nosso afã, nossa ilusão, nosso ideal, nosso desejo. "Nossa vida, queiramos ou não, é em sua própria essência futurismo. O homem vai sendo levado du bout du nez por suas ilusões."

"A ponta do nariz é o que costuma ir na vanguarda."
(grifamos).

"O decidir isto ou aquilo é aquela porção de nossa vida que tem um caráter de liberdade. Constantemente estamos decidindo nosso ser futuro..."

"Agora é nosso tempo, nosso mundo, nossa vida. Vai esta decorrendo mansa ou revôlta, riacho ou torrente pela paisagem da atualidade, dessa atualidade única, desse mundo e desse tempo que com uma etiquêta abstrata chamamos 1929 depois de Cristo. Nele vamos incrustados, ele nos demarca um repertório de possibilidades e impossibilidades, de condições, de perigos, de facilidades e de meios. Ele limita com suas facções a liberdade de decisão que move nossa vida e é, diante de nossa liberdade, a pressão cósmica, é nosso destino."

"Nosso tempo é nosso destino." (o grifo é nosso).

Já que temos que nos forjar nossa vida, "forjemos uma vida bela."

"Porque a vida está constituída de um lado pela fatalidade, mas de outro pela necessária liberdade de decidir-nos diante dela, há em sua própria base matéria para uma arte."

"A beleza da vida está precisamente não em que o destino nos seja favorável ou adverso --- já que sempre é destino ---

mas na gentileza com que lhe formos a seu encontro e lavremos de sua matéria fatal uma figura nobre."

Isto é ter aristocracia, é ser um aristocrata, no ^{hom e} ~~xxxxx~~ elevado sentido do termo. É ser excelente no mais alto grau.

A vida consiste em termos "cuidado", em "cuidar" ---

Sorge, como diz Heidegger, com grande finura. "Viver é preocupação, e o é não apenas nos momentos difíceis, porquanto é sempre e, em essência, não é mais que isso: preocupar-se. Em cada instante temos que decidir o que seremos no seguinte, o que ocupará nossa vida. É, pois, ocupar-se por antecipação, é pre-ocupar-se."

"A vida consiste em ^{decidir} ~~xxxxxx~~ em cada instante o que faremos." Ninguém poderá viver despreocupadamente, mesmo que o pareça; no fundo, todos somos seres preocupados com alguma coisa.

que fazem o homem médio e a mulher medíocre? "Entregam-se ao unânime. Deixam que os costumes, os preconceitos, os usos, os clichés se instalem em seu interior, os façam viver a eles e tomem sobre si a tarefa de fazê-los viver. São ânimos fracos... Sentem um secreto pavor de ter que resolver por si mesmos, originariamente, os atos, as emoções; não querem assumir responsabilidade diante do próprio destino, querem dissolver-se na multidão anônima e sem rosto. É o ideal eterno do fraco: fazer o que faz toda a gente. Ser animal de rebanho, pertencer aos rebanhos de Panúrgio. Preocupam-se em ser ninguém, em ser Zé Ninguém, como diz Wilhelm Reich. "Querem, ^{em} última análise, substituir-se a si mesmos.

Ideal ou sonho impossível --- porque, em realidade, "não há jeito de fugir da condição essencial do viver."

Mais faço eu as coisas por ilusão, que por dever.

Tenho me esforçado o quanto posso a fim de depurar as expressões empregadas nos relatos deste livro, sem perder, naturalmente, a sua nota de sinceridade, o seu toque de espontaneidade.

Escrever me é penoso; sempre escrevo com dificuldade, com esforço. Escrevo como um escravo executa a sua tarefa; por obrigação. Creio que não sou um intelectual de vocação.

"Como intelectual não vim a este mundo senão para fazer e receber objeções. Assim, pois, as acolho encantado, e não só as acolho como as aprecio, e não só as aprecio como as solicito. Sempre sei extrair delas excelente vantagem. Se conseguimos rebatê-las nos proporcionam o praser do triunfo e podemos fazer o gesto do bom sagitário que colocou a flecha no lombo da peça; e se, pelo contrário, a objeção nos vence e até nos convence, que maior ventura? É a voluptuosidade do convalescente, o despertar de um pesadelo, nascemos para uma nova verdade e a pupila irradia, então refletindo esta luz recém-nascida. Portanto aceito a objeção: as objeções acertadas são a coisa mais agradável do mundo. Limpeza, clareza, exatidão são também as divindades às quais eu dedico um frenético culto," (José Ortega y Gasset).

Que fui eu, em minha juventude? Não hesito ^{em} confessá-lo: fui um romântico --- isto é, alimentava-me de exagero de impropriedade.

Golpes muito rudes, crudelíssimos ~~formam-me desafortunado~~ ^{formam-me desafortunado} pelo anjo da Morte: no dia de Reis (6 de janeiro de 1930) perdi meu pai, João Rocha, vítima de colapso cardíaco, ocorrido às seis horas da manhã. Cerca de dez anos mais tarde, em determinado dia de novembro de 1940, foi a vez de perder minha santa mãe, Antônio Amaral Rocha, vitimada por uma grave enfermidade do aparelho digestivo.

Perdi meus avós maternos, Silvestre Ferreira do Amaral e sua mulher Maria Ferreira Gomes. O óbito de meu pai ocorreu em casa de meus citados avós, situada na Praça Moreira Cesar (Largo do Mercado). Na mesma casa morreu meu ^{hom} avô. Minha mãe e ~~minha~~ ^{meu} avô faleceram na casa nº 43 da Rua Vigário Monte Negro

XXIII

AQUI continuo eu entregue ao afã de reviver o passado...

O passado torna-se real quando o revivemos. "O passado --- disse Ortega y Gasset --- sempre fiel, vai ao nosso lado, um pouco triste, um pouco inválido, como, nas caminhadas noturnas, a lua, passo a passo, nos acompanha apoiando em nosso ombro sua pálida amizade."

Julgo não ser inoportuno sublinhar, nestas páginas de saudades e de memórias, que tenho escapado ileso à tragédia ética do homem, a saber, o conflito entre o prazer e o dever. Neste particular, posso repetir, fazendo minhas, as palavras do notável pensador espanhol acima citado: "Em poucas vezes eu me julguei em deveres durante a minha vida. Vivi-a e a vivo quase inteira emulado por ilusões, não por deveres." Contudo, é bom que se frise que jamais sacrifiquei o dever no altar de meus interesses pessoais, jamais deixei de cumprir qualquer de minhas obrigações para satisfazer o próprio bem-estar.

Continua entretanto bem certo para mim este apotegma:

(num trecho urbano formado por três ruas e que o finado Alberto Jorge, jocosamente, chamava de "Território do Sarre").

Com o tempo, esta casa da Rua Vigário Monte Negro ficou tão velha, tão estragada, que, manter-se em pé constituía um prodígio, um milagre de equilíbrio. Isto novamente excitou o espirito pilhérico de Alberto Jorge, o qual, ao olhar para o edifício quase em ruínas, exclamava: "Sobrados e Mocambos", "Ruínas Vivas", referindo-se a duas então muito faladas obras de Gilberto Freyre e Alcides Maia.

Perguntar-me-ão, a esta altura: Por que é que a tal casa estava tão velha, tão estragada? Respondo: estava assim, quase caindo com os moradores dentro, porque minha mãe não tinha dinheiro nenhum para retocá-la ou reformá-la. De fato, a "Viúva Rocha", como minha mãe era por todos conhecida e chamada na cidade, não tinha dinheiro para nada. O que tinha, eram dívidas...

Minha mãe morreu justamente no ano de minha formatura como advogado pela Faculdade do Largo São Francisco. Esta foi a minha festa de colação de grau: a morte da melhor das mães...

Tenho três irmãos vivos: Benedita, Haydée e João (todos casados e com filhos). A estes irmãos de sangue eu, a bem dizer, não me preendo nem me ligo por laço afetivo algum. Basta dizer que durante estes anos todos de minha doença da coluna vertebral que me impede de andar livremente não fui visitado ou assistido por nenhum deles. Para eles, propriamente falando, eu não existo... Na verdade, porém, pago-lhes com a mesma moeda...

Datas capitalmente importantes em minha vida: deixei de beber --- vale dizer, deixei de ser alcoólatra crônico --- em princípios do ano de 1969. E dois anos depois, em setembro de 1971, deixei de fumar.

São, portanto, "datáveis" dois dos atos mais importantes de minha vida civil: o de abandonar o maldito vício do álcool e o abandono do tabagismo, vícios que contrairia bem cedo na vida. Fumei e bebi desde os 16 anos de idade.

Sempre fui acometido dos mesmos males que afligiram Emily Dickinson. Quer dizer, sofri incapacidade de falr com es-

estranhos, incapacidade para ser espontâneo e cordial. Contudo, sempre fui capaz de ser grato, nunca perdi a capacidade de agradecer, como ocorria com Robespierre, devido ao ressentimento que o corroía.

Sempre fui tímido, introspectivo, embaraçado, socialmente inibido. Nunca consegui vencer ou dominar o pavor de falar em público, de usar da palavra, de ser orador, enfim. Por esse motivo desisti da carreira de Promotor Público. Exerci, por quatro vezes esse honroso cargo, em caráter interino, nas Comarcas de Itapora, Limeira, São Simão em Crizeiro. Nomeações estas a mim atribuídas devido à interferência e apoio dos Doutores ~~Francisco Xavier~~ ^{Chico} Florença, Manequinho Vergueiro e Abelardinho Cesar, este último então Secretário da Justiça do nosso Estado. Exerci a Promotoria Pública nos de 1942 a 1944. No ano seguinte, 1945, me casei e fui nomeado delegado de polícia, com designação inicial para o município de Parapuã, comarca de Tupã.

Teria eu condições de ministrar ensinamentos aos jovens? Não o creio, sinceramente. Aliás, é vão todo o propósito de ensinar a juventude, se alimentado por um velho. Os conhecimentos dos que envelheceram já não têm valor; tiveram valor outrora, hoje não. Os velhos ensoleiraram noções inadequadas às novas gerações. Entesouraram para os filhos noções inúteis, imprestáveis, sem eficácia prática. Suas experiências tornaram-se inúteis para os tempos atuais. Em suma: os ensinamentos dos velhos são uma espécie de moeda falsa --- moedas de cãza --- sem valor para os tempos novos. Praticamente, vive o velho em vão; rigorosamente falando, vive para o nada.

Isto tudo que acabamos de dizer foi magnificamente dito, admiravelmente bem expresso por Roger Martin du Gard, em certo trecho de seu famoso romance Jean Barois:

"Durante muito tempo acreditamos que a vida é uma linha reta, cujos extremos mergulham a perder de vista nos confins do horizonte; depois, pouco a pouco, descobrimos que a linha está cortada, e se encurva, e que os extremos se aproximam, e se fma-
tmmxxx

juntam. O anel vai fechar-se. Vamos tornar-nos
uns velhos que apenas sabem dar voltas dentro do
seu círculo."

Dessarte, um velho pode ter brilhado em seu tempo, foi quem sabe notável, mas terminou não significando nada para as gerações recém-chegadas ao mundo. Seus conhecimentos e suas experiências ficaram congeladas no tempo e no espaço; os jovens rejeitam-nas, de bom grado. Fica o velho dando voltas sobre si mesmo, fechado dentro de um círculo.

Extremamente difícil é a ofício de ser homem. Escreveu esplendidamente John Stuart Mill: "Entre as obras do homem que a vida humana se dedica a aperfeiçoar e embelezar, a mais importante é com certeza o próprio homem... A natureza humana não é uma máquina a ser construída segundo um modelo e ajustada para determinado trabalho, mas uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se em todos os sentidos, segundo a tendência das forças interiores que a tornam um ser vivo."

"A filosofia é a tarefa do homem que se encontra perdido, para conseguir uma certeza fundamental que lhe permita saber a que ater-se em sua vida." (Luis Washington Vita). Ora, quem filosofia também sabe que a vida é problema, insegurança, naufrágio. Esta insegurança o homem busca vencê-la através da aquisição da certeza --- certeza que a análise filosófica pode dar.

Segundo a filosofia, o serviço pode salvar o homem. O ser que não se dedica ao serviço, apodrece ---; é um parasita. Um ser socialmente indesejável; um marginal.

Escreveu Rollo May, conhecido psicanalista de Nova York: "O ser humano, em suas profundezas, está basicamente só." "É inevitável ao homem que ele faça sozinho suas opções." Está cada qual sepultado em seu eterno isolamento: "nunca sei exatamente como você vê a si mesmo e você nunca sabe exatamente como eu me relaciono comigo próprio. Este é o santuário íntimo onde cada qual está sozinho, o que constitui em ampla medida a tragédia e o inevitável isolamento da vida humana; mas indica também que precisamos encontrar em nós mesmos a força para permanecer como

indivíduos neste santuário íntimo. E isto significa que, uma vez que não nos fundimos automaticamente com nossos semelhantes, precisamos aprender a amar uns aos outros por nossa própria decisão.

Involui, sofre o penoso e trágico fenômeno chamado "involução", aquele que renuncia ao desenvolvimento das próprias potencialidades. Ou como disse o citado Rollo May: "Qualquer organismo que deixe de cumprir suas potencialidades adoce. As pernas se atrofiariam (sofreriam anquilose) caso a pessoa não andasse. Mas seu vigor não seria a única perda. A circulação sanguínea, os batimentos cardíacos, todo o organismo enfraqueceria."

Igualmente, caso o homem não preencha suas potencialidades como pessoa humana, torna-se limitado e doente. Esta é a essência da neurose --- as aptidões em desuso, bloqueadas por condições hostis do ambiente (^{passado} ~~passado~~ ou presente) e por conflitos interiorizados, voltam-se para dentro, causando a morbidez. "Energia é a eterna delícia", disse William Blake. "Aquele que deseja mas não age cria pestilência."

Quem se obstina em não usar seus próprios talentos, em desperdiçar ou conservar inativos seus dons e capacidades ou aptidões naturais, "perde o senso da própria individualidade". Aquele que não preenche nem satisfaz sua condição de homem, "perde todas as suas potencialidades humanas." A alegria --- não a felicidade --- é o prêmio de quem bem emprega as potencialidades de sua natureza. A alegria -- o que os franceses chamam joie de vivre --- vem de o ser ter utilizado sua força. Fato capital na vida humana: usar sua própria força para auto-realizar-se. "Alegria e não felicidade, é o objetivo da vida; a alegria é a emoção que acompanha a realização da nossa natureza como seres humanos." (Rollo May).

sem frescores um pouco ácidos, infantis. Cidade talvez pensativa, seguindo um caderno, um lápis, uma caneta, uma porta de escola.

Rapazes e moças, no PINHAL do meu tempo, amavam à moda do livro Les corps tranquilles, publicado em pleno erotismo literário, ali por volta de 1945. Era um período de erotismo triste, traduzindo desencanto de viver. O amor era desprovido de lirismo jovem; sem nenhum frescor, ou marca realmente juvenil. Como disse Schopenhauer, a sensualidade entristece a pessoa; a luxúria é vício triste, como a masturbação.

O amor erótico é cheio de uma "espécie de frialdade naturista, que praticamente converte a chama pura do amor a uma necessidade fisiológica (ligação biológica dos corpos ardendo de desejos). Isto é, propriamente dito, fazer amor com tédio. Amor físico, puramente animal; mecânico, vazio. "Uma curiosa mistura de cerebralismo e impudor naturista marca esses "contatos de epídemas".

--- É um fato inquestionável a finura da sociedade pinhalense em todos os tempos de sua história. Sempre tivemos, em PINHAL, o gentleman --- variante inglesa de "l'honnête homme" do classicismo francês.

A sociedade pinhalense, como não podia menos de ser, sofreu os efeitos de uma "civilização afrodisiaca", como expôs Bergson em Les deux sources... Civilização com aspectos tão aviltados, que o filósofo somente a podia contemplar com grande e indistinto horror.

O erotismo quebranta a vontade de viver. Ora, é preciso coragem de espírito para se poder viver. Esta coragem --- salientou muito bem Bombard --- "não é teimosia de adolescente e sim a força flexível do homem adulto, apoiada num coração reconciliado consigo mesmo."

---PINHAL: cidade calma, tranquila, ia escrever silenciosa, sem o ruído contínuo, o incessante brulhã dos grandes centros urbanos. Ali não há o formigar de gente pelas ruas; não é um formigueiro humano.

PINHAL: "Sob o sol matinal, uma grande felicidade oscila no espaço."

Albert Camus, Noções

XXIV

OLHANDO, agora, para as cenas do meu passado, posso dizer, satisfeito, que sempre, ou quase sempre, agi cristãmente, obrei como bom cristão. A justiça de Deus orientou meus passos, a justiça cristã pautou minha conduta social.

"A pérola da justiça de Deus está oculta no coração da misericórdia." "A justiça cristã, sobre a terra, deve procurar incessantemente transfigurar-se para deixar transparecer em si a face do amor."

Sempre fui homem pacífico; em mim parecia refletir-se a paz do próprio Cristo. "Cristo era Rei pacífico. A Igreja, que herdou a realza devida de Jesus é também uma "rainha" pacífica. É uma mãe." (Charles Moeller).

Seria, a nossa PINHAL, uma cidade "masculina", ou "feminina"? Devem dizê-lo, ou deslindar esta questão, os que conhecem, os que sabem das coisas.

Cidade séria. Inocente? Pequena mas decente.

Cidade sem as "faceirices de cortesã envelhecida" ----

Jovens pinhalenses! Moças e rapazes de minha terra: um ideal, uma causa é preciso ser, sem demora!... É preciso que vocês, mais que moças e rapazes do século, sejam uma causa: a causa da Beleza, da Verdade, da Justiça.

Para muitos o Dever representa um valor absoluto, ao qual consagram a vida, irrestritamente; consideram como coisas supremas obedecer à sua consciência, fazer o bem sem saber a quem; enfim, sua dignidade está toda em cumprir fielmente o dever.

Muitos outros são como os girassóis: sempre voltados para o sol --- ou seja, representam a fidelidade, coisa ou virtude também muito bela, muito nobre, notável, digna de admiração. Outros mais trabalham a vida toda para a realização de um ideal muito elevado, situado a longa distância no futuro, "cuja busca angustiada constitui o valor da vida", a razão de ser da existência. Flaubert (e também o triste Kafka, tão frio e tão sozinho, tão insensível à música, a vida inteira uma criança desesperada, tiritando de medo e frio no seu "covil") deram a vida pela literatura; a Verdade consumiu a vida de Pasteur, do casal Curie...

E a Justiça? A esta deusa sacrossanta imolou-se o gênio maravilhoso de Proudhon --- de Proudhon, que escreveu estas palavras candentes: "Donde me vem esta paixão da justiça, que me arrebatava, me irrita e me indigna?... Não posso explicá-lo. É meu Deus, minha religião e meu tudo. E se pretendo justificá-la com razões filosóficas, não poderei consegui-lo."

Meditem os jovens acerca da cansativa intensidade, do fervor monótono dos heróis malruxianos. Pensem na "dureza do desejo voluntário", no "voluntarismo monolítico e crispado" dos heróis de Malraux. Heróis que são "aço fulgurante", e dominados por um "poder de negação sempre à espreita".

Jovens impacientes e dogmáticos, duros. Jovens que ~~enfrentam~~ enfrentam o Diabo; o Diabo, enfastiado, se retira; vai-se embora. "A sombra do esqueol (Scheoll) se aprofunda enquanto sobem as estrelas do dilúvio."

"A ÚNICA AVENTURA ESTÁ EM NÓS." (Charles Moeller).

"Os jovens têm medo dos mortos que descobrem em si--"

Muitas vezes são vítimas de voluptuosidade e de violência.

A aventura é jovem. Jovem é o atrevimento, a audácia, a ousadia. Sêneca, em ôro da tragédia Medéia, na versão castelhana de Miguel de Unamuno, diz, ao profligar o procedimento dos ousados:

"Sencillos tiempos, lejos de todo engaño, vieron nuestros padres. Cada cual, sosegado, anegado a sus riberas, envejeciendo en el patrio terruño, acandalado con poco, no sabía de más riquezas que de las le daba el solar nativo."

---Podemos rir, ou chorar. Seguir Demócrito, o filósofo que sorria. Sorria porque nas ações dos homens só há tolices. Ou seguir Heráclito, o filósofo que chorava. Chorava porque nas ações dos homens só há misérias.

Quanto a mim não sei se deva rir ou chorar. Talvez deva rir com lágrimas nos olhos.

Não esqueça o jovem que é preciso vigiar a alma, sempre pronta a ceder à perfida insinuação dos vícios e paixões. A alma --- disse Sêneca --- está "sempre pronta a se deixar desviar". Está sempre disposta a escutar as palavras malignas, a se deixar levar pelas seduções mais perigosas.

Fora do Brasil, houve ~~casas~~ casas em que os jovens não foram dignos, em que os jovens se aviltaram. Por exemplo, espantar, destruir o judeu, ou o negro, não os dignificava. Eles achavam que destruir um judeu, ou um negro, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ não era destruir um ser e sim uma coisa, um objeto, Encontravam honra nessa destruição.

"Os jovens nazistas eram ensinados a ser bondosos com os cães e gatos, e impiedosos com os judeus. Isto porque o nazismo é uma típica filosofia do tempo... Os judeus eram, ex hypothesi, obstáculos no caminho da realização do bem supremo, os cães e gatos, não. O resto se segue logicamente." (Aldous Huxley).

Proteção aos animais, perseguição a seres humanos; bondade para com os irracionais, intolerância, sistemática crueldade para com homens, mulheres e crianças: isto pode honrar, porventura, uma juventude?

Em PINHAL nunca tivemos uma juventude assim --- juventude

de olhar glacial, olhar de luz fria e cruel. Juventude cruelmente fanatizada e dogmática, que considerava sres humanos como meras coisas sem alma. Assim não eram, nunca foram, os jovens integralistas, de Plínio Salgado e

A mocidade pinhalense sempre teve "tesouros de ternura interior" -- tesouros nunca brutalmente destruídos ou espezinhados pela maldade, pela dureza, pela incompreensão.

PINHAL. Vem-nos, às vezes, o desejo de parafrasear um herói de André Malraux, em ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~

La condition humaine, ou seja, Clapbique, o qual chegou a evocar "as pequenas cidades cheias de adormecidos, abandonadas, com o seu casario irregular estendido sob a palidez do luar."

---É preciso tolerar --- compreender? --- a impaciência da juventude. Gísoro diz a May (ambos estes são personagens do famoso romance de André Malraux, La condition humaine) que

"São precisos sessenta anos para fazer um homem, sessenta anos de sacrifícios, de vontade, de... tantas coisas! E quando esse homem está feito, quando não há nele mais nada da infância nem da adolescência, quando verdadeiramente é um homem, só serve para morrer."

É necessário compreender que ninguém ainda é um homem, isto é, um verdadeiro ser humano, se as esperanças e os desejos fúteis ainda não se desvaneceram, se carrega dentro de si as impaciências e rebeldias da juventude. A maturidade humana vem devagar, custa a chegar. Assim pensam os realistas, e o deus dos ~~dos~~ realistas é também o nosso. Malraux e tutti quanti pensam dessa forma...

Ontem como hoje, parece prevalecer a seguinte doutrina: "O que faz com que um homem seja verdadeiramente homem, não são os êxitos temporais, as vitórias da inteligência, ou da arte, mas a solidariedade, o amor." (Charles Hoeller).

Trata-se aqui, é bem de ver, do amor fraterno, do amor cristão --- não do amor no sentido sexual do termo.

Um amor --- dizia o velho Mauriac --- resolve o problema da solidão do homem. Mas resolve, mesmo? Thierry Maulnier diz que não, diz que o amor não é solução para a solidão radical do homem. O amor --- diz o autor de La maison de la nuit --- "é o eterno mal-entendido que conhecemos." E esclarece, judiciosamente: "Não está provado nem é provável que o amor do homem e da mulher traga uma solução ao problema da existência; com certeza esse amor é fuga e refúgio, sonho e fábula, mistificação de um pelo outro e de cada um por si mesmo."

Isto é facilmente perceptível pelos olhos; aqui, o que os olhos vêem é verdade... Não é sabedoria de homem velho e amargo, de velho fatigado e desiludido...

populações do interior. No interior, a quase totalidade das pessoas é ressentida; o ressentimento ali é emoção comum, crônica e corrosiva. É uma tristeza verificar-se isso, pois, como bem se sabe, o ódio e o ressentimento são emoções destrutivas --- destroem mais quem as sente que aos outros.

Os mexicanos de uma cidade pequena --- viu-o tão claramente Nietzsche --- dão bem amostra de como a nossa "moralidade" é motivada pelo ressentimento. Trata-se, diz o autor de A Genealogia da Moral, não de moralidade mas de "moralina", algo cheio de ódio impotente ou um de um sentimento que vai lentamente minando e destruindo a própria pessoa que o experimenta.

Nos anos de minha juventude os poetas e escritores que mais liamos, que liamos avidamente, os meus companheiros de geração e eu, eram estes, entre outros: Benjamin Costalat, Berilo Neves, Pitigrilli, Coelho Neto, Vargas Vila, Olegario Mariano, Schopenhauer, Alvaro Moreyra, Paulo Setúbal, Olavo Bilac, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Humberto de Campos, Eça de Queirós, Guilherme de Almeida, José Ingenieros, Mário Mariani, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Guerra Junqueiro, Balzac, Flaubert,

Observação: A Questão Sexual, de Augusto Forel, era devorada sobretudo pelos jovens, ansiosos por conhecer os imaginários e hipotéticos males e desordens psicofisiológicas causadas pela má-turbacão... Como amiúde tinham as chamadas "poluções noturnas" queriam saber o significado do fenômeno, se era coisa natural ou coisa para preocupar-se com ela... Naquela época, igualmente, as doenças venéreas --- gonorréia e outras --- grassavam entre os jovens, que sofriam horivelmente para curá-las e nem sempre o conseguiam, de maneira completa ou radical. Todavia, ter uma gonorréia era fato sempre exibido como um galardão de glória, um penacho triunfal de macheza e dureza varonil... Outro fato, também relatado pelo jovem com muita jactância, era o do número de orgasmos que ele conseguia alcançar com a mulher que possuía carnalmente; todos nós que o ouviamos ficávamos de boca aberta, quando ele afirmava que "havia dado quatro", quase em seguida uma da outra...

Creio que já informei o leitor em algum ponto ou trecho

XXV

TIVE a sorte de haver nascido em Espírito Santo do Pinhal, cidade que é um "sorriso da terra", como sempre tenho dito e como também já acentuei num dos capítulos deste livro.

Em PINHAL vi transcorrer toda a minha juventude. Ali fui jovem, jovem com todos os apaixonados anseios de amor e sexo, peculiares a essa verde e inesquecível quadra da vida. Ali gozei prazeres que, bem sei, nunca mais se repetirão. Com efeito, as situações --- amorosas ou não --- não se repetem. Você teve nos braços a sua Dulcinéia, a sua bem-amada? Pois bem: "nunca houve uma situação idêntica antes e nunca haverá depois." E o prazer que se alcança num ato sexual é único: "o prazer que se obtém é sempre novo e jamais será sentido da mesma maneira."

Não me esquecem aqueles doces e radiosos anos juvenis. "Os rapazes sentiam-se mais potentes ao beijar uma jovem." Um simples beijo era tão notável como a conquista da moça ou a sua posse deleitosa e integral. Coisa digna de se contar aos amigos com o peito estufado de virilidade e vanglória...

Um fato deve ser ressaltado aqui: o ressentimento rói as

deste livro, que estou gravemente enfermo desde o dia 12 de setembro de 1971. A doença modificou, substancialmente, meu modo de ser. Devo declarar que, segundo penso, a doença tornou-me melhor. Disse Nietzsche que a doença talvez não nos torne melhores mas é certo que nos faz mais profundos. ("Genealogia da Moral").

Tenho vivido o quanto posso com intensidade, com gosto de viver, com apego à vida, com vontade de servi-la. Segundo o ensino dos estoícos, "é preciso viver para ser feliz".

Estar criativamente ocioso (inativo, sentado numa cadeira ou poltrona, meditando, mergulhado em contemplação interior) pode ser uma forma de viver intensamente. A ociosidade criativa (ficar horas e horas estendido a refletir numa chaise-longue) não quer dizer que a pessoa não esteja viva, ativa. Em realidade, não fazer nada, é a mais alta forma de fazer. Afastar-se, é fugir de si mesmo. O ativismo é enganador, ilusório. O ser é melhor que o fazer. É erro "supor que, quanto mais se age, tanto mais se está vivo." --- "Muitas pessoas estão sempre ocupadas só para distrair a ansiedade; seu ativismo é um modo de fugir de si mesmas. Elas obtêm um pseudo e temporário senso de vivacidade correndo de um lado para outro, como se estivessem realizando algo só pelo fato de se movimentarem, ou como se estarem ocupadas fôsse uma prova de sua importância." (Rollo May).

---Tenho percorrido, na vida, um caminho crivado de vicissitudes, obrigando-me, por vezes, a viver com certa dose de coragem, de destemor.

Para ^{enfrentar} ~~enfrentar~~ óbices e dificuldades tenho, sobretudo, usado a moral, a ética. Melhor dizendo, tenho me mostrado mais um "animal ético" do que qualquer outra coisa. De diversas maneiras tem-se conceituado o homem. Para uns, ele é um bípede abjeto, um mamífero biossocial; para outros --- entre estes eu me incluo --- o homem é um "animal ético". Potencialmente ético, convém esclarecer, porquanto, em realidade ou em verdade, nem sempre o seja.

---Fui, sempre, um atento observador do amor. Assim, sempre pude perceber o quanto o amor atrai, seduz, subjuga. Existem, nas pessoas de sensibilidade, forte tendência para entregarem-se de olhos fechados a quem as ama, a quem as quer muito ou com paixão, com desejo louco.

---Sempre ~~aconselho~~ ^{aconselho} aos jovens não se contentarem em ver somente o que está na superfície das coisas; devem eles buscar ~~ver~~ a realidade que se oculta por detrás da fronteira das palavras, por trás das paredes que envolvem os ~~seres~~ ^{seres} e as coisas. Assim procede o poeta, assim faz o filósofo. "O poeta ~~verifica~~ ^{verifica} o real." (Gerd A. Bornheim). "O filósofo vive no espaço da análise e a sua virtude é o rigor." (*idem*).

Que os jovens ocupem-se em perpetuar-se e em ultrapassar-se --- eis uma coisa que é ideal, sempre para desejar-se. Porque, se se limitarem a apenas conservar-se, então suas vidas serão apagadas, frouxas, mortas --- serão mera duração, simples não-morrer.. Em tal caso, comenta Simone de Beauvoir, "a existência não pode ser distinguida de qualquer absurdo vegetal..."

---Em Campinas, cidade estudantil por excelência, nos dois anos que frequentei o Colégio Ateneu Paulista (1931-1932), duas coisas significativas aconteceram para o meu desenvolvimento pessoal: fui eleito 1º orador do Grêmio Ateneuense Alvaro Ribeiro e fui redator, juntamente com o Calú, de "O Ateneu", órgão ou semanário daquele Colégio campineiro. Neste jornalzinho o plúmbeo Ubirajara Rocha começou a ensaiar suas primeiras tentativas de querer voar nas searas da grande literatura. Pobre coitado!... Que ilusão a sua, quão iludido estava então!...

---Em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, tive os seguintes contrérrneos como meus colegas de turma e de formatura (1940): Ivan Baldassari Vergueiro (já falecido) e Hélio Carvalho Fernandes.

Hélio, nascido em 21 de agosto de 1911; Ivan, nascido em 9 de junho de 1916.

---Lembro-me, agora, de alguns municípios e comarcas paulistas em que exerci o cargo de delegado de polícia, a partir de novembro de 1945: Itapui, Parapuã, Sarapuí, Cândido Mota, Boa Esperança do Sul, Mogi Guaçu, Aréias, Jambuí, Jaborendi, Pernambuco, Itapora (onde também fui Promotor Público), Lúcia (duas vezes), Paraíba, Caconde, Ubatuba, Promissão, Lorena, Pirajui, Pereira Barreto, São José do Barreiro, Pompéia, Piraju, Santa Cruz do Rio Pardo, Tanabi, Barretos, Itapeva. Desta

última fui removido para São Paulo (Capital); permaneci no interior cerca de quinze anos de minha carreira policial.

---Em 1º de fevereiro de 1931 --- primeiro ~~dia~~ dos quatro dias de visita do Cardeal ^{Dom} ~~Sebastião~~ Leme a Pinhal --- contava eu quase quinze anos de idade e residia em casa de meus tios Gabriel-Júlia Ferreira do Amaral (Rua Jorge Tibiriçá, 56), bem ao lado esquerdo da casa senhorial onde o Cardeal esteve hospedado (vivenda do distinto casal Eduardo-Vieira-Dona Nicota Leite Vieira).

UM FATO MAIS QUE CURIOSO: Em Pinhal, em dias do primeiro semestre do ano de 1973, choveu torrencialmente --- choveu a potes ---, provocando terrível inundação da cidade. Caiu sobre esta uma tromba d'água, enchendo perigosamente o Ribeirão dos Porcos, que corre no perímetro urbano. Em razão disso houve mortes de seres humanos e de animais, registaram-se destelhamento de casas, queda ou derribadas de edifícios, danos materiais consideráveis.

Contudo, não obstante a evidente calamidade desses eventos, a imprensa local nada publicou a respeito; a cidade chegou até a ficar desligada dos municípios vizinhos, mas os jornais --- que são os órgãos que fazem a história da cidade --- nada noticiaram, mantiveram-se mudos, em silêncio, como se nada houvera acontecido de grave. Permanece o fato, até hoje, como inexistente, historicamente falando. Perguntamos: Porque os pinhalenses fizeram isso? Qual a justificativa para semelhante atitude? Seria vergonha, humilhação, por sofrer tanto, uma terra protegida pelo Divino Espírito Santo?

---Mas... pensemos em outras cousas. Façamos uma trégua, e meditemos nisto: o homem é um ser essencialmente espiritual. O ser humano, evidentemente, é muito mais ~~mais~~ que um simples pacote de produtos químicos. O homem é, sobretudo, alma, espírito, consciência.

Devo confessar com toda sinceridade: sempre vivi num plano de amor livremente escolhido, num plano de responsabilidade e trabalho criador.

Tive, sempre, isto em mente: nossos atos nos seguem, o que praticamos nos acompanha. Nós nos punimos e nos premiamos a nós mesmos com o que fazemos, em plena liberdade moral. "Quem semeia colhe; e a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória." ---"Os que erram menos sofrem menos."

Os atos maléficos reagem contra quem os pratica.

"Deus é amor." Deus charitas est, como disse São João Evangelista. Assim, quem não ama é, necessariamente, um anti-Deus, a negação de Deus. Ou é, a contrariu sensu, Satã, demônio, genio do mal.

Expresso em outras palavras: Não verá a Deus quem for ódio ou quem não for amor. Não verá nem se unirá a Deus quem odiar ou for hostil para com algum ser da Natureza. Diz o Bhagavad-Gita, o maravilhoso poema cósmico dos hindus: "É querido de Deus quem não quer mal a ser algum, e, liberto de ódio e ^{egoísmo} ~~egoísmo~~, é benévolo para com todas as criaturas"---; quem é sempre sereno e paciente; quem a ninguém ofende neste mundo, nem se sente ofendido por ninguém."

Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente. O Deus imanente (Deus em mim) pode ser ofendido; o Deus transcendente (Deus fora de mim) é insuscetível de ser ofendido, não pode ser ofendido.

FIM DO PRIMEIRO CADERNO



Museu Municipal
Dr. Vergueiro Cesar
Espírito Santo do Pinhal

